

21/10_4/11/21

BSB PLANO DAS ARTES

distrito_aberto

BSE



bsb plano das artes

ANO

bsb plano das artes

bsb plano das artes



bsb plano das artes

ARTE



ANO

bsb plano das artes

BSE

bsb plano das artes

BSB PLANO
DAS ARTES

21/10_4/11/21

distrito_aberto

bsb plano das artes

Brasília – DF

ARTE

bsb plano das artes

©BSB Plano das Artes

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem autorização por escrito da coordenação do projeto.

Ficha catalográfica Catálogo BSB Plano das Artes – 28/10/2023.

B238c Barbosa, Cinara
 Catálogo BSB Plano das Artes / Cinara Barbosa
 (coordenação) – Brasília: Athalaia Gráfica, 2023.
 120 p. : il. ; 22x32cm

ISBN 978-85-62539-57-2

1. Artes. 2. Brasília, DF – Catálogo de artes. 3. Brasília, DF
– espaços de artes I. Barbosa, Cinara. II. Título.

CDU 7(817.4)(058)

Ficha catalográfica elaborada por Déborah Lins e Nóbrega CRB 1 nº 3308.





[...] Chegou em São Sebastião



[...] dá pra vir pela Estrutural pela EPTG e pelo pistão norte
[...] quando você fizer o retorno para entrar no Varjão
[...] e tem uma placa escrito Fazenda Barthô Naif

[...] e tem uma placa escrito Fazenda Barthô Naif

[...] chega no portão da Chácara Vilarejo, número 21

[...] e você vai dar em cima da casa da Casa Aerada

[...] para chegar aqui na casa da Bia Ayla

[...] você tem aquela caixa d'água grande que fica ali na Avenida ali

[...] quando você chegar na Panificadora Vicente Pires

[...] você vai ver à sua direita vendinha do Lago

[...] E aí você vai chegar perto do supermercado Atende-lar

[...] tem uma placa da Terracap

[...] a casa fica num condomínio ao lado do supermercado

[...] você vira a primeira à esquerda, uma rua de bloquete

[...] seque reto, seque reto, vai passar e contornar um pé de pequi

[...] a casa laranja , você não vai ter dificuldade de ver

[...] a casa laranja , você não vai ter dificuldade de ver

[illegible]

Apresentação	5
Espaços Convidados 1ª lista	8
Espaços Convidados 2ª lista	29
Convocatória Resultado do Processo de Seleção	39
Ateliês de Canto	50
Laboratório Educativo-Poético	56
Curso Livre de Crítica de Arte	67
Canal Plano das Artes e Rotas on-line	105
Endereços dos Espaços	115





O BSB Plano das Artes é um projeto voltado para promover visibilidade, sustentabilidade e profissionalização dos espaços de arte autônomos do Distrito Federal. Como parte desse propósito, são realizadas etapas de pesquisa, mapeamento, curadoria, sistematização, formação de equipes e circuitos de visitação. No entanto, para conhecer de fato o que o projeto é, significa e movimenta é preciso explorar também a experiência da arte como parte da vivência na cidade.

O BSB Plano das Artes foi idealizado para desenvolvimento e fortalecimento de um sistema das artes, compreendendo seus variados agentes, setores e espaços autônomos. Nossa intenção é promover condições de existência desse amplo sistema, que envolve artistas, mediadores, críticos, curadores, galeristas, produtores culturais e arquitetos de montagem; e seus espaços e instituições, como galerias, ateliês, escolas de arte e mais outros tantos modelos em criação, e com isso ativar desdobramentos em variados segmentos correlatos, como publicações especializadas e eventos de arte.

Em 2018, na 1ª edição, a ênfase do programa foi o sistema envolvendo as nossas ROTAS, por meio da indicação de circuitos por galerias, ateliês e centros culturais. Outro destaque foi o campo da mediação cultural, com a atuação de educadores nos 20 espaços participantes. Em 2019, para a 2ª edição, lançamos o tema O Lugar da Arte, dando continuidade destacada ao educativo, de modo a estimular a inserção profissional de mediadores. Naquela edição evidenciamos também ações visando ao debate sobre a formação de novos ambientes de arte, por meio dos espaços Pop Up Plano das Artes, desenvolvidos especialmente para o evento. Foi

realizada convocatória para possibilitar maior participação e descentralização, de modo a alcançar diversas Regiões Administrativas.

Para a 3ª Edição, realizada em 2021, apresentamos o BSB Plano das Artes – Distrito Aberto, projeto que ampliou ações no sistema, com o Curso Livre Crítica de Arte como parte da programação. Este catálogo conta com entrevistas com as curadoras e críticas, além de textos produzidos na atividade de formação. O educativo do projeto se firma como processo de construção de conhecimento e de prática da mediação com as experiências do Laboratório Educativo-Poético. Lançamos também um convite para o público conhecer o modelo híbrido, pois, devido às restrições da pandemia da Covid-19, e atendendo às recomendações da segurança da saúde no respeito aos protocolos

O BSB Plano das Artes foi idealizado para desenvolvimento e fortalecimento de um sistema das artes, compreendendo seus variados agentes, setores e espaços autônomos.

de convivência, higiene e distanciamento, adaptamos a proposta do evento sem as vans de transporte. Foram organizadas visitas remotas e presenciais adaptadas às circunstâncias por meio de **ROTAS On-line** com lives pelo nosso canal YouTube e **ROTAS Circuitos Presenciais Espontâneos** por meio de agendamento.

As rotas do BSB Plano das Artes invadiram o mundo virtual e ocuparam o nosso canal no YouTube. Para cada dia, uma cor, um tema e convidados. **A ROTA VERMELHA** abriu a agenda dos encontros com o título **Espaço de Teste**. Os participantes comentaram as condições dos processos de transição, pela estruturação de novos locais de seus espaços, inclusive nas redes sociais. **A ROTA AZUL - Grupos e + 1** reuniu gestores de espaços que constroem articulações coletivas para produções artísticas que são impulsionadas pelo papel de um agente articulador.

Espaços novos e criados pouco tempo antes da edição foram apresentados na **ROTA VIOLETA - Incursões**. Já a **ROTA OCRE - Espaços de estar** reuniu espaços híbridos que funcionam com atividades diversas, entre galeria, ateliê, cursos e acompanhamento crítico, com a finalidade de propiciar o deslocamento pela cidade e requisitar, do público, um modo de estar no lugar, aproveitando a localização em áreas verdes e descentralizadas.

Como forma de expressão de uma constituição múltipla de espaço cultural e casa, a **ROTA MAGENTA - Sistemas múltiplos** contou a trajetória profissional de seus gestores. Trata-se de uma rota voltada a conhecer cruzamentos de experiências com design, educação e práticas de artes, além dos modos de ser artista e editor. Os espaços dedicados às experiências com imagens e fotografias fizeram parte da **ROTA AMARELA - No lugar da imagem**, enquanto a partir da **ROTA LARANJA - (In)permanências** foram abordadas questões relativas à arte contemporânea atravessada pela tradição da pintura.

A atuação de mulheres empreendedoras de projetos como galeristas, artistas ou gestoras de espaço híbrido, promovendo a arte, a cidade e as relações profissionais e criativas da produção artística no Distrito Federal foi o tema da **ROTA VERDE - Trajetórias**. Os Materiais da arte e da pesquisa foi o assunto da conversa na **ROTA LILÁS**. Envolveu representantes de espaços

A dinâmica da organização dessa edição destacou a necessidade dos agendamentos prévios, de maneira a cumprir com regras de segurança nos locais devido ao período de pandemia.

atuantes – como professor-artista ou galerista-historiador – alinhados à ideia de que a arte é feita de investigação. É, portanto, uma rota dedicada a compreender como se dedicam a pensar, pesquisar arte e criar métodos. É possível que alguns espaços tenham uma existência pautada na constante reinvenção. **A ROTA MARROM – Organização Disruptiva** contou com relatos sobre realizações, associações, convites e compartilhamentos exclusivamente para mover, no espaço físico, quais são as possibilidades de existência de produções artísticas.

A **ROTA ÂMBAR - Próprio do lugar** encerrou a programação dos encontros, requisitando um olhar para trajetos e arredores do lugar onde estão instalados, como ateliê de pintura, ateliê de escultura, galeria comercial de shopping e galeria-ateliê que pertencem a zonas rurais, urbanas e bairros de trabalhadores. Provocam, portanto, reflexões sobre a amplitude da experiência com o local da arte e aquele ao qual pertencem. São espaços que nos instigam a pensar sobre que categorias são suficientes para abarcar as motivações que os conformam e a potência que os fazem ser próprios.

Para as **ROTAS Circuitos Presenciais Espontâneos** disponibilizamos um Guia interativo com canais de contato dos espaços participantes e acesso às localizações com os destinos Norte, Sul, Leste e Oeste. Nossa equipe sistematizou ainda essas informações e a agenda da visita em plataforma específica e atuante na gestão de eventos, deixando como contribuição a geolocalização dos espaços em canais de busca.

A dinâmica da organização dessa edição destacou a necessidade dos agendamentos prévios, de maneira a cumprir com regras de segurança nos locais devido ao período de pandemia. A equipe de produção realizou pesquisa sobre a capacidade espacial de cada lugar, estimando a quantidade de público em áreas internas e externas, para indicar o limite de pessoas,

Com isso pretendemos sinalizar a importância de se criar estratégias, com todo o cuidado, para o reencontro presencial com arte nos espaços autônomos do Distrito Federal.

além de fornecer suporte e orientar em relação a recomendações de segurança nos espaços.

Com o BSB Plano das Artes – Distrito Aberto procuramos refletir sobre as possibilidades de ampliação da ideia que se tem sobre a arte e de seus espaços de exposição. Nessa edição, intencionamos estimular a formação de público e sua percepção das complexidades do sistema das artes e seus contextos diversos. Desejamos levantar a infinidade de conexões que podem ser feitas para pensar a arte e suas capilaridades no âmbito da cidade. Convidamos o público para

conhecer, pensar e interpretar, em conjunto com a gente, os 42 espaços participantes da edição Distrito Aberto, que ocorreu de 21 de outubro a 4 de novembro de 2021, e envolveu 15 Regiões Administrativas do Distrito Federal.

A partir dessa percepção dos contextos que se identificam é que foram elaboradas as categorias dos espaços como galerias, ateliês, centros culturais e espaços híbridos, casa ateliê, ateliê rural, galeria digital, espaços pop up (exposições temporárias) e o novo conceito: ateliê de canto. Esta parte da ideia dos lugares adaptados na casa, ou espaços transitórios e possíveis em qualquer “canto”, para elaboração de processos de criação artística, de pesquisas e de pensamento. Com isso pretendemos sinalizar a importância de se criar estratégias, com todo o cuidado, para o reencontro presencial com arte nos espaços autônomos do Distrito Federal.



Cinara Barbosa
Idealizadora e organizadora do
BSB Plano das Artes

● espaços convidados 1ª lista



A Pilastra

Ateliê Cecília Mori

Ateliê Raquel Nava

Ateliê Taigo Meireles

Ateliê Valéria Pena-Costa + Projeto FUGA

Berço das Águas Nação Cerratense Atelier de Arte

Centro de Artes Visuarte – Studio Art MD'Azevedo
deCurators

Galeria Karla Osorio

Galeria Olho de Águia

Galeria Risofloras

Instituto Barraus Ateliê Camila Soato

ManoObra

Matéria Plástica Galeria

oBarco Estúdio

Oto Reifschneider Galeria de Arte

Pé Vermelho - Espaço Contemporâneo

Plano Imaginário

Referência Galeria de Arte

XXX Arte Contemporânea





12

A Pilastra

Criada em 2017, A Pilastra nasceu do desejo de exibir jovens artistas em desenvolvimento em um ambiente propício ao diálogo crítico e à troca de experiências. Durante a pandemia em 2021 em ambiente virtual, o espaço ultrapassou as fronteiras das artes visuais e manteve um trabalho de base com jovens artistas, curadoras, musicistas, atrizes e arte experimental e contemporânea em Brasília.





O Ateliê Cecilia Mori é o laboratório das investigações poéticas e ateliê da artista e professora universitária. No local, Cecilia Mori acompanha o andamento tanto de suas pesquisas práticas quanto teóricas sobre arte e sobre história da arte contemporânea e explora diferentes linguagens artísticas, como o desenho, a pintura, a instalação, o vídeo, a fotografia e a escultura.

**Ateliê
Cecilia Mori**

13





14

Ateliê Raquel Nava

Ateliê de criação, experimentação e produção de obras de arte da artista Raquel Nava. Parte do espaço é reservado para um gabinete de curiosidades, no qual Raquel guarda sua coleção etnográfica de acessórios e objetos encontrados com partes de bicho e obras, de sua autoria, com mesma característica.





Em atividade desde 2018, o Ateliê Taigo Meireles, localizado na região rural de Brazlândia, próximo à FLONA, reserva da floresta nacional, é um espaço destinado à pesquisa e à produção de desenho e pintura. Uma vista livre para o cerrado, luz, amplitude, silêncio e natureza são elementos que propiciam a concepção e criação artística do pintor Taigo Meireles. O ateliê foi concebido para receber mostras de arte e cursos.

**Ateliê
Taigo Meireles**

15





16

**Ateliê Valéria
Pena-Costa
+ Projeto Fuga**

Além de espaço de trabalho da artista Valéria Pena-Costa, o ateliê é um espaço que tem vocação para a coletividade e aprecia parcerias. O local também abriga o Projeto Fuga que consiste em movimentos seriados de mostras de arte, oficinas, ciclos de encontros culturais, residências artísticas e feiras diversas, tendo como evento especial a Feira do Fuga. Esta abre espaços democráticos para mostras que abrangem artistas em diferentes momentos de trajetórias e configura-se em um ambiente de aprendizado, legitimação e colaboração.





Casa e ateliê do artista carioca Rômulo Andrade, o espaço é um lugar apropriado para a criação poética e o recolhimento. No local, localizado próximo da mata onde nasce o córrego Capão da Erva, o artista conserva árvores nativas, brasileiras, frutíferas e de madeira nobre, reúne acervo de suas obras e de artistas brasileiros com quem conviveu e trabalhou em quarenta anos de mostras e atividade cultural.

Berço das Águas
Nação Cerratense
Atelier de Arte

17





18

**Centro de Artes
Visuarte - Studio
Art MD'Azevedo**

O Centro de Artes é um espaço dedicado às artes visuais há mais de 40 anos em Brasília. Instalado na Vila Telebrasil, o seu espaço cultural Studio Art Moreira D'Azevedo organiza exposições individuais e coletivas, promove conferências, palestras, workshops, recitais de músicas, sessões de vídeos, entre outras atividades.





A deCurators é um espaço híbrido de experimentação para artistas e curadores trabalharem as mais diversas linguagens e suportes. Criada em 2014 por Gisel Carriconde Azevedo, a deCurators é um espaço de arte contemporânea independente, não comercial, pensado como uma vitrine para exercícios de curadoria.

deCurators

19





20

Galeria Karla Osório

Criada em 2016, a Galeria Karla Osorio privilegia a produção artística inovadora e fomenta linguagens e técnicas diversificadas. Seu programa tem um foco importante em geometria, minimalismo e poesia visual, além do abstracionismo na pintura sobretudo. O espaço desenvolve um projeto de estímulo a novos colecionadores e de inclusão de artistas no cenário nacional e internacional.





A Galeria Olho de Águia, em Taguatinga, atua no campo da fotografia, cinema e novas mídias. O espaço representa não só um mirante que traz aos seus frequentadores um panorama do cenário artístico de Taguatinga e do Distrito Federal, como também oportuniza visibilidade, voz e protagonismo aos artistas locais para que possam expor suas impressões e representações do “local universal”.

**Galeria
Olho de Águia**

21





22

Galeria Risofloras

Inaugurada em 2018, a Galeria Risofloras é um lugar de ação, experimentação e formação de artistas, localizada na Praça do Cidadão, em Ceilândia (DF). O espaço tem como objetivos descentralizar as ferramentas culturais e descolonizar os olhares sobre as expressões artísticas periféricas.





Um ateliê oficina e uma pseudo cervejaria. Assim se autodefine o Instituto Barraus, localizado na zona rural de Planaltina (GO). Feito meio de barro, meio de restos de materiais de construção e um tanto de falta de parafuso na cabeça, o ateliê é um espaço onde se produz pinturas a óleo, esculturas e cervejas vira-latas.

Instituto Barraus
Ateliê Camila
Soato

23





24

ManoObra

Criada em 2016, a Galeria ManoObra é um espaço dedicado às artes visuais contemporâneas. No espaço da galeria vem sendo apresentadas exposições de variados artistas como Bené Fonteles, Renato Matos e Glênio Lima, além de abrigar cursos. O espaço abriga ainda o ateliê do artista e professor José Ivacy Souza.





A partir de 2013 a Matéria Plástica Galeria surge com o intuito de funcionar como um pequeno centro de apresentação, produção e divulgação da arte contemporânea. Dirigido pelo artista Luis Jungmann Girafa, o espaço promove exposições individuais e coletivas, produz feiras de arte e de livros, saraus musicais e poéticos e edita livros de fotografias e arte.

**Matéria Plástica
Galeria**

25





Fundado por Ádon Bicalho, o espaço funciona como estúdio e laboratório fotográfico desde 2015 e promove cursos e eventos relacionados a processos fotográficos histórico-alternativos em Brasília. No período da pandemia, passou a concentrar esforços no fornecimento de serviços de revelação e digitalização de películas fotográficas e insumos que vão desde filmes e químicos a câmeras analógicas.





Oto Reifschneider Galeria de Arte surgiu em 2006 com o objetivo de desenvolver pesquisa, projetos e participar ativamente da vida cultural da cidade, com a promoção de artistas e exposições. Ao longo dos anos, a galeria, que representa artistas nacionais e internacionais, consagrados e novos talentos, reuniu um amplo acervo de arte moderna e contemporânea.

**Oto
Reifschneider
Galeria de Arte**

27





Pé Vermelho Espaço Contemporâneo

Situada em uma casa na praça São Sebastião (ou praça da Igrejinha) em Planaltina (DF), desde 2018, o Pé Vermelho - Espaço Contemporâneo promove encontros da comunidade artística e cultural da cidade. É um espaço de formação, produção e promoção de arte contemporânea focado na produção não-sudestina e cerrantese. Além de oferecer oficinas de elaboração de portfólios, rodas de debates, sarais culturais, entre outras atividades, a casa é ateliê fixo de vários artistas, como João Angelini, idealizador e responsável pelo espaço e, Marcela Campos, artista e coordenadora de projetos.





Idealizado pelos fotojornalistas Zuleika de Souza e Cláudio Versiani, o Plano Imaginário tem o propósito de fomentar o diálogo com a fotografia. O local oferece cursos, palestras, experiências, curadoria, acompanhamento de projetos e venda de fotografias.

**Plano
Imaginário**

29





30

Referência Galeria de Arte

Em mais de duas décadas de atuação consolidada no mercado de artes visuais do País, a Referência Galeria de Arte representa artistas nacionais, posicionando suas produções em feiras, realizando a publicação de catálogos e produzindo exposições no espaço próprio e em outras instituições. A galeria sempre teve como proposta dar espaço para os artistas locais e apresentar artistas de outras cidades ao público brasiliense





A história da XXX Arte Contemporânea mistura-se com a trajetória profissional e pessoal de Rogério Carvalho. Tendo atuado por mais de duas décadas com restauro de arquitetura moderna e com colecionismo de arte e antiguidades, Rogério aproveitou a experiência e decidiu dedicar-se à galeria que possui foco na produção contemporânea brasileira.

XXX Arte Contemporânea

31





espaços convidados 2ª lista





Alfinete Galeria

Ateliê Christus Nóbrega

Ateliê de canto Pedro Gandra

Ateliê de canto Yana Tamayo

Ateliê Helena Lopes

Ateliê Sanagê Cardoso

Casa Albuquerque Galeria

Galeria Olaria, Arte e Design

GUAVA galeria

Par de Ideias



34

Alfinete Galeria

Alfinete Galeria se constituiu como galeria e escritório de arte em 2015. A galeria vem passando por variações de concepção e na distribuição de suas atividades entre dois espaços de funcionamento na cidade. Durante esse tempo realizou exposições, encontros musicais e lançamento de livros e cursos. Em 2021 o espaço foi compreendido por Dalton como um lugar com foco em atividades de processo de construção e experimentação artística.





O atelier Christus Nóbrega, ou como também é conhecida a Casa Onze, é o novo espaço de produção do artista e professor de arte da UnB. O espaço verde no Jardim Botânico, faz parte de uma busca por equilíbrio pessoal e profissional em um ambiente tranquilo, de estrutura ampla e estética industrial projetado pelo arquiteto Gero Tavares, seu companheiro. “É um atelier com um aspecto de fábrica de experimentação e testes, unindo tecnologias de ponta com tecnologias ancestrais”, define o artista.

**Atelier Christus
Nóbrega
| Casa Onze**

35





36

Atelier Helena Lopes

O Atelier Helena Lopes, dirigido pela pintora, gravadora e professora de arte, é um espaço híbrido para vivências artísticas. Contíguo à casa da artista, abriga cursos, oficinas, palestras, encontros e outros eventos no modelo presencial ou remoto. O ambiente foi planejado para ser ocupado de forma compartilhada com outros artistas e estudantes de artes, no qual cada um pode explorar suas pesquisas e produções, e dividir experiências.





A casa ateliê do artista Sanagê Cardoso tem o propósito de ser um espaço dedicado ao convívio com a arte contemporânea, em torno de ações e encontros. O projeto em desenvolvimento pretende abrigar parcerias e tem disponibilidade e vocação para eventos diversos em torno da arte. Abriga um jardim de esculturas, sala de exposição, escritório e ambiente para futura residência artística.

**Ateliê
Sanagê Cardoso**

37





38

Casa Albuquerque Galeria

A Casa Albuquerque Galeria de Arte Contemporânea é um desmembramento da galeria mineira Celma Albuquerque aqui na cidade. Os irmãos e sócios Flavia e Lúcio Albuquerque deram continuidade ao legado de sua mãe, fundadora da galeria de arte que leva seu nome, e contribuem para o desenvolvimento do mercado de arte nacional. No processo de instalação em Brasília, seus organizadores vêm demonstrando empenho tanto em apresentar uma produção artística potente em pesquisa, quanto o cuidado na construção de relações com artistas e agentes da cultura local, conduzidas pela coordenadora Luiza Vaz.





Criada em 2019, a Galeria Olaria Arte e Design nasceu da vontade de suas sócias, Sara e Leticia, de criar um ponto de referência em arte e design na capital, contudo unindo o moderno ao contemporâneo, a sofisticação à jovialidade e o design de mobiliário à arte. “Acreditamos em casa com personalidade. Que seja um pedaço da história e trajetória individual. Que seja uma ode ao caldeirão de referências e estilos que nos emocionam e nos encantam. E está tudo bem se essa configuração, tão particular, não encontrar eco nos padrões ou no gosto alheio. Porque a sua casa é sua: seu ninho, seu lar, sua alma. Um reflexo de você.”

**Galeria Olaria,
Arte e Design**

39



Translation: Flora Bahri, Guinho Nascimento, Júlia Godoy, Jonas Laura Fraiz, Mariana Destro, Sal Rosa, Wisrah Villefort, Yná Kabe Rodríguez

Curadoria de Thiago Granai

28.5–28.6.2020



“Translation” articula diálogos entre língua, identidade, cultura e imagem. Sobre o que que só determinado idioma e o que não se diz com palavras. Os trabalhos utilizam diferentes línguas de busca de dadas expressões e as exploram pela visualidade, junto a um repertório cultural imagens.

40

GUAVA
Galeria

GUAVA, em letras maiúsculas, como pede Mariana Destro, sua idealizadora, é uma galeria digital pré-pandemia e, portanto, pré- virada da implosão de exposições em redes sociais. Fundada em 2019, é uma plataforma de curadoria de exposições e projetos feitos especialmente para a internet. Com foco em arte contemporânea latino-americana produzida por artistas e ‘curadorias’ mulheres, ‘racializadas’ e LGBTQIA+, a proposta da GUAVA é de buscar na construção de um diálogo mais estreito entre a prática artística e os campos mais amplos da sociedade, sem nunca esquecer o caráter efêmero de um mundo em constante mudança.





O Par de Ideias é um ateliê voltado para práticas do fazer artístico. O ateliê escola foi idealizado por Maisa Ferreira e Julia Gonzales ainda no período de formação em Artes Visuais na Universidade de Brasília (UnB). A iniciativa tinha como propósito um ambiente de trabalho associado às demandas da produção visual das artistas, na convivência com outros profissionais em uma gestão autossuficiente. Entre as atividades realizadas foram desenvolvidos cursos de formação continuada, oficinas com professores residentes e convidados, grupos de estudo práticos e teóricos, feiras de arte, artesanato, publicações, exposições e bate-papos com artistas.

Par de Ideias

41





• •

planodasartes ESPAÇOS
CONVIDADOS 2ª LISTA

Olá, olá, olá!!!

A organização do projeto anuncia o resultado da convocatória para a seleção de espaços autônomos dedicados às artes visuais e ações participantes para BsB Plano das Artes – Distrito Aberto 3ª. edição. Lembrando que nesta edição de 2021 temos categorias específicas que consideram também os modos de existir e resistir no meio remoto. São iniciativas expandidas e alternadas entre espaços abertos ao público, lugares íntimos e privados de produção de artistas e ações que colocam em evidência o uso da cidade.

Os espaços selecionados pela convocatória se somam aos 30 convidados nesta edição do evento, que ocorre entre os dias 21 a 27 no modo remoto e de 28 a 31 de outubro com visitas espontâneas presenciais. Além de galerias, ateliês, centros culturais, espaços híbridos e casa ateliê, o BsB Plano das Artes – Distrito Aberto 3ª. edição contará com ateliê rural, ateliê de canto, espaço PoP Up e galeria digital.

Os escolhidos foram selecionados por uma comissão formada por membros da organização do BSB Plano das Artes.

#planodasartes #planodasartesdistritoaberto



Fuzja Studio
Galeria Savta
Pamella Anderson
Patio Galeria de Arte
Sandra Crivellaro
Vilarejo 21



44

Ateliê Hangar do Maravalhas

O Ateliê Hangar do Maravalhas é o local de produção das obras do pintor, desenhista e professor Nelson Maravalhas Junior desde 1994. O espaço serve para a salvaguarda de sua produção e também vem sendo compartilhado algumas vezes por outros artistas da cidade, como o artista Pedro Alvim. O espaço vem sendo dividido com a artista, produtora e companheira do artista, Nuára Visintin. O espaço está localizado na zona rural e área de Proteção Ambiental - APA. O artista pretende construir um Museu Rural para abrigar o amplo acervo, proporcionar mostras de outros artistas e vivência no campo.





A Casa Abya Yala é um espaço em construção e participa como uma versão de espaço Pop Up. Nesse processo de elaboração a casa está voltada para promover diálogo, respeito, diversão, criação e colaboração com foco na comunidade de Vicente Pires no DF. Prevendo o formato de casa-ateliê, está desenvolvendo uma programação que busca relacionar a produção artística ao desenvolvimento social, por meio de oficinas, exposições, grupos de produção, feiras e um jornal comunitário.

**Casa
Abya Yala**

45

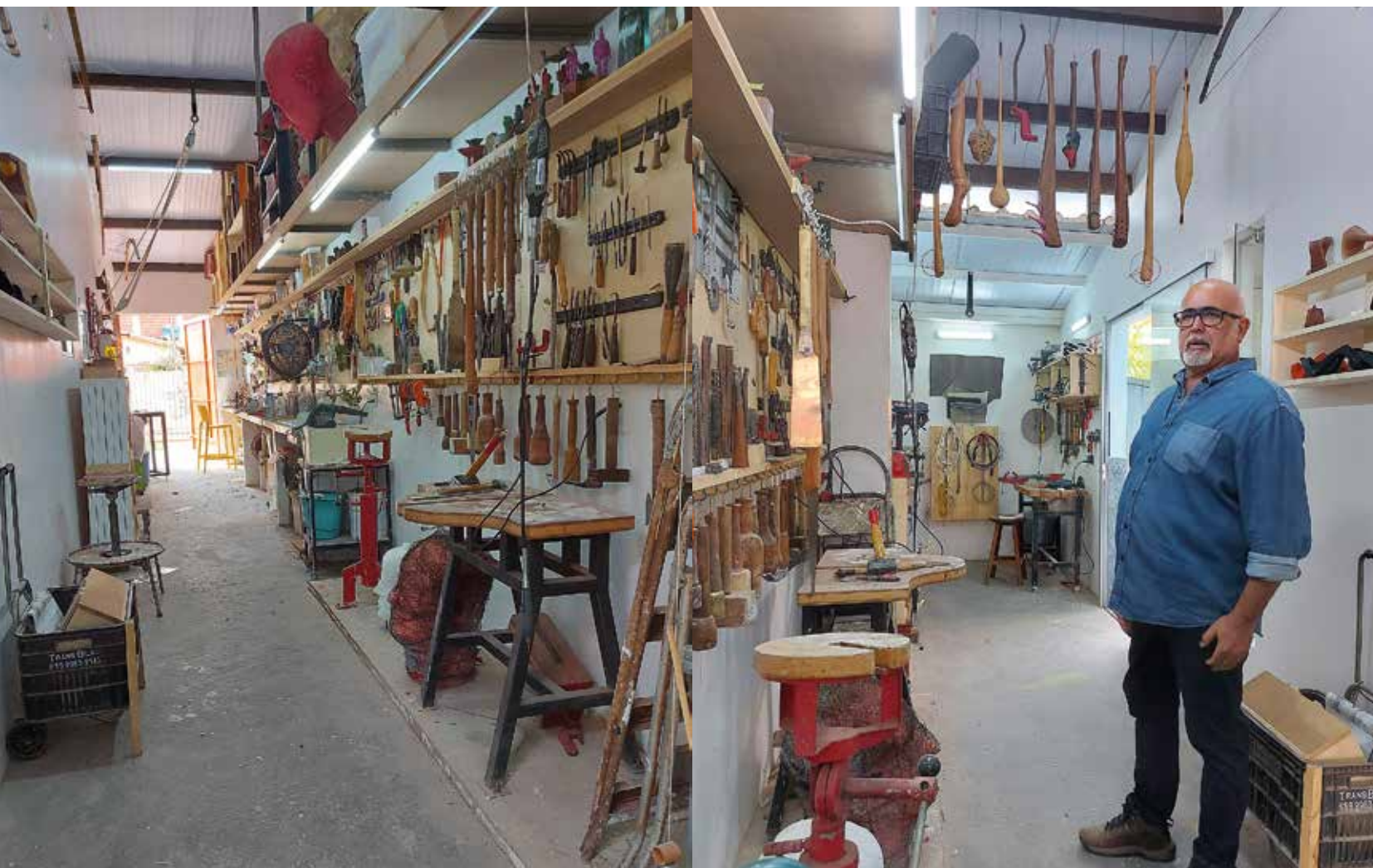




46

Casa Aerada Varjão

A Casa Aerada Varjão é um recente espaço autônomo de artes visuais no DF. Criado pelo artista e escultor Miguel Simão, foi idealizado para abrigar um ateliê e espaço de convivência por meio de exposições e diversas atividades. O desejo na implantação da casa é poder ativar atividades relacionadas à pesquisa em artes visuais, ao ensino, à orientação de projetos artísticos.





O Vilarinho 21 é um espaço de arte, criatividade & cultura. A ideia de concepção do projeto é a atuação em projetos, pesquisas e produções artísticas, oficinas de criação e design. Acolher um público diverso, interessado em sair da rotina, criar e fruir arte, faz parte do interesse dos organizadores. “Dispomos de 04 pavilhões e um largo de estar, adequados a várias produções artísticas, exposições, reuniões e eventos culturais”, explica Letícia Lofego, coordenadora de criação e administração. O espaço tem a direção artística de Sofia Rodrigues e Rafael Marques.

Vilarinho 21

47





48

Clube de Colagem de Brasília

Da busca por maneiras de criar vínculos e compartilhamentos para pensar a colagem contemporânea nasceu o Clube de Colagem de Brasília (CCBSB). Formado por seis mulheres artistas, o CCBSB teve início em 2018 e tem como interesse a promoção de encontros (presenciais e/ou virtuais), nos quais a colagem seja o centro, o objeto, o meio e o caminho. O clube propõe momentos abertos, gratuitos e democráticos, visando a criação coletiva, com o interesse de divulgar, incentivar e produzir coletivamente. Além disso, promove desafios virtuais de colagens, a divulgação da produção artística individual e coletiva, exposições, dentre outras atividades.





O Coletivo Matriz e a coletiva Arte e Maternagem são projetos distintos que desenvolvem ações colaborativas na rua, espaço este que converge os desejos de atuação artística das duas coletivas. Para a convocatória dos novos espaços da 3a edição do BSB Plano das Artes, as coletivas se reuniram em COLAB, pois acreditam na resistência conjunta como artistas mães latinas.

Colab
Coletivo Matriz
Arte e
Maternagem

49





50

Espaço Barthô Naif

O Espaço Barthô Naif está instalado em uma área de 31 hectares reflorestada com espécies nativas do cerrado às margens do rio São Bartolomeu, em São Sebastião (DF) e tendo ao redor diversos produtores de agricultura familiar. “Nosso objetivo é promover a arte naif e a divulgação de artistas genuínos, originais, com alma, que façam arte como meio de empoderamento cultural e transformação social do Brasil”, explica Odécio Visintin, organizador do espaço juntamente com a educadora Shirlene Miranda. Como proprietários do espaço rústico, acreditam no potencial de passeios locais promovendo experiências sensoriais, ecológicas e culturais na conexão com o ambiente rural e o clima tropical do cerrado brasileiro.





Fundado pela artista e vidreira Patrícia Bagniewski, o Fuzja Studio é um espaço de arte interdisciplinar com foco no material vidro, suas diversas técnicas e processos alquímicos/conceituais. Além da demonstração de algumas técnicas em vidro, o pequeno estúdio residencial também prevê a eventual exposição de algumas obras.

Fuzja Studio

51





52

Galeria Savta

Savta significa “a” em hebraico. E, como galeria, foi pensada como espaço expositivo voltado para apoiar artistas de Brasília e também de outros lugares para mostrarem sua produção. Somos um espaço multi-disciplinar, diverso e acima de tudo **prezamos** pelo respeito a todes” explicam os sócios Fernando Xavier e Lucas Vieira que dividem a organização, seleção e artistas e produção. A galeria funcionou como experiência pop up e encerrou suas atividades em 2022.





Com quase mil metros quadrados de espaço expositivo, a Pátio Galeria de Arte é uma galeria de shopping. E, conta com a possibilidade de alcançar um variado público espontâneo e assim talvez concretizar o desejo de muitos artistas e produtores culturais que é a de popularizar a arte e deixá-la acessível. A galeria trabalha com obras artistas, sobretudo de Brasília, que operam com diversas linguagens. O espaço promove cursos e workshops de arte e música presenciais, lançamentos de livros e pequenos concertos que possam dinamizar a estrutura comercial. A galeria é um campo de atuação profissional de diversos estudantes de artes nos processos de atendimento ao público e organização de mostras.

Pátio Galeria de Arte

53



PROGRAMAÇÃO

ROTAS ATELIÊS DE CANTO

31/10 - 16h: Ateliê de canto Pedro Gandra

01/11 - 11h: Ateliê de canto Sandra Crivellaro

02/11 - 16h: Ateliê de canto Yana Tamayo

03/11 - 11h: Ateliê de canto Pamella Anderson

A categoria ateliê de canto proposta nesta edição é também uma provocação para construção da ideia que o artista pode fazer acerca da sua própria produção e de seu espaço.



planodasartes

...



planodasartes Nesta 3ª. edição do BSB Plano das Artes apresentamos em nosso canal no You Tube as ROTAS Ateliês de Canto.

Os Ateliês de Canto são dos lugares adaptados na casa, ou espaços transitórios e possíveis em qualquer 'canto' para elaboração de processos artísticos, de pesquisas e de pensamento. São espaços que, como local íntimo e pessoal, não estão voltados à visitação pública mas aparecem aqui para que artistas comentem sobre suas percepções dos processos.

#planodasartes #planodasartesdistritoaberto





“Meu espaço de produção se restringe, desde 2019, a minha casa. Sempre trabalhei muito em casa e, na verdade, não me considero uma artista de ateliê. As ideias e projetos nascem de pesquisas, leituras, anotações, coleções de histórias e imagens, para, depois, em alguma ocasião e oportunidade de materialização, tornarem-se concretas”, explica Yana. Observatório, escuta e escrita são palavras que a artista utiliza para definir este espaço.

Yana Tamayo

55





56

**Pamella
Anderson**

Um canto de respiro, inspiração e desafios. Durante a pandemia, após passar um tempo produzindo no quarto, a artista Pamella Anderson decidiu migrar para a varanda do apartamento onde mora, por haver mais luz natural e correr mais vento. “O tamanho do espaço não se compara ao ateliê da UnB, onde foram feitas a maioria de minhas pinturas, mas tem suprido a necessidade e tem me desafiado a produzir pinturas menores”, comenta.





Pedro comenta que o ateliê nasceu da necessidade articular sua produção e estabelecer uma rotina para que ela aconteça. Gandra explica que, recentemente, tem espalhado em uma parede do ateliê *stills* de filmes e fotografias que servem menos como uma referência precisa e mais como um acúmulo que acaba gerando uma espécie de colagem involuntária, se avizinando aos outros objetos do ateliê. Isto fomenta as ideias para os trabalhos acontecerem. “Eu trabalho em casa, costumo começar a rotina no ateliê mais tarde e ir até a madrugada. Existe algo que me fascina em começar a trabalhar quando, em tese, as pessoas já encerraram seus trabalhos”.

**Pedro
Gandra**

57





58

Ateliê Sandra Crivellaro

Criado de maneira itinerante em 2014, o ateliê de canto Sandra Crivellaro fincou raízes em Brasília. Ele abriga o trabalho da artista visual que é graduada em Arquitetura pela FAU-USP e Visual Design pela Politecnica de Milano. Nesse ateliê, a artista desenvolve um trabalho multidisciplinar, no qual desenha estampas exclusivas para a indústria da moda e decoração, que vão de vestidos e biquínis a papéis de parede, ladrilhos hidráulicos e rótulos de produtos apresentando assim essa vertente aplicada da arte. “A minha arte é influenciada pelo modernismo e inspirada pela fauna e flora brasileiras. A concepção artística está mais preocupada em captar as formas fundamentais do que representar a realidade. E com um jogo de formas geométricas e orgânicas, criar paisagens”, explica.



Laboratório Educativo-Poético

planodasartes

...

planodasartes O Laboratório Educativo-Poético se pretende parte de uma ampla comunidade educativa. Queremos, no contexto da presente edição do BSB_Plano da Artes, propor reflexões e provocações acerca dos complexos sistemas das artes no Distrito Federal e região: seus agentes, dinâmicas e espaços em diferentes níveis de institucionalização (ateliês e espaços de produção artística, galerias e centros culturais, espaços de pesquisas e práticas comunitárias).

Queremos pensar juntas como propostas autônomas se organizam nas fluidas bordas do DF, as dinâmicas sociais que marcam suas formações, possibilidades de manutenção e diversidades de práticas, bem como seus acessos em relação ao direito à cidade. Queremos também, é claro, compreender qual o papel da mediação cultural neste contexto.

Devemos equilibrar esses interesses com as restrições impostas pelo combate à disseminação do novo Coronavírus, o que nos obriga a repensar nossas estratégias e oportunidades de encontro. É, sem dúvida, um novo desafio, ao qual não temos respostas concretas, mas a disposição de experimentar nossas convicções, sempre provisórias.

Pensando sobre o lugar que os programas educativos ocupam nesse contexto, propomos eixos de atuação que passam pelo espaço virtual, pela sensibilização e pelo reencontro presencial com a arte.

Laboratório é esse lugar de experimentos. Nos interessa um campo radical da investigação que admite em seu rigor metodológico, inclusive, a potência do erro. Um espaço para que nossas educadoras tenham a liberdade de experimentar o uso de ferramentas e plataformas digitais, propor encontros, vivências e trocas nas possibilidades e formatos que a pandemia nos permite. Somos um Laboratório Educativo-Poético, porque acreditamos que a potência da educação é, sobretudo, poética.

#bsbplanodasartes #distritoaberto #educação #mediaçãocultural #df

...

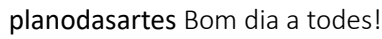
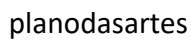
eixo
atividade
presencial

eixo
músicas



Laboratório é esse lugar de experimentos. Nos interessa um campo radical da investigação que admite em seu rigor metodológico, inclusive, a potência do erro. Um espaço para que nossas educadoras tenham a liberdade de experimentar o uso de ferramentas e plataformas digitais, propor encontros, vivências e trocas nas possibilidades e formatos que a pandemia nos permite. Somos um Laboratório Educativo-Poético, porque acreditamos que a potência da educação é, sobretudo, poética.





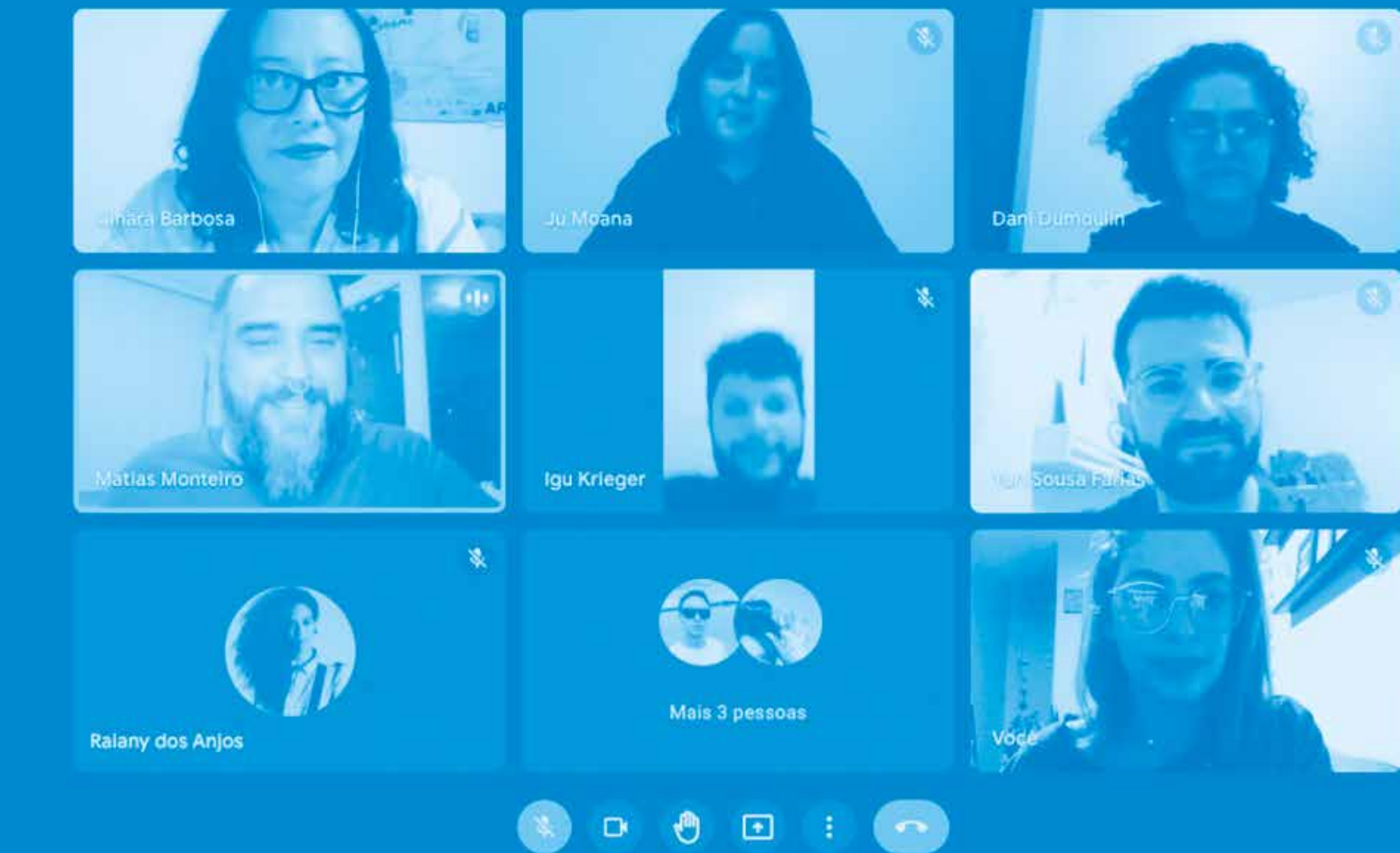
#bsbplanodasartes #distritoaberto #educação
#mediaçãocultural #df
#paratodosverem



22 DE OUTUBRO DE 2021

Sequência de fotografias de cada uma das educadoras em preto e branco e formato circular. Acima da fotografia, lê-se “laboratório educativo-poético”. Próximo à foto, o nome de cada educador em branco e, ao fundo, em preto, as palavras “distrito aberto” são repetidas, formando uma linha reta e em duas linhas. Lado esquerdo com fundo azul e lado direito com fundo rosa.

[illegible]



laboratório
educativo-poético



laboratório
educativo-poético



laboratório
educativo-poético

[illegible]

laboratório
educativo-poético



laboratório
educativo-poético



laboratório
educativo-poético



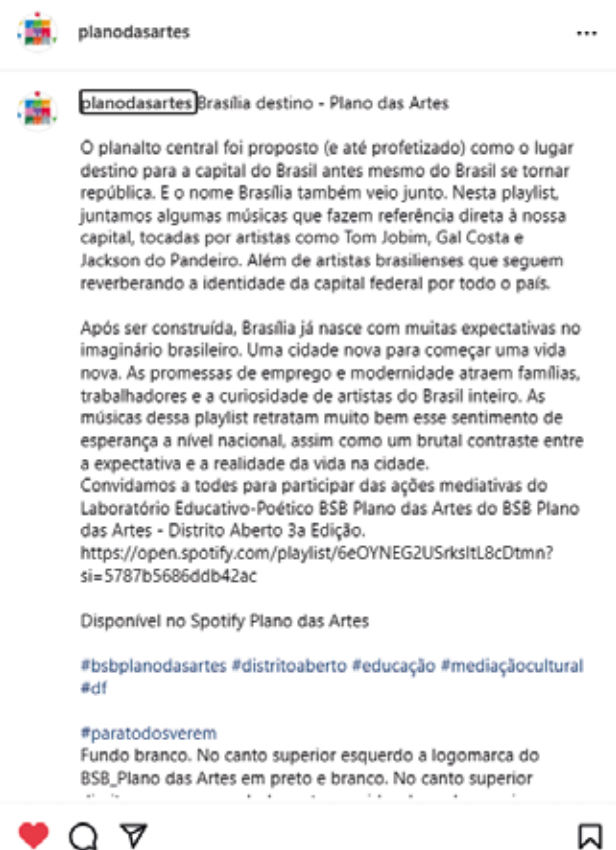
[illegible]

rito abierto distrito abierto distrito abierto distrito abierto distrito abierto distrito abierto
distrito abierto distrito abierto distrito abierto distrito abierto distrito abierto distrito abierto



[illegible][illegible]

distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto



strito aperto distrito aperto distrito abierto distrito abierto distrito abierto distrito abierto distrito abierto distrito abierto distrito

BS B PLAN DAS ART ES

Disponível no Spotify

Curadoria de Karoline Carvalho e
Pedro Seixlack

distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto
distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto

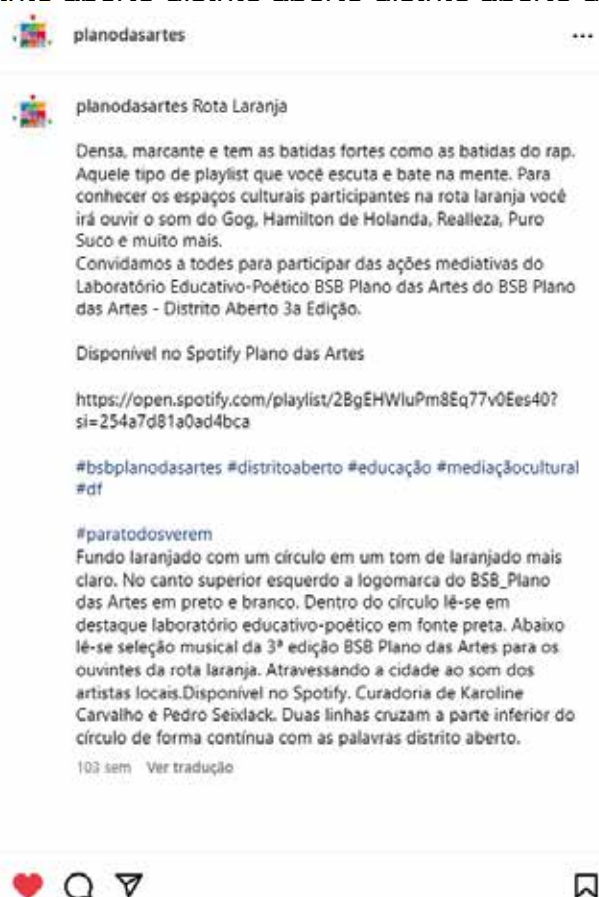
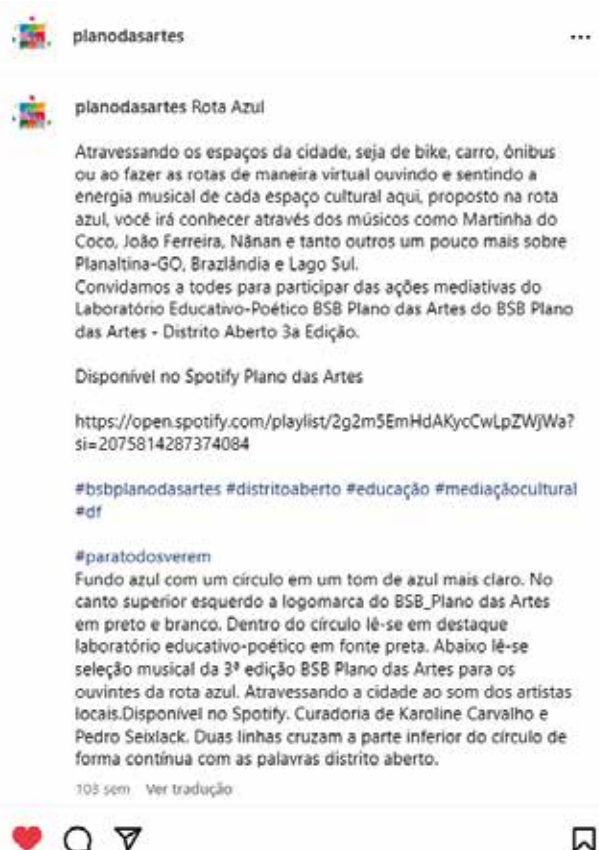
BS 3 PLAN DAS ART ES

Seleção musical da 3ª edição BSB
Plano das Artes para os ouvintes da
ROTA LARANJA. Atravessando a
cidade ao som dos artistas locais.

Disponível no Spotify

Curadoria de Karoline Carvalho e
Pedro Seixlack

distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto





[illegible]

Laboratório Educativo-Poético

Seleção musical da 3ª edição BSB
Plano das Artes para os ouvintes da
ROTA VERDE. Atravessando a
cidade ao som dos artistas locais.

Disponível no Spotify

Curadoria de Karoline Carvalho e
Pedro Seixlack

distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto
distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto

Disponível no Spotify

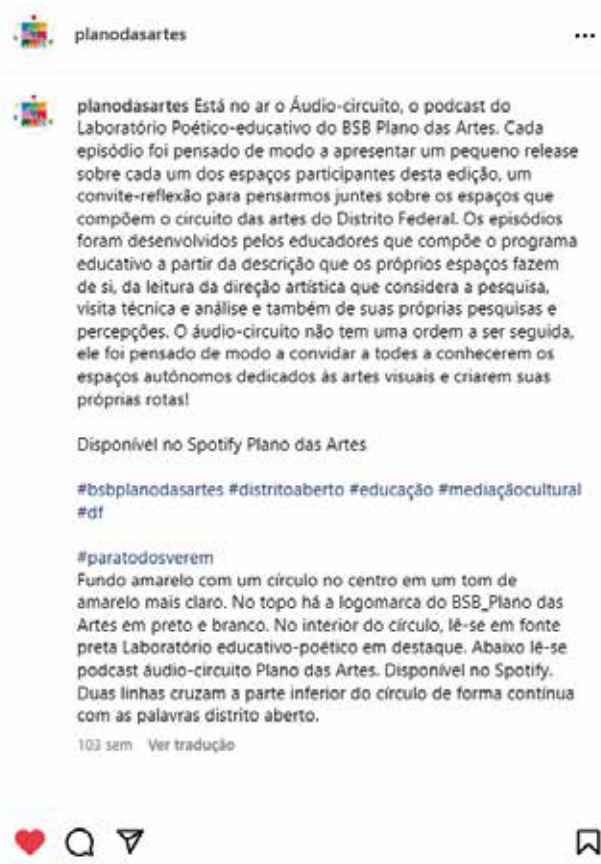
distrito abierto distrito abierto distrito abierto distrito abierto distrito abierto distrito abierto
distrito abierto distrito abierto distrito abierto distrito abierto distrito abierto distrito abierto



Áudio-circuito, o podcast sobre os espaços.
participantes da edição. Disponível no Spotify
Plano das Artes.

[illegible]

Disponível no Spotify

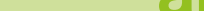


BSB PLA NO
DAS ART ES

distrito aberto

BS B PLAN DAS ART ES

21/10_4/11/21



espaços de
artes

Editado - 103 sem Ver tradução



Faça hoje sua inscrição



...



#planosdasartes #planodasartesdistritoaberto

**BS B PLANO
DAS ART ES**

**Curso Livre de
Crítica de Arte**

26/09_09/10/21



**Distrito Federal
2021**

Curso Livre de Crítica de Arte

26/09

09/10/21

LA

NO

S

20 vagas

com bolsa

planodasartes

planodasartes Novidades? Temos.

Ampliando o debate e as ações de incentivo ao sistema das artes, esse ano nosso destaque é para o campo da crítica.

Como parte da programação do BSB Plano das Artes- Distrito Aberto 3ª edição, lançamos o Curso Livre de Crítica de Arte, com 20 bolsas disponíveis para interessados em aprimorar e exercitar a escrita da crítica de arte. Mas também é, de verdade, para dar aquela ativada no desejo por publicações.

Sim, vamos publicar também.

O curso:
Curso Livre de Crítica de Arte- Plano das Artes focará as abordagens da arte por meio de experiências críticas, da organização editorial para publicações impressas e plataformas digitais e da produção de textos sobre arte, contextos e currículos artísticos.

Palestrantes | Clarissa Diniz, Daniela Name, Fernanda Lopes, Graça Ramos, Marília Panitz e Nahima Maciel

Quando | De 26 de setembro a 9 de outubro por modo remoto via plataforma digital.

Encontro de abertura para participantes com informações 26/09 16h – 17h

14 DE SETEMBRO DE 2021

Bolsa para participantes

“Como parte da programação da 3ª edição do evento, que promoveu a visibilidade dos espaços dedicados às artes visuais no Distrito Federal, o **BSB Plano das Artes abriu seleção para bolsistas interessados em aprimorar e exercitar produção escrita da crítica de arte.**

O Curso Livre de Crítica de Arte - Plano das Artes focou as abordagens da arte por meio de experiências críticas, a organização editorial para publicações impressas e plataformas digitais e a produção de textos sobre arte, contextos e currículos artísticos”.

Cinara Barbosa

Coordenação do Curso de Formação Crítica
Idealizadora e Coordenadora Geral do Bsb Plano das Artes

Curso Livre de Crítica de Arte

Bolsa | Resultado

Selecionados com bolsa DF/Centro-Oeste:

Alan Santos de Oliveira
Bruna Oliveira da Paz
Cleber Cardoso Xavier
Gisele Lima Rocha
Gu da Cei
Isadora Godoy Lopes
Leonardo Hernandez
Letícia Miranda
Mariana Destro
Mariana Galli Figueiredo
Monique Andrade
Sissa Aneleh Batista de Assis
Thiago Granai
Vanessa Alessandra Aquino Lemos

Selecionados com bolsa Nacional:

Aline Alessandra Zimmer da Paz Pereira
Francisco de Assis Cavalcante Porto
Karina de Oliveira da Silva
Lindomberto Ferreira Alves
Lua Clara Fontes Monteiro
Tatiana Aragão Pereira

Selecionados sem bolsa DF/ Centro-Oeste:

João Ribeiro de Almeida Neto
Letícia Camila da Silva
Ludmila Lima de Moraes
Paula Estellita
Renata Silva Reis
Thiago Araujo Magalhães

Selecionados sem bolsa Nacional:

Camila Marchiori
Eloisa Torrão Modestino
Jil Soares
Laila Algaves Nuñez
Mariana Ferreira Casagrande
Pedro Caetano Eboli Nogueira



planodasartes



planodasartes Anunciamos o grupo de selecionados para o Curso Livre de Crítica de Arte Plano das Artes.

Agradecemos todas as 85 inscrições.

Além das 20 bolsas para participantes, abrimos consulta para o interesse no acompanhamento do curso sem a bolsa. Entre o grupo que demonstrou interesse, selecionamos outros 12 participantes. Confira a lista.

Hoje, 26 de setembro, às 16h, teremos um encontro de abertura e boas vindas para os participantes com a coordenadora do Curso Livre de Crítica e idealizadora e diretora do Bsb Plano das Artes, Cinara Barbosa. Será um breve encontro para orientações gerais e apresentações contando com lista de presença. O link da reunião será enviado por e-mail. Qualquer questão entre um contato com antecedência pelo e-mail que realizou a inscrição.

Parabéns a todos!



26 DE SETEMBRO DE 2021

Curso Livre de Crítica

Programação

BS B PLANO DAS ARTES

28/09
19h30_21h

Teia crítica - como pensar os
desdobramentos textuais e a análise
crítica em plataformas virtuais.
|> Daniela Name

09/10
11h_12h30

Frases curatoriais, pensamento
crítico.
|> Marília Panitz

02/10
15h_16h30

Bio. Perfil. Biografia. Vidas de artistas
|> Graça Ramos

05/10
19h30_21h

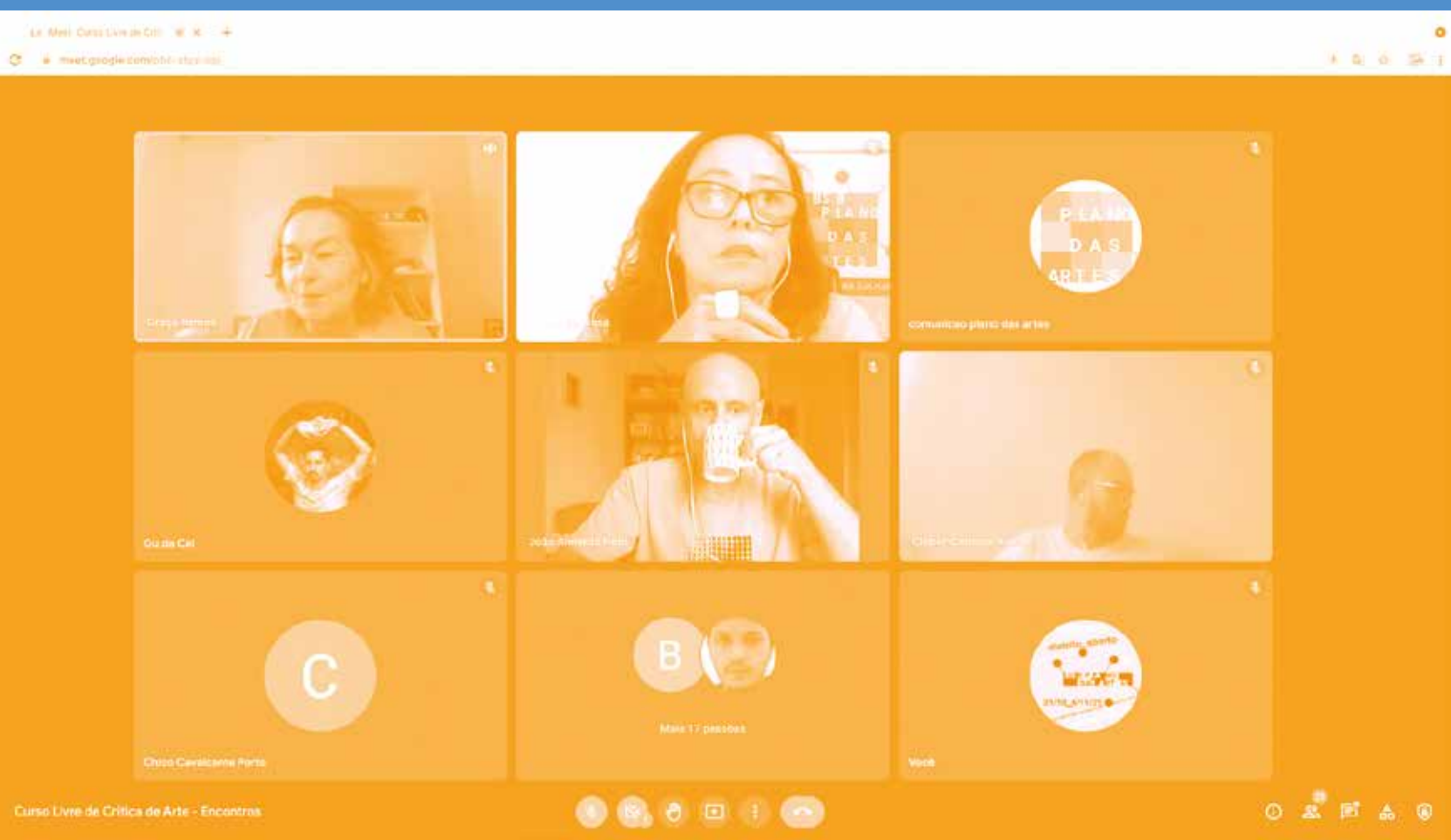
Experimentando a crítica de arte.
O caso da revista Tatuí.
|> Clarissa Diniz

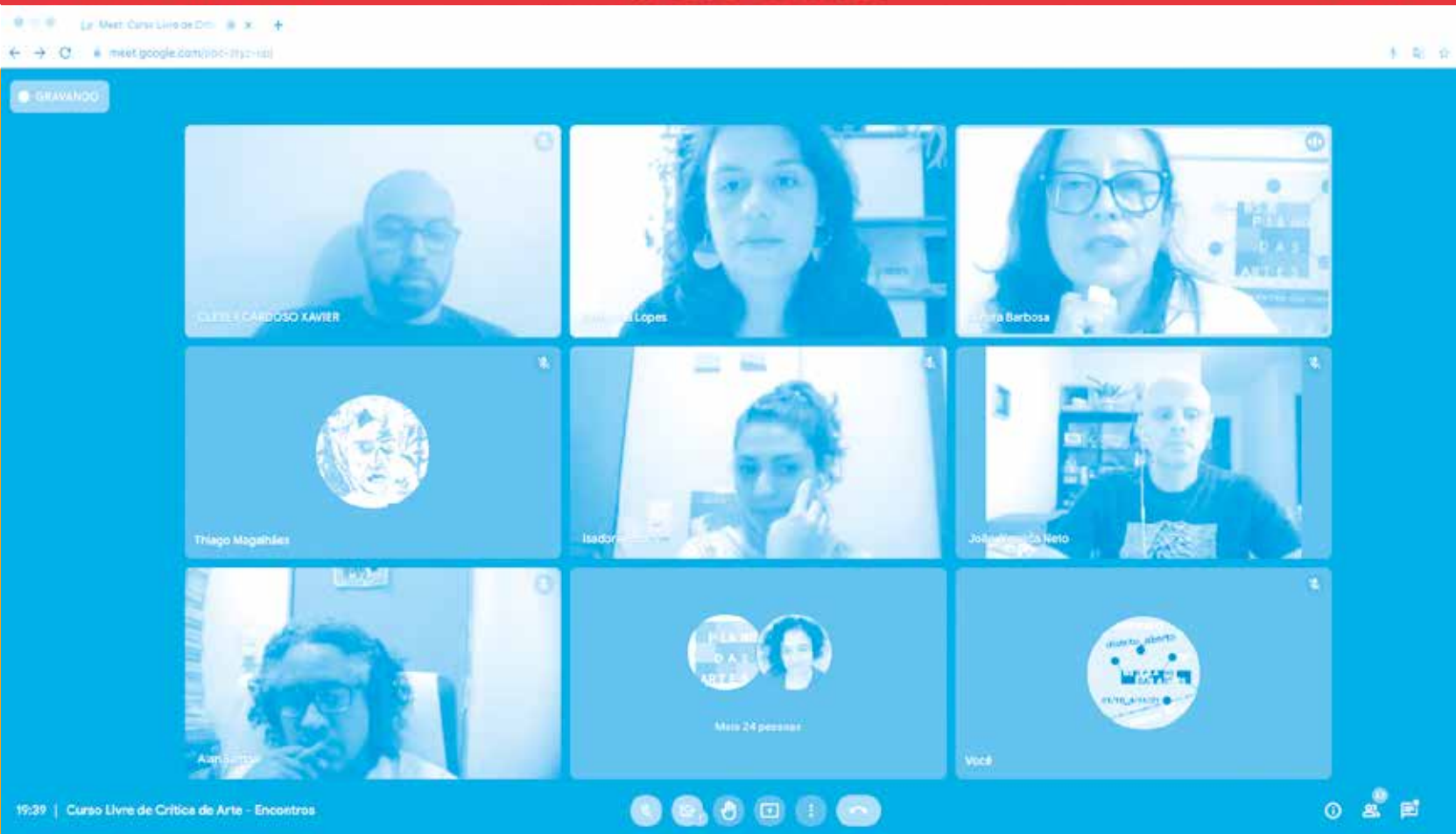
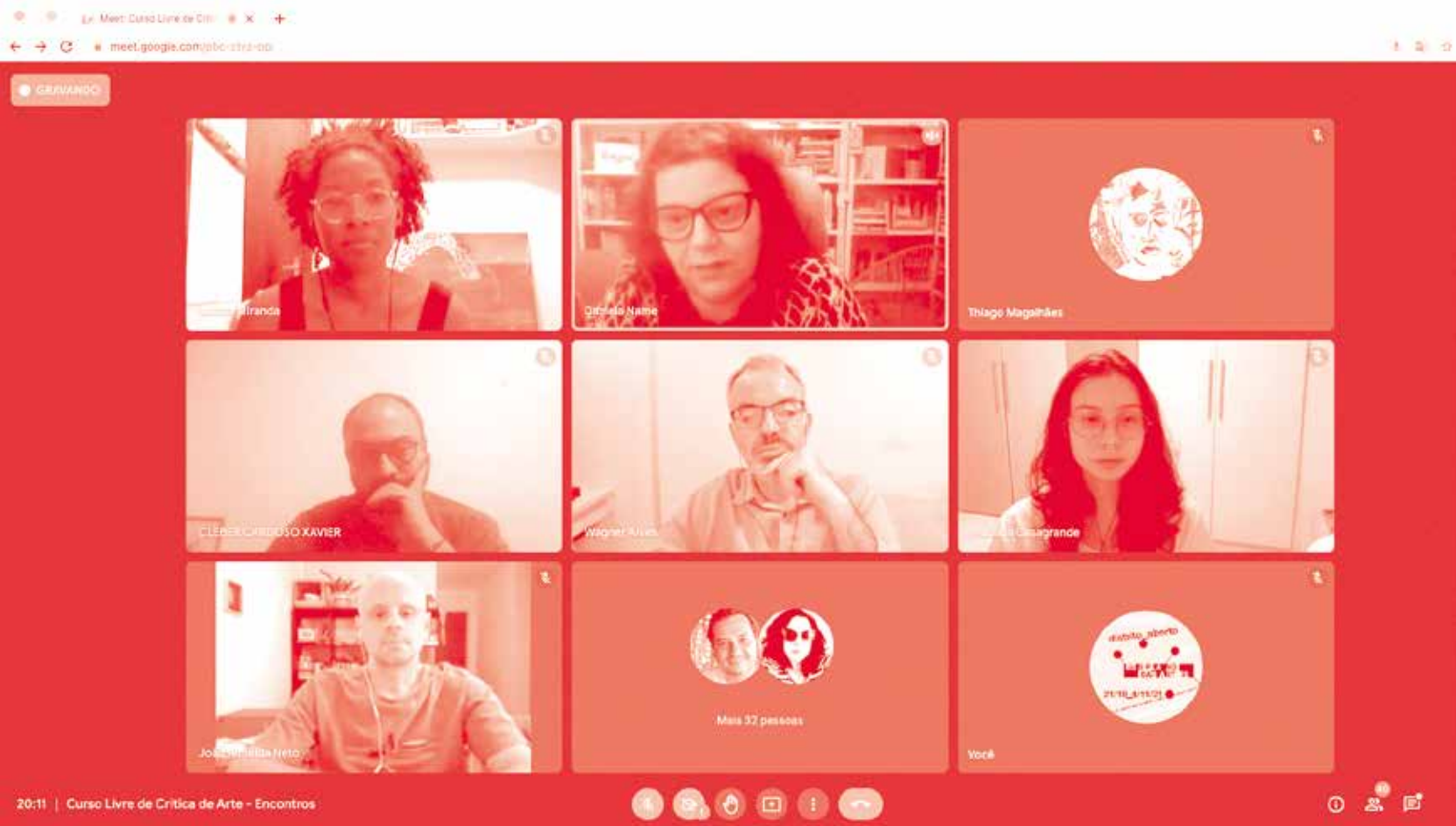
07/10
19h30_21h

Editorial e Jornalismo cultural.
|> Nahima Maciel

30/09
19h30_21h

Crítica e curadoria como pesquisa.
|> Fernanda Lopes





Curso Livre de Crítica de Arte

palestrante

Daniela Name



rito aberto distrito aberto distrito aberto distrito a

Curso Livre de Crítica de Arte

palestrante

Fernanda Lopes



o distrito aberto distrito aberto distrito aberto dist

Curso Livre de Crítica de Arte

palestrante

Graça Ramos



distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito

planodasartes

planodasartes Hoje começamos a apresentar nosso time de palestrantes do Curso Livre de Crítica de Arte – Plano das Artes.

Dia 28 de setembro é a vez da Doutora em Comunicação e Cultura e Mestre em História e Crítica de Arte, Daniela Name. Ela comandará o encontro “TEIA CRÍTICA- Como pensar os desdobramentos textuais e a análise crítica em plataformas virtuais”.

Sobre Daniela Name
Doutora em Comunicação e Cultura e Mestre em História e Crítica da Arte, ambos os títulos pela UFRJ, atua em curadoria de arte desde 2004, publicou os livros “Espelho do Brasil” (2008), “Marcelo Moscheta- Norte” (2012), “Celeida Tostes” (2012) e “Almir Mavignier” (2013), entre outros títulos. Curadora-geral da Caju, plataforma curatorial e de conteúdo que mantém a Revista Caju, um banco de projetos e uma linha de cursos. Colunista de crítica de arte da Veja Rio. Foi pesquisadora do Museu da Língua Portuguesa (SP, 2005), diretora do Museu do Ingá (Niterói-RJ), consultora do novo Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (2012-14) e curadora-adjunta da 5ª edição do Prêmio CNI SESI Marcantonio Vilaça (2012-15). Atua como curadora independente desde 2014. Entre as exposições recentes, ainda pré-pandêmicas, “Luiz Alphonso- Cartografia poética” (Espaço Cultural BNDES), “Daniel Senise- Museu” (Instituto Ling, Porto Alegre), “Angelo Venosa — Catilina” (Paço Imperial) e “Plural” (Villa Aymoré), todos os projetos de 2019.

#planodasartes #planodasartesdistritoaberto

planodasartes

planodasartes Na quinta-feira, 30 de setembro, das 19h30 às 21h, a crítica de arte e pesquisadora Fernanda Lopes (@fernandalopes) assume o comando do curso. Ela ministrará a palestra “Crítica e curadoria como pesquisa”.

Sobre Fernanda Lopes
Crítica de arte e pesquisadora, Fernanda Lopes é doutora pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da UFRJ e professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (RJ). Organizou, ao lado de Aristóteles A. Predebon, do livro Francisco Bittencourt: Arte-Dinamite (Tamandua-Arte, 2016). É autora dos livros Área Experimental: Lugar, Espaço e Dimensão do Experimental na Arte Brasileira dos Anos 1970 (Bolsa de Estímulo à Produção Crítica, Minc/Funarte, 2012) e “Éramos o time do Rei” – A Experiência Rex (Prêmio de Artes Plásticas MarcantonioVilaça, Funarte, 2006). Entre as curadorias que vem realizando desde 2008 está a Sala Especial do Grupo Rex na 29ª Bienal de São Paulo (2010). Foi Curadora Assistente do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (2016-2020), e Curadora Associada em Artes Visuais do Centro Cultural São Paulo (2010-2012). Em 2017 recebeu, ao lado de Fernando Cocchiarella, o Prêmio Maria Eugênia Franco da Associação Brasileira dos Críticos de Arte 2016 pela curadoria de exposição Em Polvorosa- Um panorama das coleções MAM-Rio. É membro do Conselho Editorial da revista Concinnitas (UERJ).

#planodasartes #planodasartesdistritoaberto

planodasartes

planodasartes Sábado, 2 de outubro, das 15h às 16h30, é a vez da jornalista e curadora independente Graça Ramos (@gracamosbsb). Mestre em Literatura brasileira e Doutora em História da Arte, Graça ministrará a palestra “Bio. Perfil. Biografia. Vidas de artistas”.

Sobre Graça Ramos
Jornalista e mestre em Literatura brasileira, titulação obtida na Universidade de Brasília. Doutora em História da Arte pela Universidade de Barcelona. Curadora independente, se dedica a artistas brasileiros. Autora de Maria Martins: escultora dos trópicos (Arteviva), finalista do Prêmio Jabuti 2010; Ironia à brasileira: o enunciado irônico em Machado de Assis, Oswald de Andrade e Mario Quintana (Paulicéia); Palácio do Planalto: entre o cristal e o concreto (ITS); Habitar a Infância: como ler literatura infantil (Tema) e A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual (Autêntica), ambos ganhadores do Prêmio Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Coautora de Palácio Itamaraty: a arquitetura da diplomacia (ITS) e Escultores iluminados (ITS), além de outros textos em coletâneas. Coordenou a Coleção Brasileiros e o espaço não comercial Arte Futura e Companhia.

#planodasartes #planodasartesdistritoaberto

planodasartes

planodasartes Sábado, 2 de outubro, das 15h às 16h30, é a vez da jornalista e curadora independente Graça Ramos (@gracamosbsb). Mestre em Literatura brasileira e Doutora em História da Arte, Graça ministrará a palestra “Bio. Perfil. Biografia. Vidas de artistas”.

Sobre Graça Ramos
Jornalista e mestre em Literatura brasileira, titulação obtida na Universidade de Brasília. Doutora em História da Arte pela Universidade de Barcelona. Curadora independente, se dedica a artistas brasileiros. Autora de Maria Martins: escultora dos trópicos (Arteviva), finalista do Prêmio Jabuti 2010; Ironia à brasileira: o enunciado irônico em Machado de Assis, Oswald de Andrade e Mario Quintana (Paulicéia); Palácio do Planalto: entre o cristal e o concreto (ITS); Habitar a Infância: como ler literatura infantil (Tema) e A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual (Autêntica), ambos ganhadores do Prêmio Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Coautora de Palácio Itamaraty: a arquitetura da diplomacia (ITS) e Escultores iluminados (ITS), além de outros textos em coletâneas. Coordenou a Coleção Brasileiros e o espaço não comercial Arte Futura e Companhia.

#planodasartes #planodasartesdistritoaberto

Daniela Name apresenta as ideias em torno da criação e trabalhos da Revista Caju na produção de ensaios, críticas e entrevistas sobre arte, cultura e pensamento.

#planodasartes
#planodasartesdistritoaberto
#espaçosindepedentesdearte

Fernanda Lopes trata do foco na escrita como pesquisa e também nas maneiras que essa pesquisadora olha para contextos tentando compreender o desenvolvimento de produções artísticas, grupos, movimentos e coletivos pelos quais artistas se envolvem e de como, a crítica de arte, identificará especificidades que distinguem um momento de outro.

#planodasartes
#planodasartesdistritoaberto
#críticadearte
#cursolivredecríticadearte

Graça Ramos comenta com o grupo de estudos de crítica acerca das vivências e experiências ao lado de artistas e, principalmente, o papel da escrita na consolidação de memórias e registros biográficos.

#planodasartes
#planodasartesdistritoaberto
#artedodistritofederal
#artistadodf
#críticadearte

Curso Livre de Crítica de Arte

palestrante

Clarissa
Diniz



Curso Livre de Crítica de Arte

palestrante

Nahima
Maciel



Curso Livre de Crítica de Arte

palestrante

Marília
Panitz



planodasartes Na terça-feira, 5 de outubro, quem assume o comando do curso é a curadora, escritora e professora em arte Clarissa Diniz (@clarissaa_diniz). Ela ministrará a palestra “Experimentando a crítica de arte – o caso da revista Tatuí”

Sobre Clarissa Diniz
Curadora, escritora e professora em arte. Graduada em artes plásticas pela UFPE, mestre em história da arte pela UERJ e doutoranda em antropologia pela UFRJ, é atualmente professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Entre 2006 e 2015, foi editora da revista Tatuí (http://www.revistatatuí.com.br/). Publicou inúmeros catálogos e livros, a exemplo de Crachá – aspectos da legitimação artística (Recife: Massangana, 2008) e Gilberto Freyre (Rio de Janeiro: Coleção Pensamento Crítico, Funarte, 2010; em coautoria com Gleyce Heitor). Tem textos publicados em revistas, livros e coletâneas sobre arte e crítica de arte brasileira, como Criação e Crítica- Seminários Internacionais Museu da Vale (2009); Artes Visuais – coleção ensaios brasileiros contemporâneos (Funarte, 2017); Arte, censura, liberdade (Cobogó, 2018), dentre outros.

De curadorias desenvolvidas, destacam-se Contrapensamento selvagem (cocuradoria com Cayo Honorato, Orlando Maneschy e Paulo Herkenhoff. Instituto Itaú Cultural, SP); O abrigo e o terreno (cocuradoria com Paulo Herkenhoff. Museu de Arte do Rio – MAR, 2013); Ambigüações (Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2013); Todo mundo é, exceto quem não é – 13ª Bienal Nais do Brasil (SESC Piracicaba, 2016 e Sesc Bezeirinho, 2017); Dja Guata Porã – Rio de Janeiro Indígena (cocuradoria com Sandra Benites, Pablo Lafuente e José Ribamar Bessa. MAR, 2017); Rio do samba: resistência e reinvenção (cocuradoria com Evandro Salles, Marcelo Campos e Nei Lopes. MAR, 2018) e À Nordeste (cocuradoria com Bitu Cassundé e Marcelo Campos. Sesc 24 de Maio, São Paulo, 2019).

#planodasartes #planodasartesdistritoaberto

planodasartes Com a palestra “Editorial e Jornalismo cultural”, a jornalista Nahima Maciel (@nahimamaciel) assume o comando do curso de crítica na quinta-feira, 7 de outubro, das 19h30 às 21h.

Sobre Nahima Maciel
Nascida em Florianópolis (SC) em 1973, formada em jornalismo pela Universidade de Brasília e com mestrado em comunicação pela Universidade Michel de Montaigne- Bordeaux 3 (França), é repórter de cultura do Correio Braziliense desde 2000 e autora do blog Leio de tudo. Em 2008, publicou Luis Humberto: a luz e a fúria, terceiro volume da Coleção Brasileenses, série dedicada a personalidades da cultura no Distrito Federal.

#planodasartes #planodasartesdistritoaberto

planodasartes No encerramento, é a vez da crítica de arte e curadora independente Marília Panitz (@mariliapan) assumir o curso. Ela ministrará a palestra “Frases curatoriais, pensamento crítico” no sábado, 9 de outubro, das 11h às 12h30.

Sobre Marília Panitz
Mestre em Arte Contemporânea: teoria e história da arte, foi professora na Universidade de Brasília. Dirigiu o Museu Vivo da Memória Candanga e o Museu de Arte de Brasília. Atuou como pesquisadora e coordenadora de programas educativos em exposições. Atua como crítica de arte e curadora independente. Realiza projetos com ênfase na produção artística do Distrito Federal e na formação de uma visualidade determinada pela cidade nova; e em mapeamento da cena cultural de espaços não hegemônicos.

#planodasartes #planodasartesdistritoaberto

planodasartes Na terça-feira, 5 de outubro, quem assume o comando do curso é a curadora, escritora e professora em arte Clarissa Diniz (@clarissaa_diniz). Ela ministrará a palestra “Experimentando a crítica de arte – o caso da revista Tatuí”

Sobre Clarissa Diniz
Curadora, escritora e professora em arte. Graduada em artes plásticas pela UFPE, mestre em história da arte pela UERJ e doutoranda em antropologia pela UFRJ, é atualmente professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Entre 2006 e 2015, foi editora da revista Tatuí (http://www.revistatatuí.com.br/). Publicou inúmeros catálogos e livros, a exemplo de Crachá – aspectos da legitimação artística (Recife: Massangana, 2008) e Gilberto Freyre (Rio de Janeiro: Coleção Pensamento Crítico, Funarte, 2010; em coautoria com Gleyce Heitor). Tem textos publicados em revistas, livros e coletâneas sobre arte e crítica de arte brasileira, como Criação e Crítica- Seminários Internacionais Museu da Vale (2009); Artes Visuais – coleção ensaios brasileiros contemporâneos (Funarte, 2017); Arte, censura, liberdade (Cobogó, 2018), dentre outros.

De curadorias desenvolvidas, destacam-se Contrapensamento selvagem (cocuradoria com Cayo Honorato, Orlando Maneschy e Paulo Herkenhoff. Instituto Itaú Cultural, SP); O abrigo e o terreno (cocuradoria com Paulo Herkenhoff. Museu de Arte do Rio – MAR, 2013); Ambigüações (Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2013); Todo mundo é, exceto quem não é – 13ª Bienal Nais do Brasil (SESC Piracicaba, 2016 e Sesc Bezeirinho, 2017); Dja Guata Porã – Rio de Janeiro Indígena (cocuradoria com Sandra Benites, Pablo Lafuente e José Ribamar Bessa. MAR, 2017); Rio do samba: resistência e reinvenção (cocuradoria com Evandro Salles, Marcelo Campos e Nei Lopes. MAR, 2018) e À Nordeste (cocuradoria com Bitu Cassundé e Marcelo Campos. Sesc 24 de Maio, São Paulo, 2019).

#planodasartes #planodasartesdistritoaberto

planodasartes Com a palestra “Editorial e Jornalismo cultural”, a jornalista Nahima Maciel (@nahimamaciel) assume o comando do curso de crítica na quinta-feira, 7 de outubro, das 19h30 às 21h.

Sobre Nahima Maciel
Nascida em Florianópolis (SC) em 1973, formada em jornalismo pela Universidade de Brasília e com mestrado em comunicação pela Universidade Michel de Montaigne- Bordeaux 3 (França), é repórter de cultura do Correio Braziliense desde 2000 e autora do blog Leio de tudo. Em 2008, publicou Luis Humberto: a luz e a fúria, terceiro volume da Coleção Brasileenses, série dedicada a personalidades da cultura no Distrito Federal.

#planodasartes #planodasartesdistritoaberto

Clarissa Diniz conversa sobre o desenvolvimento da revista Tatuí que entre 2006 e 2015 foi explorada como experimentação das possibilidades da crítica de arte, e, propondo-se a esgarçar o legado moderno da crítica de arte, produzindo debates e abordagens críticas avessas a ideias de neutralidade.

#planodasartes
#planodasartesdistritoaberto
#críticadearte
#cursolivredecríticadearte

Nahima Maciel aborda sua trajetória refletindo como escrever e do que falar sobre obras de arte e exposições. Comenta quais abordagens e questionamentos em uma matéria jornalística sobre arte.

#planodasartes
#planodasartesdistritoaberto
#artedodistritofederal
#artistadodf
#críticadearte

Marília Panitz aborda projetos com ênfase na produção artística do Distrito Federal e na formação de uma visualidade determinada pela cidade e relações com mapeamento da cena cultural de espaços não hegemônicos.

#planodasartes
#planodasartesdistritoaberto
#espaçosindependedesdearte



entrevista

Cinara Barbosa: Para começar esta conversa, a gente preparou uma pergunta geral, atravessada pelo tema da crítica de arte e, depois, a ideia é cada uma formular perguntas entre vocês. A proposta é termos um rodízio tanto de formulações de questões quanto de respostas a proposições. Então, a pergunta geral que formulamos para todas é: o que é pensar esse lugar da crítica hoje? Como devemos pensar essa perspectiva crítica como campo de atuação, ou seja, onde eu executo a crítica, considerando a área de atuação de cada uma de vocês?

GRAÇA RAMOS: Eu tenho uma certa dificuldade em me situar como crítica. Talvez porque ainda esteja muito imbuída de um sentido de crítica como algo externo ao que eu faço. Quando a Cinara me ligou, ela falou assim: a partir do trabalho da Maria Martins, eu gostaria que você falasse sobre biografia. Aí eu falei: eu não fiz uma biografia da Maria Martins, não acho que eu tenha feito uma biografia. Eu fiz um perfil ampliado da artista e a contextualizei dentro da história da arte brasileira e um pouco da internacional. Para fazer uma biografia eu precisaria ter ido a todos os cantos que ela foi pesquisado em dezenas de arquivos e eu não tinha bolsa, isso teria sido impossível. Então foi a minha primeira negativa (risos).

Quando ela falou da questão da crítica, eu disse: Cinara, eu não me sinto crítica, eu não me vejo como crítica (risos). Eu me considero uma pesquisadora, eu exerço o trabalho como curadora e, nesse exercício de curadoria, há, claro, um olhar crítico, mas eu não me vejo na posição

de alguns textos que colocam o curador como crítico: eu acho que são papéis ainda diferentes.

Para mim, a crítica não pode ser somente daquilo que eu faço e o curador está falando daquilo que ele faz. Exercer a crítica seria eu comentar criticamente o trabalho de outros e isso eu me recuso a fazer. É engraçado, porque na literatura eu faço, porque eu não atuo na literatura como escritora de romance, então eu me sinto com liberdade para fazer os comentários. Em artes plásticas eu tenho muita dificuldade com essa posição.

Penso que o mundo contemporâneo atribuiu a nós múltiplos papéis: você pode ser artista, curador, crítico, comissário, e eu não dou conta de ter essa multiplicidade, é uma limitação minha, eu acho que sou muito contida. Então, quando dizem, você é crítica? Eu digo: não sou, eu não exerço a crítica, eu não me considero crítica de arte. Eu sou uma pesquisadora, eu faço curadoria e invisto na história da arte. Mas esse papel de comentar o trabalho alheio, de

1 | Uma das principais atividades da 3ª edição do BSB Plano das Artes: Distrito Aberto foi a realização do Curso Livre de Formação Crítica: Conexões da Arte. A atividade foi realizada entre 26 de outubro e 9 de novembro de 2021 pela plataforma Zoom, por meio de encontros com Graça Ramos, Fernanda Lopes, Clarissa Diniz, Nahima Maciel, Daniela Name e Marília Panitz, além de um encontro de abertura do curso. Participaram da atividade alunos (as) escolhidos (as) por meio de processo seletivo e que receberam bolsa de participação, além de participações voluntárias. Esta entrevista foi realizada ao final do curso, também por meio da plataforma Zoom, e que, por questões de agenda, não contou com a participação de Daniela Name.

“Para mim a crítica hoje ela é pequena, não há espaços efetivamente de crítica nos jornais e nas revistas. Há espaços quando a gente faz encontros e nos libertamos um pouco para falar. O mercado não incentiva uma crítica. E, quando eu digo a crítica, é pensar sobre uma exposição e se perguntar, efetivamente: esta exposição preenche lacunas?”

| Graça Ramos



fazer uma argumentação em cima dele, que não seja um trabalho de estudo para montar uma exposição, para fazer uma pesquisa, eu não faço.

Eu passei o tempo da pandemia da Covid-19 estudando Alfredo Volpi, exatamente a partir da Igrejinha de Brasília. Então, eu acho que meu trabalho se centra na pesquisa. E o que eu produzo facilita um olhar crítico? Claro que sim. Acho que possibilita a uma série de pesquisadores, e mesmo a mim, investir na crítica, trabalhar com novos olhares, novas interpretações, mas tenho muita dificuldade em me situar como crítica. Pode ser que eu tenha uma leitura muito antiga de uma crítica formal, que é aquela crítica do modernismo, que, de certa forma, era extremamente autoritária, vide (Clement) Greenberg, (Mário) Pedrosa. Já acho, por exemplo, que os olhares do (Giulio Carlo) Argan, do (Carlo) Ginzburg são um pouco diferentes. Mas, no modernismo mesmo, no seu momento fixo, eu acho que ela era autoritária e, talvez por isso, eu não me identifique com uma posição de crítica.

É complicado você ser o curador e, ao mesmo tempo, ser o crítico, porque esses papéis ficam muito divididos. Li o texto da Lisette Lagnado que a Marília (Panitz) indicou e não me convenci. Mas essa é uma posição muito individualizada, entendo que é preciso ter um pouco de contenção nos papéis e eu me identifico com a curadoria e a pesquisa. Para mim a crítica hoje é pequena, não há espaços efetivamente de crítica nos jornais e nas revistas. Há espaços quando a gente faz encontros e nos libertamos um pouco para falar. O mercado não incentiva uma crítica. E, quando

eu digo a crítica, é pensar sobre uma exposição e se perguntar, efetivamente: esta exposição preenche lacunas? Ela tem uma montagem que facilita? É uma montagem que está teatralizada ou se baseia exatamente nos recursos da obra? Não vejo mais isso, quando acontece é muito pouco. Então essa palavra “crítica”, para mim, tem hoje essas limitações.

FERNANDA LOPES: A primeira palavra que me veio à cabeça com a pergunta foi “incômodo”. Em diferentes aspectos. Talvez, começando pelo final, quando a Graça estava falando da relação com o mercado, eu acho que é uma relação difícil de pensarmos. E não somente com o mercado, mas, talvez, com o sistema mesmo de uma maneira geral, que, ultimamente, tem se confundido muito com o mercado. Até como professora, dando curso ou ministrando palestras, eu sinto que há essa falta de incômodo, incômodo no sentido de refletir sobre alguns aspectos.

Às vezes me dá uma sensação de ver as pessoas olharem para um trabalho e ele ser, entre aspas, bonito, agradável ou compreensível; e que ele tenha algum elemento que seja de fácil acesso, que você consiga acessar muito rápido e isso dê uma sensação de proximidade. E para por aí. Ou seja, que você fique satisfeito só com isso, com essa, digamos, “superfície”.

No meu caso, atuando nessas diferentes linhas e tendo saído de uma instituição, e mesmo dentro de uma instituição, acho que isso também acontece nas relações das instituições com patrocinadores, com galerias. Não digo que não tenha que ter relações ou que seja ruim, mas acho que a maneira como essas relações vão

“A pandemia trouxe essas reflexões, eu fiquei muito tempo tentando pensar e acho que ainda penso atualmente: para que a gente faz o que a gente faz, para além da esfera da arte? Este fazer, esse estar próxima de artistas, acompanhar trabalhos, visitar exposições, ver processos, propor perguntas e fazer projetos.”

| Fernanda Lopes



se moldando me parece que, muitas vezes, vão deixando de lado esse incômodo, que, para mim, é uma coisa importante.

Graça falou dessas gerações da crítica, e da passagem, ou seja, o que marca cada geração da crítica. Eu, na minha vida acadêmica, estudei muito os anos 1960 e 1970 e considero que é um lugar que, por mais dificuldades que a gente saiba que tenha tido, ainda é um lugar muito potente, especialmente por uma questão de postura. Era um momento que tinha uma relação de dúvida, que é uma palavra que eu gosto muito. Incômodo não é uma palavra ruim, mas, de uma maneira geral, as pessoas dão uma conotação ruim.

Não sei o que acham Marília (Panitz) e Clarissa (Diniz), que estão muito próximas da questão de dar aula, Clarissa na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, que é uma escola livre, às vezes eu sinto muita falta disso. Apesar de perceber que essa dinâmica existe entre professores e alunos, ainda assim você percebe que podemos passar um semestre inteiro falando sobre “experimental”, que é uma palavra que é importante para mim, por questão de estudo, mas que, por poder abarcar tudo, pode significar qualquer coisa também. E na hora de você pensar uma exposição é a parede branca, é a moldura, a base, a luz, a ficha técnica, e toda essa reflexão, na prática, não tem tanto lugar.

Para mim a questão do incômodo é muito importante para pensar a crítica, e isso que Graça falou: sobre quando você vai ver uma exposição e olhar para um trabalho e pensar a montagem, e pensar por que e para que, para onde você está querendo me levar, o que você está querendo

dizer com isso? Eu sinto falta de termos mais esse tipo de discussão.

Com a pandemia, também tem sido um período muito difícil para pensar a crítica. Por exemplo, eu estava fazendo o texto para Maria Martins, eu atrasei muito, porque eu ficava pensando no por que e para que eu vou escrever isso? Apesar de achar a Maria incrível e a exposição importante, eu tive que dar uma volta para tentar entender o que fazia sentido ao falar da Maria Martins naquele momento. Porque você pode falar que é uma mulher incrível, com uma história maravilhosa, com uma obra muito forte, difícil, e o meu texto acabou falando do texto que o Pedrosa escreveu sobre ela, que, para mim, foi uma surpresa ler aquele texto, porque eu não me lembrava do que ele havia escrito.

A pandemia trouxe essas reflexões, eu fiquei muito tempo tentando pensar e acho que ainda penso: para que fazemos o que a gente faz, para além da esfera da arte? Esse fazer, esse estar próxima de artistas, acompanhar trabalhos, visitar exposições, ver processos, propor perguntas e fazer projetos. Foi um período difícil para pensar a crítica e repensar esse lugar. Essa questão das perguntas, da dúvida, para o público, para todos os atores, é uma reflexão importante.

CLARISSA DINIZ: Qual o lugar da crítica na arte, hoje, na atualidade, foi a questão proposta para discutirmos. Um pouco da minha prática, de onde eu posso falar, a não ser numa revista independente, que foi a Tatuí, autodenominada revista de crítica de arte, eu nunca ocupei um lugar oficial de crítica de arte, nunca escrevi para



“A memória de uma história, ela foge, escapa entre os dedos. Vai desde a dimensão crítica do enunciado da memória, de praticar uma historiografia cotidianamente, de lastrear as coisas em uma perspectiva mais histórica a, de fato, uma entrada mais estética, ética, política das discussões dos trabalhos.”

| Clarissa Diniz

jornal, revista, para os lugares canônicos. Então para mim a crítica sempre foi um exercício crítico e não a ocupação da posição da crítica de arte. Das vezes em que eu me senti à vontade para me intitular, por algum motivo, crítica de arte, o meu parâmetro foi sempre esse exercício crítico que se dá de muitas maneiras e em muitos lugares, não necessariamente na elaboração de um texto crítico em um veículo, digamos assim, crítico ou de informação. E hoje, a sensação que eu tenho, de certa forma ecoando a reflexão de Fernanda, é de um mundo da arte muito “comodificado”, regido pelas leis do neoliberalismo, altamente especulativo.

De fato, eu considero que essa crítica está transmutada em outras coisas, não a encontramos no lugar em que ela sempre esteve historicamente. Ela se transmuta em várias outras práticas e exercícios críticos que estão no Instagram, nas rodas de conversa, nas aulas, nas curadorias, enfim, nos textos sobre Maria Martins (risos), em vários lugares.

Na minha prática pessoal, sigo escrevendo, gosto de escrever. Não escrevo para jornal, mas escrevo para revistas, livros, escrevo textos, ensaios, pesquisas, mais historiográficos talvez, mas também críticos. Não desisti da escrita crítica, não desertei dessa guerra, ainda estou naquele front, acredito nele, mas, ao mesmo tempo, vejo que tem muita potência do exercício crítico na sala de aula, e também na formação de artistas, nesse cotidiano, tanto de uma convivência com artistas, quanto mais formal ou talvez em uma situação de ensino, em todos esses lugares há muita potência crítica.

Poder também transitar entre gerações diferentes sublinha essa potência crítica, porque eu vejo, dando aula para gente muito mais nova, que a memória é uma grande invenção. A memória de uma história, ela foge, escapa entre os dedos. Vai desde a dimensão crítica do enunciado da memória, de praticar uma historiografia cotidianamente, de lastrear as coisas em uma perspectiva mais histórica a, de fato, uma entrada mais estética, ética, política das discussões dos trabalhos. Então, a crítica, na minha prática, acontece cotidianamente na relação com os artistas, o que é também um jeito de falar de exposições, de falar de hipóteses curatoriais, de ter o exercício crítico de volta, de ter os artistas fazendo o exercício crítico em relação ao meu olhar ou às minhas leituras. Tem esse privilégio de poder trocar ideia e de receber o desmonte, o questionamento da sua própria ideia, isso é muito bom e acontece mais intensamente na relação com artistas do que, talvez, com outros críticos ou curadores. Eu sinto muito essa mão dupla.

E vejo a crítica também na curadoria. Há curadorias e curadorias, a gente faz muita coisa sob o guarda-chuva da curadoria: a gente faz coisas que, talvez, eu não chamasse de crítica, mas fazemos também coisas que, sim, são críticas. Ou seja, existem certas curadorias que são leituras de mundo, que são hipóteses, que são enunciados sobre alguma circunscrição sobre a arte. E essas curadorias têm um potencial crítico e podem também produzir debate crítico, convocar olhares, proporcionar debates.

“A sensação que tenho do que aconteceu com a crítica de arte é semelhante ao que aconteceu com as informações na Internet: tem muita informação, está lá, mas você tem que saber onde buscar e como buscar. Não está mais misturada com outras coisas e vai chegar até você em um pacote.”
| Nahima Maciel



Essa crítica que não está exclusivamente no lugar onde sempre estive, mas eu ainda sou teimosa e não gostaria de abandonar o texto enquanto, digamos assim, tecnologia crítica. Mas, sinto ela cotidianamente funcionando no lugar de troca com artistas, seja no ensino, seja na troca mesmo da vida e nas curadorias também. São essas coisas que o mundo nos demanda, que é a gente aprender que as coisas se transformam e que precisamos também nos permitir nominar com nomes antigos coisas que aparentemente são outras. É como as carrancas, que hoje estão nas motos, e não mais nos barcos do rio São Francisco e para serem carrancas elas precisam ser coisas em motos, porque hoje ninguém fica mais navegando em um barquinho no rio. Para se manter carranca, ela precisa ser outra coisa. Então, para se manter crítica, ela tem que ser outra coisa, o tempo pede essa transformação. E eu sou da gangue que quer nomear como crítica outras coisas também, de certa forma até nessa crença de que o exercício crítico sobrevive para além da figura do crítico de arte ou da posição da crítica de arte.

NAHIMA MACIEL: Eu estou me sentindo um peixe fora d'água, porque vocês todas têm uma trajetória muito enfronhada, seja no meio acadêmico, na curadoria, na questão do texto, e eu não tenho essa trajetória. Eu não sou crítica de arte, já falei e falo sempre: sou jornalista, sou repórter, sou a pessoa que escreve sobre a exposição, mais no sentido de divulgação do que de qualquer postura crítica. Ok, você pode dizer que em um veículo de imprensa que tem espaço

para artes plásticas, no momento em que você decide sobre o que vai escrever, está tendo um posicionamento crítico. No entanto, isso ocorre em um veículo no qual você tem muitas opções e que tem um espaço, o que não acontece mais no meu caso hoje, e me parece que o mesmo se dá na maioria dos jornais.

O que eu sinto falta, em relação a quando eu comecei a escrever sobre cultura e sobre artes plásticas, é de me deparar com a crítica de arte. Para o leitor comum, e eu hoje sou muito mais uma leitora de crítica de arte, para esse leitor que não é enfronhado no meio, que não é artista, que não está pesquisando isso e não está na academia, para essa pessoa que simplesmente vai ver uma exposição no CBBB (Centro Cultural Banco do Brasil) ou em uma galeria, por exemplo, eu acho que ela cada vez menos se depara com a crítica, no susto. O que é se deparar com a crítica no susto? É abrir um jornal, que todo mundo lê, tem as seções de Política, Economia, e, quando chega no suplemento de Cultura, você encontra uma crítica sobre uma exposição X, e isso te desperta um interesse e leva a querer visitar a exposição.

A sensação que tenho do que aconteceu com a crítica de arte é semelhante ao que aconteceu com as informações na internet: tem muita informação, está lá, mas você tem que saber onde buscar e como buscar. Não está mais misturada com outras coisas e vai chegar até você em um pacote. É esse mundo on-line, cada vez mais, no qual você precisa fazer uma busca para encontrar o que deseja. E é preciso estar mais enfronhado no meio do que antes, para



“Uma prática decisiva, neste âmbito, e que comecei a praticar nos anos 1990 e foi o trabalho de ação educativa em espaços culturais, onde as questões eram apresentadas em aberto e, de certa forma, provocavam as pessoas que visitavam os espaços, as exposições, a criar as suas próprias versões em relação àquilo que estavam vendo.”

| Marília Panitz

conseguir isso. Ok, tem Instagram, Facebook, tem tudo isso, mas a gente sabe que são nichos, a gente tem as nossas bolhas dentro dessas redes, dentro da própria internet. E se você não é uma pessoa que acompanha, que lê, que faz pesquisa, estuda, é possível que o conteúdo não chegue até você.

É um desafio fazer essa crítica chegar a pessoas que não são necessariamente estudadas ou voltadas a esse assunto; e, mais, chegar de uma maneira que ela consiga acessar aquilo tendo uma compreensão. Esses espaços em que você não tem que fazer uma busca específica, eles praticamente não existem mais. Crítica de jornal, por exemplo, não tem mais.

MARÍLIA PANITZ: Achei curioso na passagem das falas eu ficar por último, porque foi uma das coisas das quais eu me utilizei quando fiquei por último, também, em minha participação no curso de crítica do BSB Plano das Artes. E eu lancei justamente essa questão: eu estava em um grupo de pessoas, das quais quatro eram jornalistas, ou seja, pessoas que tinham experiência com jornal. A única que não era jornalista, a Clarissa, de qualquer forma tinha realizado um exercício editorial com a Tatuí. Enquanto eu estava pesquisando para preparar a minha fala, me reencontrei com as minhas Tatuís, foi muito bom.

Em primeiro lugar, a questão que está colocada tem a ver com o que a Fernanda nos trouxe, quer dizer, com o nosso exercício como professoras, não é? Aí há uma questão que se apresenta e eu queria falar de duas coisas

em relação a isso: a primeira é relativa a quem tem o exercício em sala de aula, porque esse é um exercício crítico por excelência. E eu estou pensando no tipo de aula que durante tantos anos eu dei, na universidade, em um momento no qual os alunos já tinham passado pelas disciplinas básicas, mais abrangentes, e começavam a desenvolver o seu próprio projeto, ou seja, na segunda metade do curso, o que tornava o exercício da crítica muito importante.

Uma prática decisiva, neste âmbito, e que comecei a praticar nos anos 1990, foi o trabalho de ação educativa em espaços culturais, onde as questões eram apresentadas em aberto e, de certa forma, provocavam as pessoas que visitavam os espaços, as exposições, a criar as suas próprias versões em relação àquilo que estavam vendo. Havia uma necessidade de se propor certas questões como um exercício também, claro, dentro das possibilidades de cada um, um exercício crítico em relação ao que estavam vendo, à experiência que estavam tendo. Por outro lado, tenho também a prática de acompanhamento de artistas.

Uma questão que fiquei me perguntando, após ter acompanhado as falas de vocês, é em que momento aquilo que conhecíamos como crítica se parte, de certa forma, se quebra? O livro do Giulio Carlo Argan, Arte e crítica de arte, em suas últimas páginas, traz exatamente essa questão, ou seja: nos anos 60 o exercício da crítica acaba? Se o artista começa a desenvolver um discurso crítico e se o crítico começa a desenvolver um exercício poético, então, acabou-se, não há mais uma separação entre esses campos?

Por isso, por exemplo, eu fui lá rever a revista *Malasartes*² e depois a *Item3*, *Malasartes* como uma homenagem à Fernanda (Fernanda Lopes), por causa da Sala Experimental⁴ (risos). É que me parece que há aí um certo exercício mesmo – no final dos anos 1960, início dos 70 e daí em diante –, há uma ação dos artistas de um certo reencaminhamento para o que seria o próprio papel da crítica e do crítico. Eles começam a dizer: e se eu atravesso a fronteira entre os campos, o mesmo vai acontecer também com você, crítico? Eles começam a propor deslocamentos de papéis que são muito interessantes para se pensar.

Por outro lado, sempre me parece bom lembrar os grandes leitores. Minha família era uma família de leitores de jornal: meu pai era um leitor de jornal de cabo a rabo. E, embora meu pai fosse um amante de literatura, ele passava batido por qualquer coisa de artes visuais. Não tive, por exemplo, essa cultura das artes visuais na família, eu fui atrás de conhecimento por desejo meu. Fico pensando se no tempo em que se tinha nos jornais a coluna de crítica de arte, ela realmente capturava os leitores, no sentido do leitor comum? Claro que era importante, eu mesma sou uma leitora de tudo que se publica dessas revisões das críticas que foram escritas, para mim é muito importante ler, inclusive para ver como o tom vai mudando etc. É claro que as pessoas do campo da arte buscavam isso; era um termômetro para a área, inclusive. Mas me pergunto (e vai falar a professora agora) se isso efetivamente democratizava essa informação. Ela poderia estar disponível, mas ela precisava ser lida.

Sempre vou me lembrar do Jacques Lenhardt dizendo: o crítico tem um compromisso como esse observador privilegiado que é, vamos dizer, o compromisso de criar uma sedução para que a pessoa que não está necessariamente interessada por aquilo comece a se interessar.

Uma coisa com a qual eu ainda tenho dificuldade é com a crítica no Instagram. Eu leio – e acho que quem me treinou para isso foi Dani (Daniela Name) – porque, muitas vezes, me interessa o que a Dani escreveu (e, claro, não somente ela, mas muito poucos). E, em que medida, a gente que é da área da arte tem paciência para ler aquele textão, da forma como se colocam textos mais longos na plataforma?

O exercício da crítica está, logicamente, deslocado do lugar em que estávamos acostumadas a reconhecê-lo, mas, retomando um pouco do que Clarissa falou, será que esse exercício da crítica realmente não está em outras práticas? Como, por exemplo, no exercício curatorial, na curadoria que é crítica. Porque eu não sei se há um desenvolvimento dessa escritura nas redes sociais que vá ocupar novamente o antigo espaço. Ele poderá ser muito interessante caso consiga se desenvolver, mas a gente tem outros meios e eu considero que essa foi a grande provocação dos artistas, ou seja, deslocar os críticos do seu lugar.

Por exemplo, para mim, rever *Malasartes* é sempre muito esclarecedor porque, de uma certa forma, ela colocava o crítico, como o Ronaldo Britto por exemplo, no lugar de um teórico da arte em um sentido mais amplo, alguém que está fazendo uma proposição que não está ligada especificamente a um conjunto de obras, mas sim à própria revisão histórica da arte; e, na revista, muitas vezes o artista era deslocado para o lugar de crítico, cuja proposta era refletir sobre como esse arranjo se dava. Estas são questões que surgiram e continuam se apresentando; penso que a gente está em um momento flutuante no que se refere a esses temas.

Sempre me incomodou aquela afirmação várias vezes repetida: “depois que o Wilson Coutinho morreu não tem mais crítica de arte no Brasil.” Muito se ouviu isso, porque ele foi o último grande crítico de jornal. Espera aí, como assim?

2 | *Malasartes* foi uma revista publicada no contexto da ditadura, que se seguiu ao Golpe de 1964. A *Malasartes* trazia a discussão do sistema de arte, tendo marcado época, embora tenham sido publicados apenas três números, entre 1975 e 1976.

3 | A Revista *Item* foi publicada entre os anos de 1995 e 1996, com a edição de 4 números abordando os temas (item-1) “textos de artistas”, (item-2) “música”, (item-3) “tecnologia” e (item-4) “sexualidade”. Em 2002, após seis anos, a revista *item* voltou a circular, com o lançamento de dois números inéditos: item-5, com o tema “afro-américas”; item-6, com tema “fronteiras”. Editores: Ricardo Basbaum e Eduardo Coimbra.

4 | Sala Experimental do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM do Rio), que funcionou entre 1975 e 1978. Foi um espaço destinado a exposições de vanguarda e experimentação de projetos, tendo apresentado trabalhos de artistas como Anna Bella Geiger, Cildo Meireles, Carlos Vergara, Waltercio Caldas, Lygia Pape, entre outros.

Eu acho que ela (a crítica) permanece sim, está viva e se apresenta em outros lugares.

GRAÇA RAMOS: Eu gostaria de pontuar algumas questões. Aquela crítica que era feita em jornais era lida, tinha seus leitores. Ela formava opinião, formou gosto. O caso da Maria Martins mesmo é um exemplo, ela foi rifada no Brasil a partir de uma crítica que foi veiculada nos jornais; e vários outros casos. Então, aquela crítica poderia não ser tão democrática, nesse sentido comum que a gente vê hoje das mídias digitais, amplamente democráticas na perspectiva de que alcança muita gente. Mas será que são mesmo amplamente democráticas porque têm esse excesso? Muitas vezes as pessoas mal leem o que está nas publicações (posts), às vezes só veem imagens, imagens. Texto mesmo é muito difícil de prender a atenção nas redes sociais.

Temos que pensar assim: muitos leitores de jornal, como o exemplo que a Marília trouxe, não eram leitores de arte, mas, também, outros tantos leitores se baseavam naquela crítica que era veiculada. Então, podemos dizer que ela teve seu papel, ela foi importante.

MARÍLIA PANITZ: Claro, sem dúvida!

GRAÇA RAMOS: Nessa pesquisa que fiz do Volpi, vi como ele foi defendido em Brasília por Pedrosa, com uma veemência inacreditável. Então percebemos o quanto era importante aquela crítica, na configuração de um pensamento e em uma série de escolhas. Ou seja, ela tinha seu papel. Quando o artista vira o crítico e que o crítico passa a se posicionar poeticamente, esse espaço de uma crítica de juízo, as razões da crítica, vai se confundindo, se reconfigurando. Vai se tornando “embolado”.

E, apesar de não termos mais esse leitor, há muita gente no mundo que procura um viés que mostre um pouco como são os caminhos, e esse espaço a gente não tem. E não temos porque não interessa ao mercado uma crítica de arte externa. E quando digo externa, – tanto Marília quanto Clarissa utilizaram a expressão “exercício crítico” – quero dizer que é claro que quando eu pesquiso estou fazendo exercício crítico, mas isso é diferente de fazer a crítica, crítica aqui no sentido de que eu não estou comentando aquilo que é externo ao meu trabalho. No caso

do Ronaldo, ele criticava, mas era dentro da sua expertise, dentro daquele momento da História da Arte, ele estava pouco preocupado com outros movimentos, outras ações. Então, esse exercício crítico é muito voltado para aquilo que cada um está exercendo, mas ele não tem esse olhar externo para várias outras coisas. E, disso, eu sinto muita falta.

Eu começo a ler as revistas de arte, não somente aqui no Brasil, e me pergunto: por que é tudo elogio? Tudo termina virando um grande elogio. Será que ninguém consegue dizer: não, isso não está bom, não resolveu as questões! A Nahima comentou sobre isso, ou seja, há muita gente que não tem a expertise, que não é do mundo da arte e que gostaria de ter acesso a uma crítica sobre determinada exposição ou a trajetória de um artista. Mas, no entanto, os mecanismos todos foram inviabilizando esse tipo de crítica.

Não há dúvida de que nós somos críticos, exercemos a crítica, fazemos a poesia – embora eu não seja nem um pouco poética, esse lugar eu não reivindico, mas muitos críticos e curadores exercem a poesia e é lindo lê-los. Eu não sou professora, optei por não ser, mas entendo que é papel do professor trabalhar o exercício crítico, no entanto é uma atuação que, por sua própria característica, não alcança o grande público. E quando eu vejo o Instagram, hoje em dia, eu considero que ali não se está concretizando muita coisa, não está sendo consolidado um espaço para o exercício da crítica. Há uma ocupação massiva do Instagram pelas instituições, elas aprenderam a utilizar a plataforma muito bem, e os casos exemplares no Brasil são o Instituto Moreira Salles e o Museu de Arte de São Paulo, o Masp; ambos souberam utilizar muito bem essa mídia, têm uma agilidade incrível e uma habilidade na utilização da ferramenta.

Dentro desses espaços democratizados, como é o Instagram, qual é a crítica que efetivamente é feita? Eu vejo muito as instituições se autodivulgando, mas não estamos lá, nós que pensamos, que fazemos uma série de estudos e pesquisas, colocando reflexões em nosso espaço pessoal – e nessa crítica eu me incluo, evidentemente, porque eu sou muito econômica nas redes sociais, nessas mídias. Algo assim: olha, eu fui na exposição tal e tem coisas ali que não

fecham, não dialogam, não estão bem pensadas. Nós não produzimos esse tipo de material.

Por isso eu acho que o espaço da crítica – não do exercício crítico –, como essa ciência lá do século 19, que foi rompendo barreiras, nós não a atualizamos. Então eu vejo esse exercício como sendo muito difícil, a não ser que seja para divulgar aquilo que nós próprias fazemos, mas não para refletir sobre o trabalho do outro. Na minha opinião há um empobrecimento

muito grande, porque deixa de haver esse exercício, que não precisa ser autoritário, mas pode sim ser um exercício de cobrança até: foi gasto tanto nesta exposição e aí, o que ela traz que é novo, efetivamente? O que ela apresenta que realmente vai mudar a minha leitura sobre esse trabalho? O que vai me acrescentar sobre esse artista? É muito bom ouvir vocês, me acrescenta um bocado, mas eu permaneço com essas dúvidas.

Cinara Barbosa: Talvez tenhamos que pensar sobre essa condição do novo, não necessariamente estejamos ainda motivados por essa questão. Qual o sentido desse novo? O que é essa novidade? Essa ideia de novidade é muito calcada no século 19, início do século 20, vinculada a importantes transformações. Atualmente, são outras conexões que a gente coloca nessa questão da crítica. É bonito isso que Graça coloca, daquele local, daquele ambiente, do fazer do crítico naquele momento. Vamos nos lembrar daqueles embates no final do século 19, das grandes máquinas, das pinturas, aquela disputa era muito cultivada também, de certa forma, por parte dos jornais, embora não tivéssemos muitos letrados naquele momento, no Brasil. E essa configuração muda ao longo do tempo. Para agora, neste momento, talvez nós não tenhamos o viés da novidade para a crítica e o exercício da crítica, como havia no passado. São outras chaves, quando nos deparamos com as exposições, há tantas coisas envolvidas dentro desse processo, que as entregas, os acréscimos das ideias de ruptura não estão tanto em questão. São outros elementos que estão aí atrelados. Talvez o desafio seja pensar o que deve ser escolhido, destacado, desses elementos que estão sendo colocados ali, seja pelo artista, seja pelos processos.





“Eu não consigo pensar toda uma história da arte, uma história das exposições, uma história da história da arte distante de uma história da epistemologia mesmo, do conhecimento do conhecimento.”

| Clarissa Diniz

MARÍLIA PANITZ: Eu só queria esclarecer um aspecto em relação à minha fala. Eu não quis colocar o Instagram como mídia substituta do jornal, de forma alguma, até porque o princípio é outro. O que eu queria colocar é que esses meios que temos hoje em dia e que, de certa forma, deslocaram o lugar da crítica, se inserem em uma discussão que continua muito restrita a um meio de interessados. E o que faz a diferença acaba sendo, mesmo como um trabalho de “formiguinha”, o trabalho da Educação, coisa que o jornal também fazia e faz, para o bem e para o mal, até hoje.

A questão que proponho está muito mais na direção de que talvez haja uma perda do papel da crítica de arte, que não vá voltar, porque a Arte se transformou. No sentido de que o que está posto nos textos, atualmente, é muito mais em relação a perguntas do que a avaliações. São muito mais questões que possibilitam refletirmos sobre versões diferentes, leituras diversas, do que, propriamente, uma avaliação do que foi feito em determinada exposição ou sobre o trabalho do artista.

MARÍLIA PANITZ PARA CLARISSA DINIZ: Vou perguntar à Clarissa algo que tem a ver com o exercício de curadoria dela, que para mim tem um forte conteúdo crítico, que muitas vezes foi criticado, mas, por outro lado, propõe muito disso que a gente está falando agora: como o exercício de contaminação de obras umas sobre as outras, umas pelas outras, acaba se constituindo em um discurso crítico?

CLARISSA DINIZ: Eu acho que tem essa herança, essa perspectiva de arte que nos foi legada de uma certa ideia de pensamento científico, de uma metodologia, que, para analisar, é preciso isolar. Essa ideia de que para eu estudar tal fenômeno eu tenho que isolá-lo, eu o tiro de contexto e ponho no laboratório. Isso é um pensamento moderno, da ciência moderna, que eu acho que cria uma espécie de episteme geral em várias áreas do Ocidente, e nas artes também.

Eu não consigo pensar uma história da arte, uma história das exposições, uma história da história da arte distante de uma história da epistemologia, do conhecimento do conhecimento. Toda nossa ficção do isolamento como autonomia, do isolamento como verdade, do isolamento como conhecimento, enfim, tem várias versões, e até do isolamento como contemplação, como liberdade etc., me parece devedor de uma forma de pensar, que é uma forma que sublinha o gesto do deslocamento, da descontextualização, do isolamento, da singularização, da individuação – enfim, da autonomia também, como modo de conhecer. E eu acho que isso é um modo de conhecer, não duvido disso.

Mas há outros modos de conhecer, e, de certa forma, há um modo que é o da ciência moderna, que prescreve que devermos limpar tudo para chegar à essência das coisas. Então, limpa o espaço, pinta de branco, põe uma luz homogênea etc., no que seria, digamos, a nossa contraparte expositiva. No entanto, por outro lado, tem também, cada vez mais, nos últimos

séculos, o questionamento de uma certa episteme moderna, a partir de um desejo de entender que o conhecimento se dá também no contexto das coisas. E esse contexto é aquele também do sujeito da observação, do cientista, do químico, do público, do curador, do artista.

Eu me identifico mais, emocionalmente, com um tipo de conhecimento que está no meio das coisas. Eu sou nordestina, eu cresci vendo feira, não tem o isolamento, não é vitrine de loja, com coisas separadas. Eu cresci no Carnaval, pra mim o corpo está com outros corpos, e eu acho que tem o exercício que é também válido, além desse que nos foi legado por uma história, digamos, da ciência moderna, que é um exercício de conhecer as coisas na sua implicação com outras coisas, no seu contexto e também na bagunça, na contaminação, no caos, quando a gente não consegue ter distanciamento, dentre outros, também crítico. E isso é uma forma de pensar, eu acho interessante não me esquivar dessa forma.

No entanto, eu não faço só curadorias, digamos assim, contaminadas (risos). A curadoria é um gesto contextual: curadorias respondem a contextos que são diversos, que mudam, são singulares e que, dependendo do contexto, para mim, faz sentido lançar mão de estratégias que vão fazer esse tipo de escolha como modo de elaboração de formas possíveis de brincar com sentidos e modos de saberes. Eu tenho muita dificuldade em normatizar esse tipo de discussão a partir de uma ideia de display, de montagem, porque eu acho que isso é a ponta do iceberg: a gente está falando de estruturas de conhecimento, de epistemologia mesmo, e não de display. É ruim diminuirmos o cubo branco a esta questão e não o enxergar à luz de uma construção epistemológica, de uma ficção de sociedade.

A montagem de uma exposição está dentro de um entendimento que vai por muitos lugares, que muda, que não é uma fórmula fixa e, às vezes, a contaminação faz sentido. Fernanda estava falando: a gente pensa o experimental, mas quando chega na hora de fazer uma exposição, tem aquele protocolo da moldura – e eu estava pensando em exercícios curatoriais em que a gente não precisou fazer isso: Contrapensamento selvagem, uma exposição que eu fiz, que foi um pouco isso, e vários outros exemplos. Teria que fazer essa lista, mas eu arriscaria dizer que aquelas que abdicaram desse protocolo foram

as mais contaminadas e eu acho que isso não é coincidência. Isso é a crítica à episteme, que não é uma episteme só da curadoria, do display, é um jeito de pensar. E não é uma crítica ao outro, é uma crítica a nós mesmas, é a gente se forçar a pensar de outro jeito, é se permitir não seguir certos protocolos que nos foram legados. Da mesma forma como foram legados para a ciência, nos seus experimentos, nos seus protocolos, nas metodologias científicas, também nos foram legados para o cubo branco, para a montagem, para o display das exposições. Para mim é isso, é um exercício e, dialogando com o que a Graça falou, eu até entendo a diferença entre exercer crítica e exercício crítico, mas, no fundo, para mim, a crítica é um exercício crítico. Eu tenho dificuldade em entender até onde vai uma e começa outra; a curadoria, para mim, diz respeito a exercícios curatoriais, práticas curatoriais. É uma forma de pensar mesmo: eu penso menos em curadorias e mais em práticas curatoriais, porque não é só curador que faz curadoria, outras pessoas também podem desenvolver práticas curatoriais, assim como artistas podem desenvolver práticas críticas.

E, curiosamente ou não, e pensando no que a Graça estava falando, sobre a rarefação do debate público da crítica, eu acho que sim, se a gente pensar em uma ideia de esfera pública, há uma aparente rarefação. Mas, ao mesmo tempo, a minha experiência pessoal está atravessada por muitas críticas, tanto em relação ao que produzi quanto ao que outros produziram, a respeito de coisas de que participei, como exposições ou outros textos. Para mim, está aí, não acabou não. É aquela coisa, a chama não se apagou ainda.

CLARISSA DINIZ PERGUNTA PARA NAHIMA

MACIEL: Uma coisa que eu acho legal da crítica, como vocês estavam comentando sobre Mário Pedrosa, é que a crítica é importante no momento que ela é exercida para realmente fazer uma análise de um objeto, de uma obra. Mas, no fundo, ela vai ser importante porque, anos depois, ela vai mostrar para as pessoas o olhar de uma época. Trata-se menos sobre o que exatamente Mário julgou de Maria Martins, e mais o que Mário estava entendendo da arte, do mundo, naquele momento.

É interessante pensar que a crítica, mesmo sem querer, já nasce como autorreflexão,



“O que a gente escreve hoje é um cenário do que está acontecendo e nas artes plásticas não é diferente. Nesse sentido eu acho que sim, e eu me deparei muitas vezes com isso durante esses vinte anos no jornal, porque você vai atrás do que foi escrito para entender o que está acontecendo hoje.”
| Nahima Maciel

mesmo que ela só vá se dar no tempo histórico, ela está de certa forma fadada a exercer uma autorreflexão. Mesmo que ela não perceba, mesmo que ela não queira, de alguma maneira ela vai estar mais se mostrando do que mostrando outros, vai estar falando de si o tempo inteiro. E eu acho isso incrível. E, nesse sentido, você falou da crítica de jornal, eu não acho que essa crítica de jornal, por mais que você tenha dito que é diferente da academia, eu acho que ela está nesse lugar também: ela fala muito de um pensamento de uma época, de um sujeito, de um determinado grupo, de uma comunidade. Então, queria te perguntar sobre isso: a partir da ideia de estar em um determinado tempo do mundo, de um lugar, de um determinado território, de ser mulher, brasileira, de falar português, como você sente essas contingências todas, como é essa fantasia, essas questões para você?

NAHIMA MACIEL: Você está falando de contexto de história, que a crítica, de uma certa forma, é um documento histórico sobre uma época e acho que a matéria de jornal também é. O que a gente escreve hoje é um cenário do que está acontecendo e nas artes plásticas não é diferente. Nesse sentido eu acho que sim, e eu me deparei muitas vezes com isso durante esses vinte anos no jornal, porque você vai atrás do que foi escrito para entender o que está acontecendo hoje. Então, não importa se é crítica, se é reportagem, todo texto publicado ali é um documento histórico.

No jornal, em uma data comemorativa da Semana de 22, fomos pesquisar o que foi

publicado em jornais naquela época, para poder escrever as reportagens. A ideia era mandar um repórter no tempo para a Semana de 22 e eu fui fazer isso. Foi publicada uma matéria por dia e a gente escrevia sobre o que estava acontecendo na Semana de Arte Moderna, naquele mesmo dia do ano, em 1922. Fui atrás das matérias que foram escritas à época e a partir delas eu escrevi como se estivesse naquela época, mas, obviamente, com o meu olhar de hoje e no contexto de hoje.

Quando você escreve para jornal você está o tempo inteiro consciente disso. Mesmo quando você faz essas matérias que a gente chama de “commodities”, essas matérias “fast-food”, do dia a dia, de “hardnews”, você está construindo um cenário para deixar aí, isso é um documento. A gente brinca que jornal embrulha peixe no dia seguinte, já não teria mais o menor significado, mas tem sim.

NAHIMA MACIEL PERGUNTA PARA GRAÇA

RAMOS: Você comentou há pouco que o mercado não quer a crítica de arte, que não interessa a ele que essa crítica seja feita. Eu gostaria que você falasse sobre isso, sobre por que o mercado não quer a crítica e que mercado é esse, ou quais mercados são esses?

GRAÇA RAMOS: Eu acho sim que boa parte da dissolução da crítica, não do exercício crítico, mas dessa crítica que era convencional em relação ao outro, e não ao seu próprio trabalho, ela sofreu muito a interferência do mercado. O capitalismo se fortaleceu muito, as galerias se fortaleceram



“Há uma total desvalorização desse exercício da crítica, muito em função disso. Porque você começa a trazer outras questões. É claro que avaliações errôneas sempre existirão. A perda da oportunidade de entender, de compreender o trabalho de um artista, de uma artista, também iria acontecer, mas acho que para o mercado não vale a pena esse olhar externo.”

| Graça Ramos

muito também. O mercado em si de compra e venda se tornou um mercado forte, e eu acho que não interessa para eles que você faça uma crítica que diga: “olha, esse artista apresenta uma novidade, mas se a gente for fazer um percurso histórico, isso aqui efetivamente não é uma novidade.” Ou seja, muita coisa seria desmontada. Essa voracidade perderia muito do ímpeto dela.

Há uma total desvalorização desse exercício da crítica, muito em função disso. Porque ele começa a trazer outras questões. É claro que avaliações errôneas sempre existirão. A perda da oportunidade de entender, de compreender o trabalho de um artista, também iria acontecer, mas acho que para o mercado não vale a pena esse olhar externo. Eu acho que está aí a diferença: o exercício crítico seria algo interno nosso, do grupo de quem pesquisa, de quem dá aulas, de quem faz essa crítica no sentido mais amplo, essa crítica que começa a se dissolver por volta dos anos 1960; naquele momento começa a haver uma mudança grande.

Eu acho que tem muito a ver com o fortalecimento desse mercado capitalista, que interfere profundamente na recepção. É uma recepção muito orientada pela galeria, pelo galerista, pelo curador, pelo marchand. Por mais que nós exerçamos os nossos exercícios críticos, esse olhar e essa forma de divulgação, de pagamento e de aquisição de obras interferiram profundamente na atividade da crítica de arte.

Então há poucas revistas de arte, porque tem pouca gente que patrocina essas publicações. Isso é um dado. Há poucos espaços de discussão da arte, porque também não interessa. Os jornais

deixaram de existir, viraram produtos do passado.

Os que ainda existem vão resistir por mais alguns anos. Esses espaços que nós temos hoje, que são os espaços do mundo digital, não estão interessados nisso, não é? Cada vez mais eu acho que tem uma influência muito grande dessa entidade aí, dessa “medusa” que é o mercado. Eu era muito jovem quando comecei a trabalhar em jornal e eu sempre me perguntava: “mas o que é o mercado?” Aí eu concluí que, para mim, o mercado era uma grande Medusa. Aquela coisa que ninguém entende o que é, mas que se você olhar bem, te fuzila, não é? Ele vai te fuzilar. Então, para essa grande Medusa não interessa que seja feita uma crítica externa.

E nós também, curadores, artistas pesquisadores, quando questionamos profundamente o papel do crítico, fomos ajudando a desmontar isso. E essa crítica ainda teria lugar? A Marília tem razão quando ela diz: eu não sei. Mas será que dentro desses modelos de comunicação que nos estão sendo impostos – porque são impostos, Instagram, Facebook, agora o Metaverso – o nome é maravilhoso, não é? Metaverso – será que dentro desses mecanismos a gente não consegue recuperar um pouco desse exercício, para além do que a gente faz, para olhar o trabalho do outro? Porque todo mundo fala: “suspendeu a crítica, a razão da crítica está suspensa.” Será que está mesmo? Porque nós fazemos a crítica. Quando a gente vai a uma exposição, eu ligo para a Nahima e digo: e aí, o que você achou? A Marília deve ligar para algum amigo e perguntar: o que você achou? Mas isso nunca fica escrito, não vai para o público

externo, fica entre nós, é um exercício que fica em um âmbito reduzido.

Por exemplo, eu vou fazer um elogio para a Clarissa: as exposições mais diferentes que eu vi no Rio de Janeiro em um determinado período foram as da Clarissa lá no MAR⁵. Eu me divertia com aquela mistura ampla, naquele espaço branco. Teve uma que você levou o pessoal das comunidades próximas pra participar. E eu dizia: olha, isso aqui tem uma coisa diferente. E me pergunto: alguém escreveu sobre isso? E disse efetivamente “aqui há algo diferente”?

Tudo bem, eu posso ser questionada por isso, mas eu fiz uma opção de largar esse espaço, senão eu ia voltar a ser jornalista e eu estava querendo me desvincular disso. Mas, então, eu pergunto: onde é que isso foi apontado? Onde foram apresentados esses pensamentos, que são críticos, mas que não são veiculados? Quando esses pensamentos vão para a crítica, eles vão com base em uma interpretação, aí se interpreta aquilo que está colocado lá, mas não se critica. Eu vejo muito isso, especialmente nas revistas, o viés psicanalítico, então é uma desculpa maravilhosa para se fazer uma interpretação, uma interpretação, uma interpretação... bom, aí eu penso assim: foi construído um edifício, e aí se construiu outro edifício do lado. Mas eu fiquei sem entender se, realmente, aquele primeiro edifício é muito bom.

Eu, que domino alguns instrumentos do mundo da arte, fico imaginando um ser humano relativamente culto, lendo aquela crítica, o que ele vai achar daquilo? Ele vai dizer, vou nessa exposição ou não? Vou ver porque é boa? Eu acho que falta um pouco esse compromisso – a palavra talvez seja esta, compromisso. Falta um pouco de compromisso de a gente perder a timidez de dizer: isso é bom, isso não é bom, isso tem algo que expande esse pensamento, algo que traz alguma coisa nova etc.

Por exemplo, eu ainda não vi a exposição da Maria Martins⁶, mas eu fiz questão de comprar o catálogo. Eu li o catálogo em um final de semana

e fui anotando, aqui tem novidade, aqui não tem, este texto aqui não me diz nada, este é mera interpretação... mas eu me preocupei em saber o que dali realmente apontava de novo sobre a artista. Então eu pergunto: quantas vezes a gente faz esse exercício? E quantas vezes a gente compartilha esse exercício com o público? Eu acho que muito disso é contido pelo mercado mesmo. Mercado aí é a grana mesmo, é o capitalismo impondo a sua leitura de mundo.

GRAÇA RAMOS PERGUNTA PARA CLARISSA

DINIZ: Eu assisti a uma palestra da Clarissa há algum tempo atrás no IMS.⁷ Desde que eu soube da morte do Jaider Esbell⁸, eu já lia muito sobre o suicídio, então estou lendo mais ainda, este é um dos meus livros prediletos, de um escritor inglês (mostra o livro *El arte del suicidio*, de Ron M. Brown) e eu me lembrei daquela palestra da Clarissa. A gente está aqui falando muito do mercado, da crítica, e me pergunto como que um homem que estava com tudo isso supostamente equacionado, fazendo sucesso, com uma superexposição em São Paulo... como que a adaga vem? Quando eu digo adaga, eu não sei o que aconteceu, para a morte voluntária que está sendo dita. O que o moveu? Seria o valor, o desespero, seria uma loucura, o que não fechou na situação em que ele vivia? Eu já tinha um interesse sobre ele, como artista, mas depois do que aconteceu eu fiquei mais impactada ainda, então, minha pergunta para a Clarissa, que é uma pergunta difícil: na sua opinião, o que aconteceu? Na sua opinião, evidentemente.

CLARISSA DINIZ: Esse é um assunto muito delicado, os últimos dois dias foram terríveis. A minha família paterna tem uma larga história de suicídios, dois primos meus e um tio, irmão do meu pai, se suicidaram. Então, é uma coisa sobre a qual eu nunca li muito, mas sempre penso. Porque quando alguém se mata, sempre ficamos nos perguntando, o que nós não fizemos pra evitar aquilo? As pessoas próximas se

5 | MAR – Museu de Arte do Rio, no Rio de Janeiro.

6 | A exposição da artista Maria Martins, *Desejo Imaginante*, com curadoria de Isabella Rjeille, ocorreu no Museu de Arte de São Paulo (MASP), entre Agosto de 2021 a janeiro de 2022.

7 | IMS – Instituto Moreira Salles.

8 | Artista, escritor e arte-educador da etnia Makuxi, nascido na região hoje demarcada como a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, Jaider Esbell estava no auge da carreira quando morreu, aos 42 anos, em 2 de novembro de 2021, data próxima a esta entrevista entre as curadoras, daí a referência à sua morte no debate. Seus trabalhos são considerados como a espinha dorsal da 34ª Bienal de São Paulo, realizada de 4 de setembro a 5 de dezembro de 2021.

“Eu acho que é o erro de interpretação, de novo, mais uma vitimização, mais uma tutela, dizer que ele foi vítima do capitalismo. Ele quis muito chegar aonde chegou, ele mexeu muitas coisas, para conseguir fazer o que fez, e ele falava o tempo inteiro que estava fazendo uma armadilha para a armadilha.”

| Clarissa Diniz



perguntam isso por anos. Depois desses 25 anos de experiência pessoal com o suicídio, eu tomei para mim que realmente não tem nenhuma explicação, ou seja, nada explica. Porque também não é uma discussão sobre racionalidade, porque não cabe a racionalidade. Por mais que haja vários motivos, nenhum deles explica.

Sobre Jaider, especificamente, eu fiquei muito chocada, foi como um golpe pra mim, porque era uma pessoa com quem eu tinha muita interlocução, que eu leio com muita atenção, que eu escuto com muita atenção, é um sujeito da minha pesquisa de doutorado. Então, foi um golpe muito duro.

Mas, ao mesmo tempo, se tem um grande aprendizado para mim, da minha relação com Jaider, é um aprendizado sobre agência. Ele foi e segue sendo um grande defensor, até mais que defensor, ele reivindicou que a gente percebesse lugares de agência onde a gente não via agência, onde a gente via somente tutela, vitimização. E ele fez isso de muitas maneiras em termos políticos, teórico, e na vida dele, ele agenciou muito, tudo, na vida dele. Esse boom do mercado, ele não foi vítima do mercado, ainda que tenha sido também, não é? Eu acho que é o erro de interpretação, de novo, mais uma vitimização, mais uma tutela, dizer que ele foi vítima do capitalismo. Ele quis muito chegar aonde chegou, ele mexeu muitas coisas para conseguir fazer o que fez, e ele falava o tempo inteiro que estava fazendo uma armadilha para a armadilha. Então, ele sabia muito bem o que estava fazendo, ele sabia das armadilhas, ele queria montar armadilhas

para as armadilhas. Isso era dito, era pensado por ele. Então ele tinha muita consciência e muita agência de tudo. Neste sentido, o que me conforta é que ele tenha tido agência também na morte. Eu não tenho tabus, interditos em relação ao suicídio, para mim é uma morte absolutamente legítima e respeitável. O desafio é menos tentar entender e sim inverter a pergunta e tentar dar continuidade à ética de Jaider. Não é pensar o que deu errado, o que fracassou, mas tentar entender o que ele enuncia ao escolher morrer. Ou seja, não é procurar entender o que ele não teria conseguido fazer ao escolher morrer, mas sim o que ele enuncia com sua morte. Pra mim o desafio é esse, é ter clareza, é entender que ele tinha tanta agência, e ele queria tanto ter, ele reivindicava tanto isso, então o desafio é, sabendo quem ele é, por ser quem é, e por ter escolhido morrer como ele quis, compreender que isso é um enunciado. A pergunta seria: o que ele enuncia ao escolher morrer?

GRAÇA RAMOS: Eu também não vejo pela questão da vitimização. Quando você fala agência, eu falo valor. E me parece que realmente pode ter sido algo muito refletido, eu também não tenho nenhum preconceito, eu acho que é uma forma de ética a questão do suicídio. Depois de tudo o que eu li sobre Jaider, eu só queria escutar alguém que estudou a obra dele, que conhecia ele, para eu tentar entender melhor o contexto.

Eu não tive a vivência com ele e com seu trabalho. Mas essa vitimização começou a me incomodar e, por isso, eu queria saber

mais sobre ele. É importante, no momento em que a gente está refletindo sobre a crítica, pensar em um artista que estava em seu momento de exuberância e acontece isso. E nós precisamos pensar um pouco, para não romantizar também, não vitimizar, e não

ficar a impressão de um ato que não teve sentido. Porque é possível que alguma coisa tenha sido engendrada, como a Clarissa se referiu às armadilhas, mas o que seria a gente nunca vai saber, a menos que existam cartas, correspondências, algum registro.

Cinara Barbosa: E é importante que essas observações sejam colocadas, porque está tendo uma prevalência desse discurso do mercado ultrajante, e o artista como essa pessoa frágil dentro desse sistema. Eu acho que colocar isso em evidência, essa pessoa que é esse agente, e que coloca em evidência outras questões, isso precisa ser comentado, precisa circular. É o que nós estamos discutindo, sobre os sentidos críticos das coisas, e isso ganha uma outra densidade, uma pluralidade mesmo de visões. É o que temos conversado, é esse pensar diferente, as novas chaves, outras chaves, diferentes perspectivas. Esse “soco” sobre o artista em iminência de desaparecimento que o mercado dá o tempo inteiro, não é? Essa máxima que é o mercado, o que faz? Infla o artista e, a partir de determinado momento, aquilo passa a não ter mais interesse, ou outros processos passam a acontecer. E isso tem se comentado sobre, embora eu não goste dessa denominação, sobre as artes identitárias. E, de certa forma, muita gente está à “espera” de que, em algum momento, “essa moda vai passar”. Obviamente, não é um juízo de valor meu, mas são questões que eu avalio que são colocadas dessa forma. Por isso é importante fazermos circular essas outras perspectivas. Vou passar agora para a Fernanda, para fazer a pergunta para a Marília.

FERNANDA LOPES PERGUNTA PARA MARÍLIA

PANITZ: A Marília falou da questão da Arte-Educação e também da atuação como professora, eu me lembrei de um projeto dela de curadoria de coleção, da coleção do Sérgio Carvalho. O projeto era uma curadoria compartilhada, pelo menos uma delas, com três curadoras, não é Marília?

MARÍLIA PANITZ: Exatamente!

FERNANDA LOPES: Então, eu fiquei curiosa de te ouvir sobre essa dinâmica que a gente está discutindo dentro de uma coleção específica, pensando a curadoria dentro do universo dessa coleção. Sobre como fazer a curadoria a partir de uma coleção, que já é um recorte. E como olhar um recorte dentro do recorte, e esse recorte compartilhado também com cocuradoras.

MARÍLIA PANITZ: Eu acompanho a coleção do Sérgio Carvalho há muito tempo. Houve uma exposição com curadoria da Denise Mattar que aconteceu em São Paulo, no Paço das Artes.

Para mim era muito interessante essa questão de haver mais curadoras, tenho um grande prazer na prática curatorial compartilhada, coletiva.

No projeto com o Sérgio, a gente conversou com a produtora da exposição e tivemos essa ideia de que seria interessante reunir pessoas que tivessem diferentes intimidades com a coleção dele. E isso realmente resultou em pontos de vista diversos sobre o conjunto, porque nós tivemos a oportunidade de ver a coleção toda juntas e começamos a discutir, inclusive com o próprio colecionador, o que cada curadora destacaria na exposição, a partir do universo que é a coleção como um todo.

A partir daí, começamos a costurar, entre as três, uma proposta que constituísse um discurso que fizesse sentido, e não somente resultasse em três discursos isolados.

A coleção do Sérgio Carvalho tem um aspecto importante, pois ao longo da sua trajetória, ela foi mudando suas características. Ele foi um colecionador de Goeldi que, de repente, se apaixonou por outras madeiras,

“Foi a partir deste histórico da coleção, que nós, curadoras, começamos a pensar como seria a curadoria. Eram níveis diferentes: havia uma coisa que o apaixonava (a parte da curadoria que eu desenvolvi) que é essa produção contemporânea de arte que está falando do mundo ao redor, diretamente.”

| Marília Panitz



porque um apaixonado por Goeldi é um apaixonado por madeiras, não é? Então ele passou a vender alguns de seus Goeldi e a comprar outras obras em madeira. A partir daí, iniciou uma aproximação com alguns artistas, que indicaram a ele outros artistas. Assim, ele passou a vender boa parte de sua coleção de obras em madeira e se voltou para uma produção contemporânea de artistas, que descobriu por meio de outros artistas. Esta é a característica básica da coleção do Sérgio Carvalho.

Foi a partir desse histórico da coleção, que nós, curadoras, começamos a pensar em como seria a curadoria. Eram níveis diferentes: havia uma coisa que o apaixonava (a parte da curadoria que eu desenvolvi), que é essa produção contemporânea de arte que está falando do mundo ao redor, diretamente.

Havia uma outra que tinha a ver com certas abstrações. Mas ressalto que seriam “certas” abstrações, porque seriam as abstrações, em última instância, que estão, de certa forma, em uma passagem entre forma abstrata e figuração. Esta foi curada pela Polyanna Morgana. E, finalmente, tínhamos uma terceira, que foi curada pela Marisa Mocarzel, ligada à produção que tem um foco, vamos dizer assim, no próprio delírio, nessa situação na qual você é pego pela emergência inconsciente daquilo que você está produzindo como poética.

Essa curadoria compartilhada foi toda muito orgânica. Na primeira exposição, em Brasília, no Museu dos Correios, tínhamos uma configuração de espaço que dava para “nadar de braçada”, porque eram três andares de exposição, que

começava com “Relatos”, seguia para os andares superiores com “Construções” e “Assombros”, ou seja: o comentário da realidade cotidiana, a abstração e o espaço onírico, em uma metáfora arquitetônica para a ideia de transcendência. Esses nomes foram escolhidos com o próprio Sérgio, a partir de sugestões nossas.

Na segunda montagem, fomos para o Centro Cultural dos Correios, no Rio de Janeiro, com um andar somente, e depois para São Paulo, que tem uma configuração espacial bem mais complicada.

Em cada um desses espaços, nós fizemos uma curadoria diferente, embora os conceitos que orientaram o início dos trabalhos tenham se mantido.

Para nós, curadoras, e para o Sérgio, o colecionador, foi uma experiência muito rica, porque ele, por exemplo, passou a perceber certas questões na sua coleção das quais antes não tinha se dado conta. Quando se faz curadoria de uma coleção com o colecionador vivo, temos um processo muito profícuo. Porque é possível identificar como a pessoa pensa, para criar a sua coleção, e como o outro vê isso, não é? E como, nesse processo, o próprio colecionador começa a mudar aos poucos a forma de ver a sua coleção. E para nós foi interessante ter, em um primeiro momento, uma posição confortável nessa configuração espacial que determinava cada um dos recortes, e depois a provocação da mistura dos núcleos, que foi criando uma outra sentença, a qual, finalmente, passou a ser de nós três juntas, efetivamente.

Cinara Barbosa: Clarissa, queria te pedir para fazer pergunta para a Fernanda, pode ser?

CLARISSA DINIZ: Claro! Fernanda, a gente falou aqui nessa questão do exercício crítico na formação de artistas, mas você tem essa singularidade de dar aulas de crítica de arte, de produção de texto, você tem uma trajetória de formação de pessoas interessadas na crítica de arte. Eu queria que você falasse um pouco sobre isso, porque é um aspecto muito singular, em relação aos temas que estamos debatendo.

FERNANDA LOPES: O nome do curso é Laboratório de Prática de Texto, mais do que exatamente de crítica, mas acaba sendo procurado pelo aspecto da crítica de arte, muito em função da necessidade de escrita de vários atores desse nosso contexto. Por conta da minha formação em Jornalismo e de uma prática de escrita jornalística que é muito importante, que tem que ter clareza e levar em conta uma amplitude de pessoas a serem alcançadas pelo texto, eu sempre fui, e continuo sendo procurada por amigos artistas que querem pensar um texto para seu portfólio, para projetos e a própria escrita da crítica de arte também.

Então, inicialmente, eu tinha pensado como um curso de crítica, e acabei ampliando para prática de escrita, de texto, dentro da área, porque tinha essa procura mais ampla. Todo mundo aqui já deve ter participado de banca de projetos, de editais, vocês sabem o desafio que é pensar o trabalho como projeto, como construir um projeto. É comum vermos artistas cujo trabalho nos interessa e, quando recebemos um projeto em uma banca de comissão de seleção, muitas vezes percebemos que o projeto apresentado não está adequado ao que é o trabalho daquele artista. É um desafio o processo de como editar o próprio trabalho como portfólio ou como apresentação para um edital.

E a dinâmica do curso acaba sendo isso que a Graça comentou, da prática de um exercício crítico. Porque a proposta dos textos é que os alunos partam da visita a uma mesma exposição, que todos vejam os trabalhos e nós conversemos sobre os aspectos dessa exposição. Então, a proposta é que, a partir dela, se façam textos, não somente sobre a exposição, mas, muitas vezes, a partir daquela exposição. E nos resultados

aparece um pouco de tudo, o que eu acho muito interessante e ressoa sobre o que nós estamos conversando, que é pensar outras possibilidades de escrita e de crítica também.

Tem a ver com o que nós falávamos em relação aos nomes, sobre poder manter nomes para coisas que já mudaram, mas que não sabemos como renomear, ou que talvez nem precise. Talvez a crítica em um determinado momento fosse feita de uma forma, e hoje ela já vai ser outra coisa, mas a gente não precisa dar outro nome para isso. Ou seja, a crítica continua sendo ela, “carranca” reinventada, recolocada.

Muitos artistas fizeram o curso e acabaram fazendo trabalhos com texto, incorporando o texto ao trabalho, e isso foi muito bom. É interessante que, quando fui para o mestrado, eu não queria fazer crítica de arte, eu queria me especializar como jornalista. Ser crítica de arte, fazer curadoria, eram coisas que não estavam colocadas para mim naquele momento. Embora eu não cogitasse, apareceram essas possibilidades ao longo do processo, muito por causa da Glória (Ferreira), que foi minha orientadora, que me aproximou das coisas de um outro jeito. E, neste curso, eu vejo pessoas muito jovens querendo ser críticas de arte e que procuram o curso porque, na Faculdade, há a oferta de História da Arte, mas não a de prática da escrita. Então, estamos falando em como transformar esse pensamento em texto, em estrutura de texto. No curso, discutimos sobre determinada exposição, sobre artistas, e as pessoas têm opiniões bastante diferentes e o que a gente propõe é como colocar isso no papel como texto, ou seja, enquanto construção de texto, mais do que de crítica de arte.

É um curso que eu gosto inclusive para mim, porque as pessoas às vezes falam, “ah, escrever para você é tão fácil, escreve isso aqui pra mim”. Mas, pelo menos para mim, escrever é muito difícil, cada vez mais. Talvez eu tenha aprendido aos poucos sobre as minhas armadilhas e como me desvencilhar delas, a gente vai criando as nossas metodologias de trabalho. Então, esse curso pra mim sempre foi muito rico, e para várias pessoas que eu pude acompanhar, porque nos faz pensar que uma

“Ok, eu posso saber toda a trajetória de seja lá quem for, mas, na hora que você entra em uma exposição é importante entrar sem tanto essas justificativas prévias. Ou seja, é importante ver a exposição, estar na exposição.”

| Fernanda Lopes



crítica não necessariamente precisa ser um texto com uma narrativa com início, meio e fim, a crítica pode ser feita de várias formas, muitas vezes de uma maneira indireta também.

Um dos caminhos disso que estamos discutindo é também tentar exercitar uma certa liberdade de reconfigurar a ideia de texto crítico. A questão do Instagram, por exemplo, talvez seja tentar transpor para uma mídia que nem era, inicialmente, de texto, e me faz pensar na proposta do Frederico Moraes, não somente ele, mas ele é o exemplo mais óbvio, na proposta da nova crítica, de responder a uma imagem com uma imagem, porque a palavra não faria parte desse código.

O Fernando Cocchiarale tem um texto bonito sobre a questão da palavra, essa palavra que a gente usa pra fazer isso que chamamos de crítica de arte é a mesma que a gente usa pra ir à feira, é a que a gente está usando agora aqui nesta conversa, a que usamos para xingar alguém na rua — então ela já vem carregada de tantas outras questões.

Então, o curso se propõe a ser uma reflexão sobre como ordenar o pensamento, conversar sobre as exposições e ter que transformar isso em um formato, digamos assim, entre “muitas aspas”, profissional, mais oficial, digamos. O curso tem uma passagem do que você escolhe falar e de como você escolhe falar. E era muito comum, Graça, como você comentou, a maioria dos textos ser sempre elogiosa, e tinha um exercício que eu passava, que dizia assim: vamos olhar para questões, para problemas, porque uma exposição tem problemas, como um livro, um filme etc.

Então é muito importante discutir isso, discutir esses incômodos.

No meu começo, eu fiz um curso com a Daniela (Name) e ela falava que nós somos o nosso primeiro público, e ela destacava a importância de a gente se colocar nesse lugar de público também. Ok, eu posso saber toda a trajetória de seja lá quem for, mas na hora que você entra em uma exposição é importante entrar sem tantas justificativas prévias. Ou seja, é importante ver a exposição, estar na exposição. Tudo bem, eu sei tudo isso sobre esse artista, mas o que nesta organização, nesta construção [da exposição] me dá a ver, para além ou em paralelo com o que eu já sabia sobre aquele artista, independentemente daquela exposição.

CLARISSA DINIZ: Só uma curiosidade: você falou que era um curso mais de texto e escrita do que de crítica, mas você prefere se autodenominar crítica?

FERNANDA LOPES: Sim, porque escritora talvez envolva a ideia de ficção, o que, em um certo sentido, a gente faz muito também. Mas eu penso na crítica porque atuar com curadoria é uma das possibilidades da crítica, fazer uma exposição é, de certa forma, uma maneira de trazer elementos para a crítica. Por exemplo, a primeira vez que eu pensei em fazer curadoria foi quando eu trabalhava com a Glória Ferreira, estávamos fazendo uma exposição no Instituto Tomie Ohtake sobre os anos 1970. Eu era assistente dela, fiz toda a planilha de obras, pesquisa, que é uma coisa que eu adoro, a

seleção das obras e, quando a gente chegou no espaço, com as obras retiradas das caixas, tudo encostado nas paredes, 150, 200 obras, naquele espaço do Tomie Ohtake, que é uma folha branca gigante, eu pensei: como ela vai fazer isso?

Então, de repente, a Glória, que é aquela pessoa baixinha, magrinha, mas enorme como profissional, começou a mexer pra cá, mexer pra lá, e eu me vi editando textos...então, naquela hora, foi possível criar esse paralelo de pensar a

curadoria como um discurso, e me dei conta de que há cruzamentos entre esses campos.

Eu falo como crítica de arte porque pra mim, na maneira como eu penso e trabalho, eu entendo que a crítica é a base e as outras coisas são as maneiras de exercitar essa base. A ideia de escritora insere um aspecto mais autoral que eu não sei se tenho coragem de dizer que tenho. Mas o que a gente faz é ficção também, a gente está dando possibilidades de leituras, são exercícios que são também muito próximos.

Cinara Barbosa: Gente, muito obrigada pelo tempo de vocês e por essa conversa tão rica. Acho que esses momentos de encontros e conversas é que possibilitam as alegrias e nos dão oportunidades de refletir sobre as coisas e pensar nas possibilidades de atuação. Muito obrigada a todas vocês!

[illegible]

Curso Livre de crítica de Arte | Textos

Sissa Aneleh Batista de Assis

O *atelier* relacional no Plano das Artes

“A arte é o lugar de produção de socialidade específica (...),” ressalta Nicolas Bourriaud em seu livro *Estética Relacional*. Tal processo social coletivo podemos entrever na reabertura, para visitação, dos estúdios de artistas, promovida pelo BSB Plano das Artes em 2021. Para o nosso reencontro com esses espaços de produção de arte, reabrir as portas para visitação é reviver, mas também é repensar nossa relação com os lugares da arte e com quem a produz.

Socializar pela arte e para ela, em espaços particulares, ganhou dimensão relacional distinta tanto para um ou mais visitantes quanto para os artistas que nos recebem. Ali no espaço físico da visita surge um momento de reconexão não virtual, com nossa consciência adquirida para a segurança da aproximação, após longo tempo de contato virtual. Inerente à contemporaneidade, esse ato emergencial do ambiente hiperconectado que une tempo e espaço em uma conexão da internet não satisfaz mais, apesar de ainda ser necessário.

Estamos na era do *atelier* múltiplo que pode ser casa, oficina, canto do lar, escola, galeria, loja, espaço de amizade, outra proposta de museu ou apenas ativador das relações coletivas. Exemplo de casa-galeria-*atelier*, também de ambiente de antiquário contemporâneo para receber visitas, é o *atelier* orgânico e vivo de Valéria Pena-Costa, cuja montagem de ambientes com instalações de objetos de suas exposições passadas, novas produções de obras de arte, diálogos reflexivos do inconsciente em cada desenho alinhando-se às coleções de obsessões da artista, as quais se transmutam em mais objetos, provocam a experiência de estar – pela vivência emocional e afetiva com o lugar, pelo tempo dos relógios antigos, com ponteiros parados, espalhados pelo *atelier*-galeria da artista. Lá, sem hesitações, pedimos que o tempo pare.

Por qual motivo ainda não pensar em nossa busca por relações afetivas coletivas ao irmos a algum estúdio de arte? Atitude necessária para o encontro consigo, porém urgente para repensarmos nosso “bem viver” com outras pessoas, escolhendo a arte como vetor para esse encontro. O afetar-se nunca foi tão urgente

nos espaços de arte, principalmente durante a instabilidade imposta por fatores externos ao cenário artístico brasileiro.

O conceito posto neste texto de *atelier* relacional lembra, naturalmente, a proposta de arte relacional, mas agora em um novo fluxo energético conjugado entre experiência, vivência emocional e necessidade de conexão sadia com as estruturas e pessoas que compõem a arte. No entanto, tudo está mudando com o desmantelamento das fronteiras do pensamento, que carregam impregnados na alma conceitos congelados, teorias carcomidas e preconceitos coloniais da arte que não cabem mais em nosso almejado mundo da arte decolonial – eis a pedra de toque deste texto. Aviso, ainda, que não nos limitamos mais ao conceito de estética relacional, tampouco de arte relacional, mas sim queremos ampliar as relações do sistema da arte em sua completude, na forma como entendemos a arte em nosso país.

Portanto, as portas abertas de estúdios de artistas, assim como de museus, centros culturais, institutos de arte, galerias e demais lugares denotam a necessidade exacerbada de (re)encontro entre artistas ou artista e público, artista e curadores no ambiente próprio de sua criação, isolamento voluntário e contato coletivo quando desejado. Nesse circuito Plano das Artes a busca é a de reativar o diálogo entre público, obras e artistas em Brasília, a fim de alertar que estaremos para além da virtualidade – já inevitável, querendo conviver harmoniosamente entre o virtual e o presencial, este presente na nova forma relacional de ser *atelier*.

“O conceito posto neste texto de atelier relacional lembra, naturalmente, a proposta de arte relacional, mas agora em um novo fluxo energético conjugado entre experiência, vivência emocional e necessidade de conexão sadia com as estruturas e pessoas que compõem a arte.”

Letícia Miranda

Habitar um espaço: os cantos de um ateliê

*Rasguei um pedaço do mapa
de modo que o Grand Canyon continua
na minha mesa de trabalho
onde o mapa repousa
desde então minha mesa de trabalho
termina subitamente num abismo
(Ana Martins Marques)¹*

O ateliê é um espaço de criação. Começar com uma afirmativa pode ser complicado, mas gostaria de desdobrar esse pensamento em duas direções. Primeira direção: o artista cria – o que quer que seja – dentro desse local. O artista trabalha com a mente, com as mãos, com os desejos; nesse ambiente a invenção toma corpo. Segunda direção: o artista cria a si mesmo dentro do ateliê. Sendo um lugar de elaboração, o ateliê lança a possibilidade de uma organização de si – somos seres em formação, os recintos onde nos situamos reverberam nos gestos que articulamos.

E aqui algumas questões se revelam. Quando falamos “ateliê”, qual imagem se apresenta? Um cômodo amplo? Uma sala muito alta e arejada? Uma casa cheia de janelas, com jardim e muitas mesas?

Um ateliê pode ter todas essas características físicas ou nenhuma delas. Um ateliê pode ser um espaço ficcional, imagético, não físico. Um ateliê pode ser uma mesa, um canto da sala, do quarto, da varanda...um ateliê pode ser uma sala virtual!

As configurações são variadas e os usos são convergentes. Um ateliê é espaço de acolhimento (de ideias, trabalhos, pensamentos, pessoas, conflitos...), independentemente do formato que tenha.

Quando habitamos um espaço pequeno, somos convocados a encarar cada detalhe (cada ser que por ali passa) e enxergar as limitações como parte da dinâmica do trabalho – os limites podem ter diferentes faces e modos, apontar direções ou lançar desafios. Tomando emprestadas as palavras da artista brasileira Pamella Anderson, “a gente produz onde dá”² – e não há demérito algum nisso.

O Clube começou ocupando um espaço público no meio de uma entrequadra; por conta da pandemia de Covid-19, passou a ocupar ambientes virtuais. Nesse período, a estrutura do CCBSB foi de uma ocupação itinerante e sem espaço fixo – quase uma flutuação. Aqui está o ponto de contato com a colocação de Pamella Anderson: para criar não é preciso um formato específico; para criar é preciso gente, vontade e alguma organização-movimentação.

Ao assistir ao vídeo “Distrito aberto: rotas ateliê de canto - Pedro Gandra”³, conseguimos captar as implicações do espaço na escala das produções – e ver que para alguns artistas o limite precisa ser muito bem-marcado.

Durante quatro meses, Gandra ocupou um ateliê cujo pé direito tinha 7 metros. Em seus planos estava: concretizar uma série de quadros grandes. Porém, nesse tempo, o maior quadro realizado pelo artista tinha 24 x 16 cm.

Com essa pequena narrativa constatamos a importância da escuta. Por vezes, o espaço prega peças, impõe-se, cria regras próprias.

O diálogo com as estruturas é parte da invenção de um espaço de trabalho – da obra em si e do artista. Por isso a pergunta “como nos situamos?”⁴, levantada pela artista, curadora e pesquisadora Yana Tamayo, é crucial. Diante dessa proposição podemos relacionar o espaço, quem age/habita esse espaço, as ocupações e as movimentações ensaiadas ali e como tudo isso ressoa no que é produzido – pensando essas dinâmicas no micro e no macro.

Ter um ateliê, independentemente da sua configuração, é elaborar e abrir caminho para as invenções.

A epígrafe que abre este texto não foi escolhida por acaso. Uma mesa de trabalho

1 | MARQUES, Ana Martins. O Livro das Semelhanças. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 41.

2 | Essa fala da artista foi retirada do vídeo “Distrito aberto: rotas ateliês de canto - Pamella Anderson”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ebfMz5lOs6o>>. Acesso em 05 nov. 2021.

3 | Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GWF4Db4G2sg>>. Acesso em 05 nov. 2021.

4 | Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TnatNbKt9lc>>. Acesso em 05 nov. 2021.

expõe as veias do pensamento. Tudo ali está ao alcance dos olhos. Na organização ou na desordem vemos os processos abertos, vibrantes, incompletos. Esse é o encanto do ateliê!

Com a proposta de adentrar os ateliês de canto, o projeto BSB Plano das Artes abre caminho para uma reflexão sobre os espaços de trabalho, suas formas e jeitos. Além de apresentar seus habitantes. Esses lugares mostram que criar ambientes é também uma maneira de escoar o que pulsa internamente – e não há certo ou errado, o que há é desejo.

Comecei o texto com uma afirmação e para finalizar deixo aqui uma questão: quais histórias,

mistérios e aventuras as extremidades de uma mesa nos contam?

“Um ateliê pode ter todas essas características físicas ou nenhuma delas. Um ateliê pode ser um espaço ficcional, imagético, não-físico. Um ateliê pode ser uma mesa, um canto da sala, do quarto, da varanda... um ateliê pode ser uma sala virtual.”

Aline Zimmer

Yana etc. | Trechos de *entrevista com Yana Tamayo*

Conheci o trabalho de Yana Tamayo na minha primeira experiência como mediadora, em 2019, logo após a conclusão do curso de História da Arte, na exposição *Estratégias do Feminino*, no Farol Santander Porto Alegre. A mostra, com curadoria de Daniela Thomas, Fabrícia Jordão, Helena Severo e Rita Sepúlveda de Faria, apresentava obras de artistas diversas, propondo diálogos a partir de seus cotidianos e de suas lutas, atravessados por questões de gênero, de classe e de etnia. Também era fruto de um acordo judicial do Farol Santander com o Ministério Público, em função do fechamento precoce, dois anos antes, da exposição *Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* – decisão institucional motivada na época, entre outras coisas, pela reação que a proposta sofreu por diversos grupos, no bojo do crescente conservadorismo que o Brasil atravessava e atravessa.

Não falo de palavras, margens e travessias à toa. O trabalho de Yana com o qual convivi entre os meses de outubro de 2019 e fevereiro de 2020, *Terra nullius [as margens da alegria]*, hoje integra o acervo do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS). Eram utilizadas cerca de 110 placas com palavras extraídas de duas fontes: arquivos do IBGE que narram a origem dos nomes de algumas cidades do centro do país e o conto *As margens da alegria* (1962), de Guimarães

Rosa. As palavras podiam ser rearranjadas por quem manuseava o trabalho, formando frases por vezes truncadas pela falta de conectivos – o que não deixa de lembrar os poemas dadaístas – e estabeleciam um diálogo entre imagens, palavras e a história de como se deu a ocupação de parte do território brasileiro. Outros trabalhos na mesma linha, como *Primeiras estórias (Ficções)* e *Primeiras estórias (Cartografia Sentimental)*, ambos de 2017, são frutos das reflexões da artista desenvolvidas na residência promovida pelo JA.CA. – Centro de Arte e Tecnologia, a respeito da ocupação da região central do país como possível metáfora para ordem e desordem, ocupação e desmanche.

Além da questão da apropriação de textos históricos e da literatura, convocava-se o público a ativar a obra, a fim de completar/ampliar/mover, a seu modo, a proposta artística. E, sim, eu brincava bastante com *Terra nullius* nos momentos de vazio do espaço expositivo, rearranjando as palavras para que mais ou menos formassem trocadilhos e ruídos propositais, que muito me divertiam ao serem notados pelos visitantes. Merleau-Ponty já escreveu que para todos os gestos que faziam um quadro só havia um motivo: a paisagem em sua totalidade e plenitude absoluta. Gosto de pensar que a paisagem como motivo da obra é não só aquela relativa ao mundo que me cerca, mas também é a paisagem que se forma dentro da

gente. Como escrever sobre ela e convidar o outro a atravessá-la comigo?

Na entrevista com Yana Tamayo, que participa do BSB Plano das Artes na categoria Ateliê de Canto, conversei com a artista para discutir sua colaboração no evento, as intersecções possíveis entre crítica e mediação, as estratégias de registro das ações educativas e o cenário cultural brasileiro⁵.

Yana: (...) a minha formação como artista reverbera muito nisso, a forma como eu consigo escutar artistas, imaginar e pensar a partir da materialidade, ou seja, numa dinâmica de forma, conceito e afeto com o mundo, como a gente

sente o mundo e como a experiência do mundo e o conhecimento sobre ele se dão a partir do sensível. Eu me afeto a partir disso, mas ao mesmo tempo eu consigo, depois de muita experiência, de mais de dez anos de experiência, criar esse distanciamento para poder perceber como se podem dar essas práticas como metodologias, ou seja, a gente conseguir distinguir e falar assim: “olha, o que estamos fazendo? Percebeu que estamos fazendo assim, assim, assado?”. Eu acho que tudo que eu faço, de alguma maneira, está relacionado com isso, com as práticas de escuta, seja escuta do mundo, seja a minha escuta como artista, e como eu vou tentar transformar isso em linguagem; a minha perturbação, a minha inquietação com o mundo, principalmente com as narrativas...acho que sou muito afetada pelas narrativas. E, criticamente, acho que entro na sua pergunta sobre como a crítica de arte se relaciona com a mediação; para mim acho que é isso, é como a gente se sente afetada pelas narrativas, pelas estruturas que são colocadas no espaço, estruturas materiais, o que elas significam em termos das dinâmicas que vão sendo criadas no espaço coletivo. Acho que sou sempre muito afetada pelo espaço público, pela esfera pública. Como artista eu me entendo muito como essa sujeita que vai criar os seus enunciados a partir sempre de um diálogo com a esfera pública.

“Gosto de pensar que a paisagem como motivo da obra é não só aquela relativa ao mundo que me cerca, mas também é a paisagem que se forma dentro da gente. Como escrever sobre ela e convidar o outro a atravessá-la comigo?”

5 | Texto editado para esta publicação e se encontra na íntegra no site do Plano das Artes <https://bsbplanodasartes.com.br/>

Mariana Galli Figueiredo

Memórias do circuito

Por motivo BSB do Plano das Artes, ativou-se e agenciou-se muitos profissionais, dentre pesquisadores, curadores, historiadores, produtores, jornalistas, professores, artistas, estudantes, galeristas e muitos eteceteras. Digo “etecetera” porque nesses caminhos nos quais se cruzam sujeitos interessados em artes, em suas múltiplas linguagens e potencialidades, muitas vezes nos desdobramos entre vários lugares da arte e por hora nos tornamos professores etc., curadores etc., artistas etc.

Bom, esse pensamento do “etecetera” nos faz percorrer diversos campos e escavar trincheiras com as próprias mãos. Digo isso

porque estar “entre campos” não é uma tarefa que se assume sem comprometimento, pois envolve ações. Ações diretas e indiretas, online e presencial, processos nos quais nos distendemos, enquanto corpos e subjetividades em trânsito e fluxo.

Procurei, neste exercício de escrita, refletir sobre uma forma poética possível de contar e alinhar pensamentos acionados pelos encontros com as pesquisadoras de arte do curso. Pensei sobre formas de escrita, modos de narrativas, de visualidades, de apresentação e de interação entrecortada pela experiência como mulher feminista, ativista, artista visual, performer,

arte-educadora e pesquisadora. Pensei nos espaços internos e externos, nos circuitos, nos processos de seleção e de editais, nos espaços formais e não formais, institucionais e extrainstitucionais. Pensei sobre os mapas e suas linhas de cruzamentos, seus limites e fronteiras materiais e imaginárias.

Descobri A Pilastra, uma galeria que nasceu em um apartamento no Guarã -DF com o intuito de viabilizar ações e experimentações artísticas como forma de resistência e luta pela democratização da arte e de produções que acontecem além de grandes centros culturais como Rio de Janeiro e São Paulo. Um espaço voltado para o encontro e discussão sobre a arte e seus processos, que promove projetos e exposições de artistas emergentes de diversas regiões.

Nesse percurso de ações formativas e afirmativas elaboradas através da presença e do encontro entre artistas, pesquisadores, curadores e público foram promovidas ações urgentes para refletirmos novas formas de nos relacionar e afetar uns aos outros, à medida que novos regimes se afirmam de maneira distópica e distorcida, exigindo novas formas de ser e estar no mundo. E, assim, elaborar novas estratégias para a criação, produção e circulação da arte.

Conheci a instalação "CÃO/CAOS" realizada na ocupação da vitrine da galeria "Decurators", em março de 2020. A artista visual AYA (Mayara Vilhena) tem em seus trabalhos e experimentações um modo de criar e compor imagens que cruzam as linguagens da pintura, da fotografia e a intervenção da arte urbana. Explora em suas imagens os contrastes, os limites e não limites entre o ficcional e o real, assumindo sua performatividade como artista visual, mulher, negra e periférica. AYA nasce, se elabora, se recompõe por meio dessa assinatura: primeiro através da subtração de letras do seu próprio nome, gesto de composição que evoca outra existência, afirmando outras formas de ser e estar no mundo.

No decorrer desse processo de construção crítica, percebi, ainda, como formas geométricas e planificadas são desmembradas e re-elaboradas em tridimensionalidades por meio do trabalho de Raylton Parga, na Galeria Risoifloras. Parga é um artista visual emergente do Distrito Federal que constrói sua poética por meio da ação de

corte e recorte; por meio de agrupamento e desagrupamento, fragmentações e montagens diversas, na feitura e composição de objetos bi e tridimensionais.

Os processos e operações formais se desdobram na disposição dos elementos e compõem outras formas na parede expositiva. Os materiais escolhidos para a confecção dos objetos emprestam um tom de fragilidade e efemeridade que tornam ainda mais evidentes as emergências do tempo pandêmico. A materialidade do papelão não é mascarada pela pintura e arranjo das peças; na escolha das cores predomina o uso do vermelho, do branco e do preto. Destaco também os aspectos modulares e transitórios de suas obras na medida em que podem ser operados pelo artista em suas fotoperformances, ou reelaborados em outros modos de exposição. Suas obras podem ser pensadas como arquiteturas provisórias de corpo que se funde com a matéria, com a máscara, ao mesmo tempo que se dobra e se reconfigura.

“Nesse percurso de ações formativas e afirmativas elaboradas através da presença e do encontro entre artistas, pesquisadores, curadores e público foram promovidas ações urgentes para refletirmos novas formas de nos relacionar e afetar uns aos outros, à medida que novos regimes se afirmam de maneira distópica e distorcida, exigindo novas formas de ser e estar no mundo. E, assim, elaborar novas estratégias para a criação, produção e circulação da arte.”

Gu da Ceil

A flor de Ceilândia

Ao visualizarmos o mapa do Plano Distrito Aberto fica evidente a aglomeração de espaços culturais no Plano Piloto de Brasília. Em Ceilândia, vemos a galeria Risofloras isolada na região mais populosa do DF. A única do tipo, onde deveriam existir dezenas de equipamentos que garantem os direitos de acesso à arte, cultura e lazer.

Brasília, desde a fundação, não é hospitaleira com quem foge dos seus padrões monetários. Tanto que a área da Vila IAPI, que abrigava as famílias removidas para dar origem à Ceilândia, hoje é o “Setor de Mansões IAPI”.

Em 1971, a Campanha de Erradicação de Invasões removeu 82 mil pessoas para a Ceilândia, que na época era um local sem infraestrutura urbana ou comunitária. A transferência da população para a região localizada a cerca de 30 km do Plano Piloto acarretou uma drástica queda da qualidade de vida das pessoas.

Sempre foi uma questão de classe e, consequentemente, estética, pois quem construiu a capital federal, que deveria ser de todo o povo brasileiro, não pode habitá-la. A burguesia quer que as demais cidades do DF sejam “dormitórios”, para perpetuar a lógica imposta pela mobilidade urbana precária que só garante a mão de obra nos horários comerciais.

A Galeria Risofloras, um antigo posto policial ocupado na Praça do Cidadão para dar lugar à

arte e à cultura, nasceu no Jovem de Expressão, projeto criado para promover práticas saudáveis e empreendedoras entre jovens periféricos de 18 a 29 anos em situação de vulnerabilidade, frutos da desigualdade socioeconômica do Brasil. Milhares de jovens já foram atendidos pelo projeto gratuitamente instalado na Praça do Cidadão, há mais de 15 anos, em parceria com a Rede Urbana de Ações Socioculturais (RUAS).

As atividades acontecem em dois prédios. O segundo deles, chamado de Galpão Cultural, abriga a Galeria Risofloras. Reinaugurado em 2018, após o abandono da Polícia Militar, promove o aprendizado e criação de artistas das periferias. Desde então, já foram realizadas mais de 400 atividades no espaço.

Além da galeria, o lugar de 116 metros ainda acomoda sala de dança, teatro de bolso, estúdio audiovisual, espaço para reuniões, palestras, aulas, terapias e várias outras atividades que promovem saúde mental e corporal para a população e transformam realidades a partir do uso saudável do espaço público. A continuidade esteve ameaçada pela Administração Regional de Ceilândia, que queria transformar o Galpão Cultural em um depósito de remédios.

Na Galeria Risofloras a arte é tratada como um processo de cura. A arte é uma arma na luta contra a violência. Violência essa que mata pretos, pobres, indígenas e travestis minuto a minuto. A transformação de espaços de opressão em espaços de educação, descoberta e experimentação artística faz-se urgente. O racismo e o elitismo intrínsecos às Artes Visuais são afrontados por representações negras, periféricas, femininas e LGBTQIAP+.

Um lugar de ação, experimentação e formação de uma nova geração de artistas que está construindo e rompendo pontes entre universos da arte contemporânea. Lá, descobrem, experimentam e desconstruem o fazer curatorial e o que é integrar uma galeria de arte a partir da diversidade de vivências intrínsecas à organização do projeto. Várias das obras e artistas são estreantes em um espaço expositivo. Espaço esse que tem, por escolha, todas as paredes pretas. Um cubo preto. Empretecido. Como tudo deve ser.

“Sempre foi uma questão de classe e, consequentemente, estética, pois quem construiu a capital federal, que deveria ser de todo o povo brasileiro, não pode habitá-la. A burguesia quer que as demais cidades do DF sejam “dormitórios” para perpetuar a lógica imposta pela mobilidade urbana precária que só garante a mão de obra nos horários comerciais.”

Uma mudança de consciência que precisa ser mais impulsionada na periferia, que também é centro cultural. Sensibilizar a população para não ter dúvidas de que não precisa pagar para entrar. Sensibilizar para que não rasguem uma colagem que fala sobre racismo, como aconteceu com o trabalho de Santz durante a exposição "Ceilom(bra)". Fato que escancara o quão provocadora pode ser a arte.

O nome "Risoformas", em homenagem ao coletivo de mulheres artistas urbanas que nasceu no Jovem de Expressão, reforça o caráter comunitário dessa revolução em curso. Movimentação de jovens talentos invisibilizados que buscam oportunidades e reivindicam territórios próprios de valorização da arte.

A quebrada produz e é de qualidade.

Curso Livre de crítica de Arte

Fragmentos de pensamento crítico

Bruna Paz

#quebradas

A desigualdade no Brasil é sentida pelos aspectos social, racial, econômico, político e, principalmente, cultural. Quantos de nós ainda não pisaram em uma galeria de arte? Assim, pensar arte também é refletir sobre a localização dos espaços culturais da nossa cidade. Lanço então outro questionamento, quantas vezes você visitou uma exposição fora do Plano Piloto?

Sair do centro parece ser uma tarefa difícil para muitos brasileiros, pois o medo do desconhecido é maior que a sede de conhecimento e partilha. (...) É preciso questionar a realidade de que somente aqueles que possuem diploma são vistos como artistas. Uma vez que arte é se expressar com autonomia, liberdade e paixão, não seríamos todos nós artistas?

(...)

Todos nós somos protagonistas da nossa própria história, assim como também somos protagonistas da história do nosso país, da nossa comunidade, logo, transformando o mundo coletivamente. É a partir dessa visão de vida que o programa Jovem de Expressão, desenvolvido pelo Instituto Caixa Seguradora, surge oferecendo à população oficinas culturais e de comunicação comunitária focadas no empreendedorismo e na disseminação do conhecimento. Em 2018 foi inaugurada uma das primeiras galerias de arte de Ceilândia, a Galeria Risoformas, criada pelo Jovem de Expressão. Construída em um posto abandonado da Polícia Militar, a galeria ressignificou o espaço e dispõe da arte com uma arma contra as opressões.

(...)

A minha experiência ao visitar o espaço foi única, me senti pertencente, e as obras e frases

ao meu redor só confirmavam ainda mais essa sensação⁶. (...) Aproveitando minha passagem e curiosidade, perguntei para a mediadora da galeria sobre a movimentação de visitantes no espaço. A educadora⁷ contou que muitas pessoas que passavam perto do Jovem de Expressão, como as que iam à farmácia ou esperavam atendimento na Agência do Trabalhador, entravam para apreciar a galeria e ficavam encantadas. Mencionou que uma senhora que

morava em Ceilândia há 40 anos disse nunca ter visto algo assim. É indescritível perceber o impacto que o espaço cultural provoca dentro da sua própria comunidade.

(6) Bruna Paz foi curadora da exposição "Foto de Quebrada" realizada em novembro de 2021 na Galeria Risofloras.

(7) A mediadora Nakellen Cristiny atuou durante as exposições Foto de Quebrada e Mais um dia, banda da artista Nathália Marinho.

Vanessa Aquino

Arte é alimento

A arte é a grande testemunha dos tempos. Por meio das obras de arte é possível entender sentimentos, modos de vida e pensamentos, ao passar de cada era. Em momentos de crises – sejam políticas, econômicas, sanitárias e humanitárias – a arte é alimento de temperos variados, que fortalece uma das necessidades mais fundamentais da sociedade: a comunicação. (...)

É certo que os desafios que chegam com as crises dão solidez à criatividade, elemento por vezes etéreo em demasia. (...) Na contramão das galerias e espaços culturais fechados, artistas intensificaram a produção artística no período mais crítico da pandemia ocasionada pela Covid-19. No Brasil, também foi possível encontrar galerias digitais que nasceram com a pandemia e na tentativa de se reinventar.

Monique Andrade

mapeamento # coletividade e as # insurgências da não-centralização artística

Ter participado do projeto nesses dois momentos "divisores" de águas de pré e pós-pandemia traduziu-se para mim, como espectadora, em uma ideia central: os diálogos e trocas que os mesmos propiciam. Pensar na junção conceitual e não geográfica de espaços, a partir de suas produções e semelhanças palpáveis, introduz uma linha que conduz câmbios e tece diálogos necessários para o desenvolvimento do campo artístico. Alimenta a importante reflexão de que a arte não acaba em si. Alimento esse que concretiza a importância e fundamentalidade do público, da figura do espectador, para 'o caminhar' em direção a uma concretização da arte, ou até mesmo fazer parte do processo de criação.

(...)

Pensar o projeto do Plano das Artes é falar da RIDE-DF. Repensar o centro, entornos, conceitos e mapear essas convergências artísticas como potência de cadeia produtiva criativa. Entender qual é o lugar da arte e que a arte está em todo lugar, que constrói conexões e rompe barreiras. De pensar o deslocamento como um caminho com destino definido e de encontro com o outro. Refletir que o projeto alcança não só galerias e espaços de exposição, mas também ateliês e ambientes de produção e processos artísticos; pensar essa existência como um corpo completo, como uma mostra de obras, de artistas e também de processos artísticos, de não obras finais, e como essas convergências rotacionam o

(...)

que reflita demandas desta geração. Construção que se torna viável na valorização da pluralidade, conceitual, poética ou geográfica, tanto de obras quanto de lugares e processos que não se pautam por dogmas fadados à centralidade do plano. Os múltiplos espaços e artistas, mesmo trabalhando em pesquisas distintas, ainda podem se encontrar e convergir dentro da trama artística.

A experiência da visita solo

(...) O público participante de outras edições relembra a oportunidade de conhecer, com transporte público, espaços de difícil acesso e também lugares longe do centro de Brasília. A alteração no modelo adotado em 2021 para o tipo híbrido, que inclui ROTAS ON-LINE e CIRCUITOS PRESENCIAIS ESPONTÂNEOS, ocasionou a busca por espaços mais próximos das casas do público. A bicicleta foi grande aliada nessa edição, sendo inclusive abordada em uma ação educativa proposta pela equipe do Educativo Poético.

[illegible]

Arte? E por que não seria?

Com a perspectiva falocentrista da sociedade ocidental de sempre verticalizar, horizontes se tornam ausentes e essa falta de abertura e de seus intervalos dificultam outras formas de pensamento e de entendimento crítico. Afinal, como conhecer algo a ponto de haver entendimento se não há outras perspectivas de olhar? Para nos colocar em debate, necessitamos anular esse fechamento que cria armadilhas. É preciso haver respiros para as percepções, pausas críticas para a criação.

Escrita Crítica

(...) importa pensar aqui: qual seria o canal de escoamento de produção de uma escrita crítica, dadas as questões colocadas para o campo da arte nesse contexto de descolonização epistêmica? Entre tantas, atenho-me a uma de modo especial: a discussão das obras de arte contemporâneas derivadas desse processo, no

(...) A hipótese que venho perseguindo é a de que esse território insurgente de escrituras críticas da arte, em seus múltiplos desdobramentos recentes, tanto seria urdido quanto coloca em funcionamento o que proponho chamar, aqui, de exercícios de críticas de arte menores. Isto é, de modos minoritários de se exercitar o pensar-escrever a crítica que, por operarem na contramão dos léxicos entoados pelo imaginário de poder hegemônico do monologismo crítico ocidental, dão a ver distintas e singulares perspectivas de leituras teóricas, críticas e históricas no campo da arte.





planodasartes



planodasartes 3ª edição no modelo híbrido.

O BSB Plano das Artes – Distrito Aberto traz para esta edição uma organização adaptada e especial com dois modelos de ROTAS por espaços autônomos de arte do DF.

ROTAS ONLINE PLANO DAS ARTES DISTRITO ABERTO – de 21 de outubro a 4 de novembro de 2021.

Exclusivamente com lives pelo nosso canal YouTube PLANO DAS ARTES, pelas redes sociais no Instagram, Facebook e site.

ROTAS/CIRCUITOS PRESENCIAIS ESPONTÂNEOS – PLANO DAS ARTES DISTRITO ABERTO – dias 28, 29, 30 e 31 de outubro de 2021.

Visita presencial e por meio de agendamento. Nesse CIRCUITO, o público pode participar montando sua própria rota para conhecer galerias, ateliês, espaços híbridos, ateliês rurais e espaços pop up de exposições.

Não teremos vans de transportes – devido à pandemia e atendendo recomendações da segurança da saúde no respeito aos protocolos de convivência, higiene e distanciamento.

BSB Plano das Artes – Distrito Aberto 3ª edição experimental, nesse modelo híbrido, o reencontro presencial com a arte.



distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito aberto distrito

**BSR PLAN NO
PAS ART ES**



live de
abertura com
Cinara Barbosa
16h



Cinara Barbosa

16h

distrito aberto

BSB PLANO
DAS ARTES



Quinta-feira, 21/10, 19h

Rota Vermelha

Ateliê Christus Nóbrega

A Pilastra

distrito aberto

BSB PLANO
DAS ARTES



Sexta-feira, 22/10, 19h

Rota Azul

Ateliê Valéria Pena-Costa + Projeto FUGA

Pé Vermelho - Espaço Contemporâneo

Galeria GUAVA

distrito aberto

BSB PLANO
DAS ARTES



Sábado, 23/10, 11h

Rota Violeta

Galeria Savta Casa Abya Yala

Fuzja Studio Vilarejo 21



Distrito Aberto: Rota Vermelha - Espaços de Teste

Plano das Artes
263 inscritos

Inscriver-se

36

Compartilhar

Download

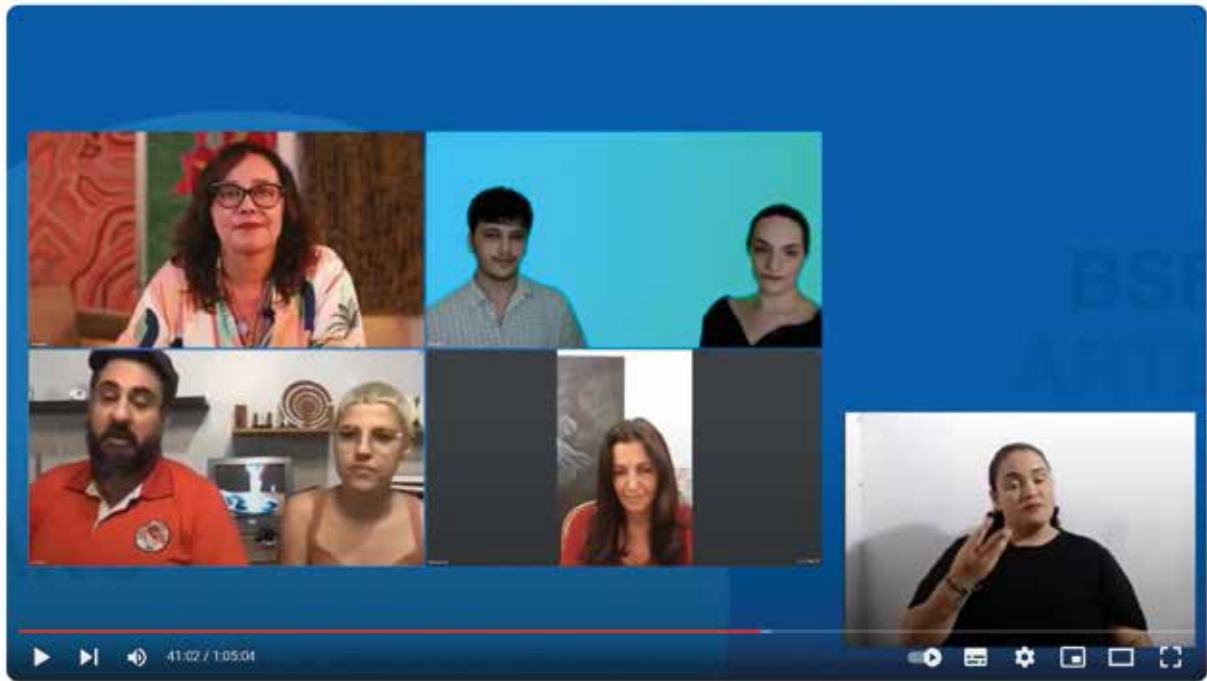
Clipe

Todos

De Plano das Artes

Arte

- lorik: boa noite! 🍷
- odecio visintin rossafa garcia: boa noite de paz
- Plano das Artes: Vai começar! 🍷
- Marx Lamare: Boa noite! Vai começar daqui a pouco! 🍷
- André Vilaron: boa noite, pessoal!
- Plano das Artes: Boa noite! 🍷
- camila soato: 🍷
- Plano das Artes: COMEÇOOOOOOOOOO
- Desvio Produções Culturais: uuuuuu
- lorik: maravilh!!
- Camila Pires: 🍷
- André Vilaron: parabéns!
- Mariana Galli: Boa Noite
- Mariana Galli: que maravilhaaaa
- Elisandra Cardoso: 🍷
- Mariana Galli: prazer estar aqui e poder conhecê-los



Distrito Aberto: Rota Azul - Grupos e +1

Plano das Artes
263 inscritos

Inscriver-se

3

Compartilhar

Download

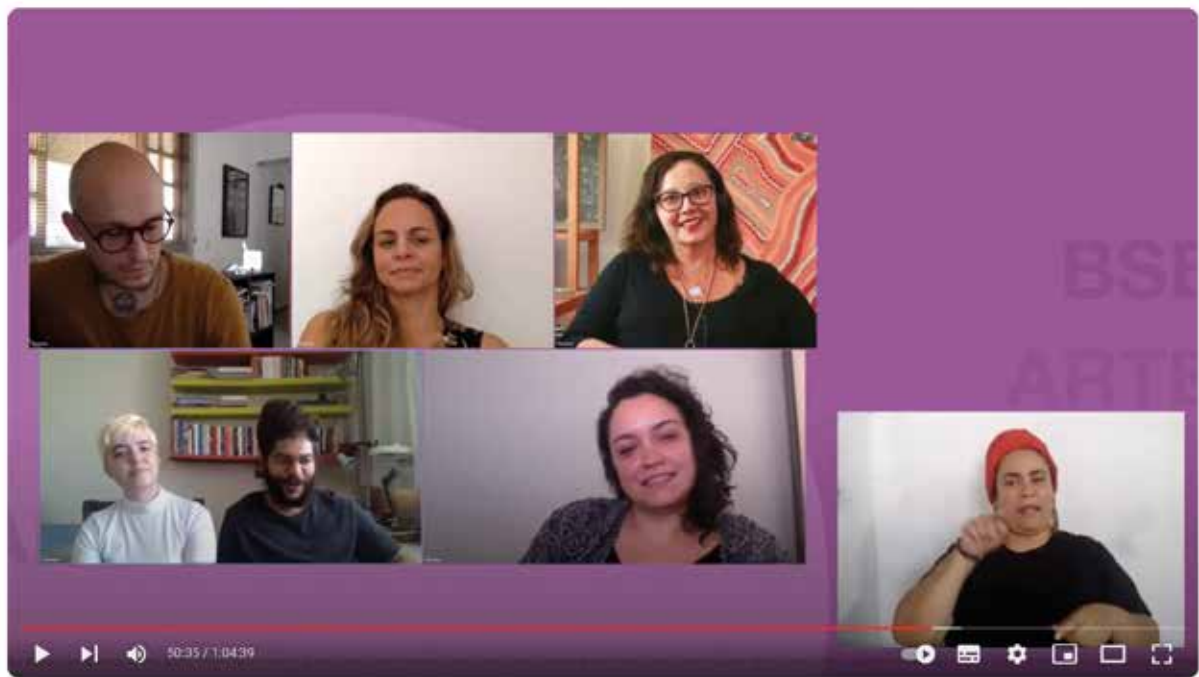
Clipe

Todos

De Plano das Artes

Arte

- Abertura: Plano das Artes - Distrito Aberto
Plano das Artes
924 visualizações · há 2 anos
- Gestão Cultural Para o Futuro: Da Democratização À...
Plano das Artes
74 visualizações · há 2 anos
- Entre Trilhas da Arte Espaços Independentes - Cinara Barbo...
Plano das Artes
187 visualizações · há 2 anos
- Distrito Aberto: Rota Ocre - Espaços de estar
Plano das Artes
155 visualizações · Transmitido há 1...
- Distrito Aberto: Rota Laranja - (in)permanências
Plano das Artes
199 visualizações · Transmitido há 1...
- Distrito Aberto: Rota Verde - Trajetórias
Plano das Artes
137 visualizações · Transmitido há 1...
- Distrito Aberto: LIVE - Clube de Colagem de Brasília
Plano das Artes
88 visualizações · Transmitido há 1...



Distrito Aberto: Rota Violeta - Incursões

Plano das Artes
263 inscritos

Inscriver-se

35

Compartilhar

Download

Clipe

Todos

De Plano das Artes

Arte

Cursos

- Christus Nóbrega: Et aí Patrícia vamos fazer uma colab?
- Raiany dos Anjos: Christus + Patrícia = queremos, me chamem pra ser a estagiária kkk
- Christus Nóbrega: Raiany 🍷
- Lellia Lofego Rodrigues: Poxa... tenho q sair... volto. Plano das artes, artistas... essa é a Brasília q eu amo, parabéns a todos!
- Christus Nóbrega: Era lindo o projeto do café com a galeria no subsolo! Objeto encontrado é um respiro na cidade!
- André Vilaron: Sim!
- Débora Minardi: Que troca massa, parabéns pessoal!
- Universo aus: Muito legal!
- Sandra Crivellaro: Curiosa tbem!
- Sandra Crivellaro: Vou agendar! 🍷
- Alan Santos: Vou visitar! 🍷
- Débora Minardi: Já quero agendar!
- Plano das Artes: P... DQUIRIR CERTIFICADO SOBRE A LIVE DE HO... ACESSE <https://forms.gle/>

distrito aberto

BSB PLANO

DAS ARTES



Sábado, 23/10, 18h

Rota Ocre

Ateliê Sanagê

XXX Arte Contemporânea

ManoObra

Espaço Berço da Águas Nação

Cerratense Atelier de Arte

distrito aberto

BSB PLANO

DAS ARTES



Domingo, 24/10, 18h

Rota Magenta

Centro de Artes Visuarte

- Studio Art MD'Azevedo

Galeria Olaria, Arte e Design

Matéria Plástica Galeria de Arte

distrito aberto

BSB PLANO

DAS ARTES



Segunda-feira, 25/10, 19h

Rota Amarela

oBarco Estúdio

Alfinete Galeria

Plano Imaginário

Galeria Olho de Água



- Akimiw Boa noite!
- Cinara Barbosa Boa noite
- Marx Lamare Boa Noite!!!
- Christus Nóbrega Boa noite
- marco antonio Siqueira olá
- Si Boa noite
- Chico Cavalcante Porto boa noite
- Cleber Cardoso Xavier boa noite.
- marco antonio Siqueira que bacana
- Iorak Fiquei super curiosa em conhecer o steliê sanagê!

Distrito Aberto: Rota Ocre - Espaços de estar

Plano das Artes
263 inscritos

Inscriver-se

32



Compartilhar



Download



Clipe



- Raiany dos Anjos Boa noite galera
- Leticia Rick boanotteeeee
- Leticia Rick
- Vinicius maroli oi
- amanda rodrigues Boa noite
- Pedro boa noite!
- Júlia Moana Boa noite!!
- Camila Pires Boa noite
- André Vilaron Grafa!
- Christus Nóbrega onde tem para comprar os livros?
- Isadora Godoy Luis Jungmann, você pode falar um pouco sobre a curadoria pra os artistas exporem na Matéria Plástica? Falar talvez um pouco também sobre as obras escolhidas pela editora??
- André Vilaron designer gráfico de livro do Bassol
- Alan Santos Boa noite!
- Universo sus Boa noite!
- Sandra Crivellaro Boa noite!

Distrito Aberto: Rota Magenta - Sistemas múltiplos

Plano das Artes
263 inscritos

Inscriver-se

38



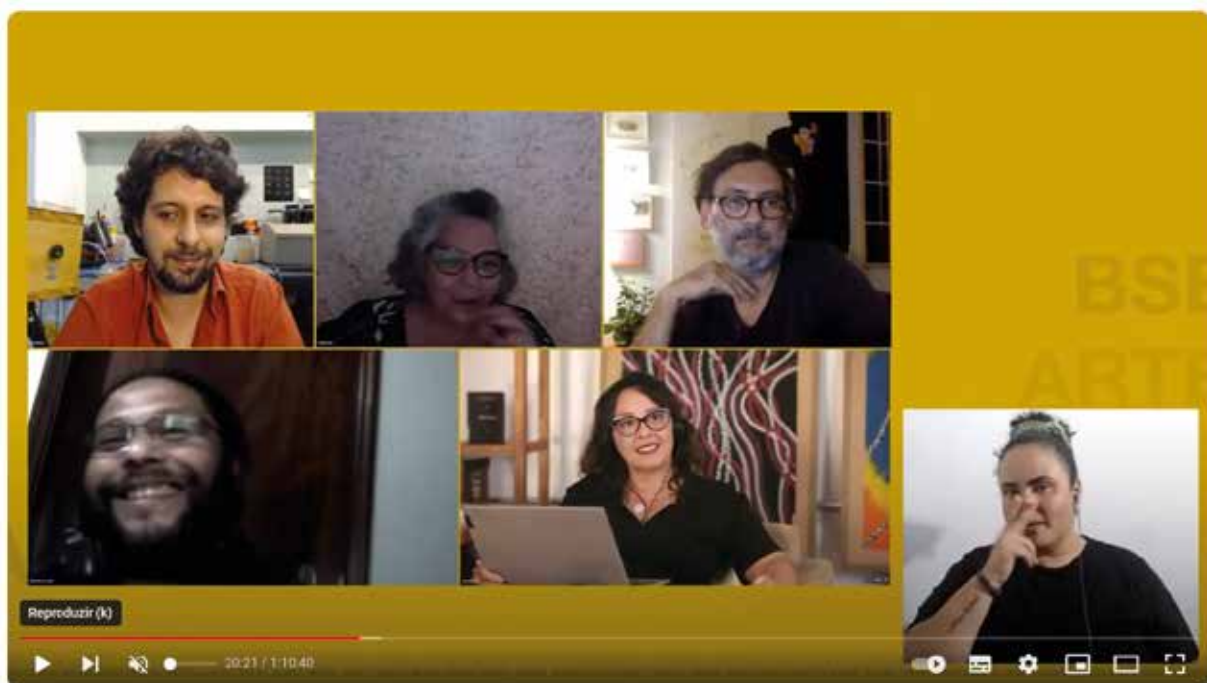
Compartilhar



Download



Clipe



- Pedro Lacerda Boa noite!
- Rafael Marques
- Claudio Cunha Boa noite a tod@s!
- Sandra Crivellaro Voltou
- arnaldo saldanha Boa noite!
- Maria José Martins Boa noite!
- Cecilia Mori Cruz Boa noite.
- Rogério Carvalho Boa noite!
- Plano das Artes Ol Pessoal! Não se esqueçam de se inscrever no canal e curtir o vídeo
- Plano das Artes PARA ADQUIRIR CERTIFICADO SOBRE A LIVE DE HOJE, ACESSE: <https://forms.gle/ZK9mubh0vnyh2Z6o>
- Marx Lamare Boa noite!!!
- André Vilaron grande Zu, Zuleika!
- Leticia Miranda Saudades do Sacolão!
- Fuzja Studio
- André Vilaron Fuzja Studio
- Rogério Carvalho Zuleika,

Distrito Aberto: Rota Amarela - No lugar da imagem

Plano das Artes
263 inscritos

Inscriver-se

31



Compartilhar



Download



Clipe



BSE

BSE

ARTE

BSE

ARTE

o aberto distrito aberto

Terça-feira, 26/10, 19h
Rota Laranja

Instituto Barraus - Ateliê Camila Soato
Ateliê Taigo Meireles
Casa Albuquerque Galeria de Arte

Quarta-feira, 27/10, 19h
Rota Verde

Ateliê Helena Lopes
Referência Galeria de Arte
Galeria Karla Osorio

Quinta-feira, 28/10, 19h
Rota Lilás

Ateliê Cecília Mori
Par de Ideias
Oto Reifschneider Galeria de Arte



Distrito Aberto: Rota Laranja - (In)permanências

Plano das Artes
263 inscritos

Inscrição

26



Compartilhar



Download



Clipe



Distrito Aberto: Rota Verde - Trajetórias

Plano das Artes
263 inscritos

Inscrição

22



Compartilhar



Download



Clipe



Distrito Aberto: Rota Lilás - Materiais da arte e da pesquisa

Plano das Artes
263 inscritos

Inscrição

23



Compartilhar



Download



Clipe



- Plano das Artes** Boa noite, Pessoal! Não se esqueçam de se inscrever no canal e curtir o vídeo 🙏
- Isadora Godoy Boa noite!!
- Plano das Artes** Lembrando que os agendamentos no sympla já estão abertos! Vocês podem acessar aqui: <https://www.sympla.com.br/nlanodasartes>
- Camila Pires Boa noite!
- Deborah Miranda Que beleza gente!
- Plano das Artes** PARA ADQUIRIR CERTIFICADO SOBRE A LIVE DE HOJE, ACESSO: <https://forms.gle/NSZEYveIKah6at5a>
- André Vilaron Camila é sensacional!
- Christus Nóbrega O Instituto Barraus vai abrir pra residência?
- Valéria Pena-Costa 🙏
- Valéria Pena-Costa Quero muito conhecer esse ateliê que acho lindo!
- André Vilaron Camila, o processo tem relação com a Permacultura?
- Bruna Paz Boa noite!
- Wagner Alves 🙏

Todos De Plano das Artes Arte

- Plano das Artes** Oi, Pessoal! Não se esqueçam de se inscrever no canal e curtir o vídeo 🙏
- Fuzia Studio Boa noite 🌙
- Marina Barbosa boa noite!
- wallace lino Boa noite!
- André Vilaron Boa noite!
- Plano das Artes** PARA ADQUIRIR CERTIFICADO SOBRE A LIVE DE HOJE, ACESSO: <https://forms.gle/ExMBUwZ08Gyw5dCh9>
- Estúdio 7um13 Olá a todos, boa noite! 🙏
- André Vilaron The Eternal Now, projeto com Mario Cravo Neto
- Deborah Miranda Boa noite gente!
- Plano das Artes** Acesse a plataforma para agendar a sua visita! <https://www.sympla.com.br/nlanodasartes>
- Rogério Carvalho boa noite!
- Plano das Artes** PARA ADQUIRIR CERTIFICADO SOBRE A LIVE DE HOJE, ACESSO: <https://forms.gle/ExMBUwZ08Gyw5dCh9>

Todos De Plano das Artes Aulas

- O replay do chat ao vivo está ativo. As mensagens mostradas quando a transmissão estava ao vivo aparecerão aqui.
- Elisa Mottos boa noite!!
- Plano das Artes** Oi, Pessoal! Não se esqueçam de se inscrever no canal e curtir o vídeo 🙏
- Mary Lamare Boa Noite!!
- Rogério Carvalho Boa noite
- Adon Bicalho Boa noite
- André Vilaron Boa noite!
- Marina Barbosa boa noite!
- Camila Pires Boa noite!
- Plano das Artes** Não deixem de acompanhar a nossa programação de lives. Por isso, se inscrevam no canal para ficar por dentro de tudo.
- Plano das Artes** Para agendar uma visita acesse o sympla.com.br/planodasartes
- Bruna Paz Boa noite!
- Plano das Artes** PARA ADQUIRIR CERTIFICADO SOBRE A LIVE DE HOJE, ACESSO: <https://forms.gle/VEu1G6Q1WmTYX9d>

Todos De Plano das Artes Arte Aulas

distrito aberto

BSE

BS B PLANO
DAS ARTES

Sexta-feira, 29/10, 19h
Rota Marrom



deCurators
Galeria Risofloras
- Jovem de Expressão
Ateliê Navega Navalha
- Raquel Nava

ARTE

ANO

distrito aberto

BSE

BS B PLANO
DAS ARTES

Segunda-feira, 01/11, 19h
Rota Âmbar

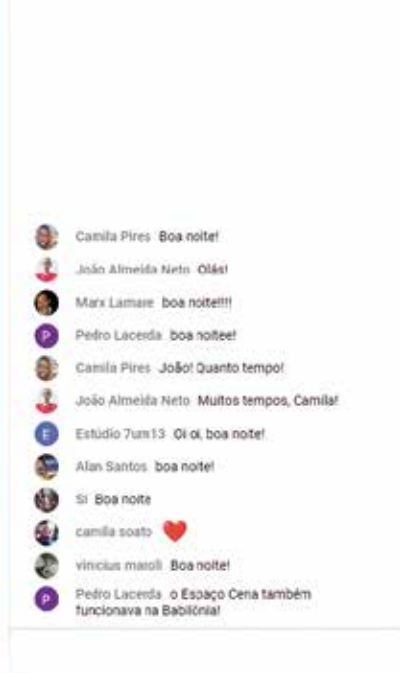


Pátio Galeria de Arte
Ateliê Hangar do Maravalhas
Casa Aerada Varjão
Espaço Barthô Naif

ARTE

ANO





Distrito Aberto: Rota Marrom - Organização Disruptiva

 **Plano das Artes**
263 inscritos

[Inscrever-se](#)

[17](#) [Compartilhar](#) [Download](#) [Clipe](#) [...](#)



Distrito Aberto: Rota Ambar - Próprio do lugar

 **Plano das Artes**
263 inscritos

[Inscrever-se](#)

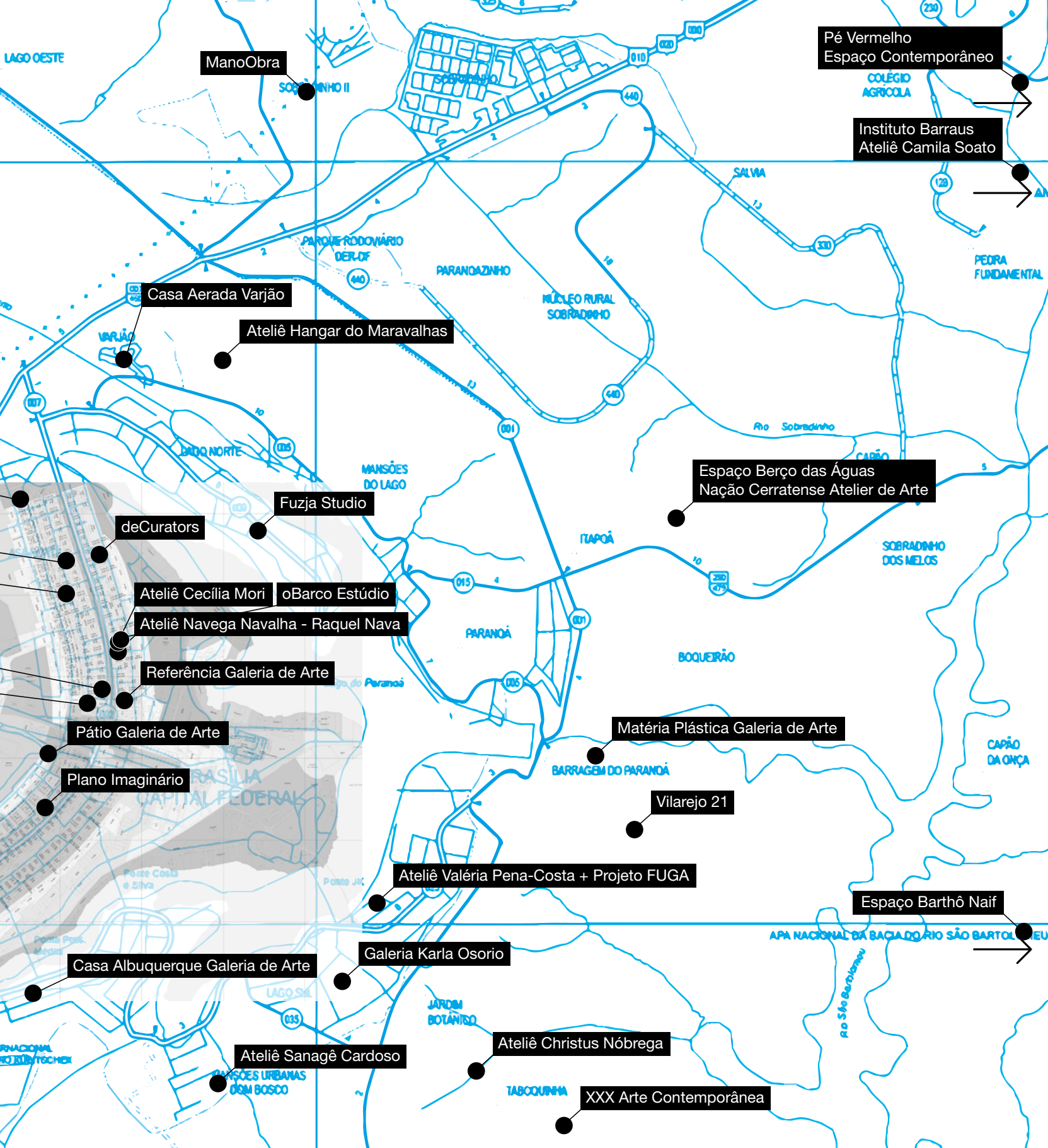
[47](#) [Compartilhar](#) [Download](#) [Clipe](#) [...](#)



distrito_aberto

Atelier Helena Lopes





Os endereços a seguir são registros de localização dos espaços na 3ª edição do BSB Plano das Artes, em 2021.

Alfinete Galeria

SCLN 103, Bloco B, Loja 66
Asa Norte, Brasília, DF
www.alfinetegaleria.com.br
@alfinetegaleria

A Pilastra

QE 17, Teatro de Arena do Cave
Guará, DF
@a.pilastra

Ateliê Cecília Mori

SCLN 206, Bloco D, Sobreloja 23
Asa Norte, Brasília, DF
www.ceciliamori.com
@ceciliamori_

Ateliê Christus Nóbrega

Condominio Quintas Interlagos,
Conjunto L Lote 11
Jardim Botânico, Brasília, DF
www.christusnobrega.com.br
@christusnobrega

**Ateliê de Canto Pamella
Anderson**

@_pamellaanderson

Ateliê de Canto Pedro Gandra

@gandra.pedro

**Ateliê de Canto Sandra
Crivellaro**

@scrivell

Ateliê de Canto Yana Tamayo

@yanitamayo

Ateliê Hangar do Maravalhas

Núcleo Rural Córrego Urubu
@nua_rara

Atelier Helena Lopes

SHIS QI 3, Conjunto 6, Casa 6
Lago Sul, Brasília, DF
www.atelierhelenalopes.com.br
@atelierhelenalopes

Ateliê Navega Navalha

Raquel Nava

SCLN 205, Bloco D, Loja 11
Asa Norte, Brasília, DF
www.raquelnava.net
@navega_navalha

Ateliê Sanagê Cardoso

SMDB, Conjunto 9, Lote 4, Casa D
Lago Sul, Brasília, DF
www.sanage.com.br
@artistasanage

Ateliê Taigo Meireles

Incra 7, Gleba 3/366
Brazlândia, DF
www.taigomeireles.com
@taigomeireles

**Ateliê Valéria Pena-Costa
+ Projeto Fuga**

SHIS, QI 26, Conjunto 5, Casa 1
Lago Sul, Brasília, DF
@valeriapenacosta

Casa Abya Yala

Rua 10, Chácara 139, Casa 30a
Vicente Pires, DF
@casaabyayala

Casa Aerada Varjão

Varjão do Torto, Quadra 1,
Conjunto B, Casa 06

Casa Albuquerque**Galeria de Arte**

SHIS, QI 05, Bloco C, Loja 9
Lago Sul, Brasília, DF
www.galeriaca.com
@casa_albuquerque

Centro de Artes Visuarte**Studio Art MD'Azevedo**

Rua 1, Lote 25, Vila Telebrasil
Asa Sul, Brasília, DF
www.centrodeartes.net
@centrodeartes

Clube de Colagem de Brasília

@clubedecolagembsb

COLAB: Coletivo Matriz**Arte e Maternagem**

@coletivomatriz

deCurators

CLN 412, Bloco C, Loja 12
Asa Norte, Brasília, DF
www.decurators.org
@decurators

Espaço Barthô Naif

Núcleo Rural Capão Comprido
São Sebastião, Brasília, DF
@barthonaif

**Espaço Berço das Águas
Nação Cerratense Atelier
de Arte**

Chácaras Euler Paranhos
Paranoá, DF
@_romulo.andrade

Fuzja Studio

SHIN QI 12, Conjunto 2, Casa 13
Lago Norte, Brasília, DF
www.fuzjastudio.com.br
@fuzjastudio

Galeria GUAVA

www.guava.gallery
@guava.gallery

Galeria Karla Osorio

SMDB Conjunto 31, Lote 1B
Lago Sul, Brasília, DF
www.karlaosorio.com
@galeriakarlaosorio

Galeria Olaria, Arte e Design

SCRN 716, Bloco D, Loja 18
Asa Norte, Brasília, DF
www.olariaartedesign.com.br
@galeriaolaria

Galeria Olho de Águia

Ed. Praiamar, Bloco D, Loja 12
Praça da CNF 1, Taguatinga, DF
www.jornalolhodeaguia.com.br
@galeriaolhodeaguiaoficial

Galeria Risofloras**Jovem de Expressão**

Jovem de Expressão, St. M EQNM
18/20, Praça do Cidadão, Bloco C
Ceilândia, DF
www.jovemdeexpressao.com.br
@jovemdeexpressao

Galeria Savta

CLN 309, Bloco C, Loja 10
Asa Norte, Brasília, DF
www.galeriasavta.com.br
@galeriasavta

Instituto Barraus**Ateliê Camila Soato**

Setor de Chácaras Santa Maria,
Lote 1434 C, Lagoa Formosa
Planaltina, GO
@camilasoato

BSB PLAN DAS ART ES

Patio Brasil Shopping,
Piso 3, Ala Norte
Asa Sul, Brasília, DF
www.patiogaleriadearte.com
[@patiogaleriadearte](#)

Ficha Técnica

Concepção, Coordenação-Geral e Curadoria

Cinara Barbosa

Produção Executiva

Cinara Barbosa
Elisa Mattos

Assistentes de Produção

Letícia Rick
Vinícius Martins Oliveira

Assistente Técnico

Vinícius Martins Oliveira

Estagiária

Walleska Maísa

Coordenação Administrativa

Elisa Mattos

Direção de Arte e Design Gráfico

Wagner Alves

Assessoria de Imprensa

Luiz Alberto Osório

Mídias Sociais

Roberta Pinheiro
Déborah Minardi

Produção de Rotas e Circuitos

Marx Lamare

Coordenador Editorial

André Vilaron

Fotografia do evento

Jean Peixoto

Fotografias dos espaços

André Vilaron
Cinara Barbosa
Gisele Lima
Lucena de Lucena
Fotografias realizadas por representantes de espaços, pela equipe BSB Plano das Artes e por voluntários que participaram e apoiaram o evento.

Revisão de Texto

Suely Gehre

Produção do Ponto de Encontro

BSB Plano das Artes
Elisa Mattos

Produção Técnica das Videoconferências

Thiago Barreto

Acessibilidade em LIBRAS

Maleta Cultural

Webmaster

Danyel Carvalho

Curso Livre de Formação Crítica

Clarissa Diniz
Daniela Name
Fernanda Lopes
Graça Ramos
Marília Panitz
Nahima Maciel

Assistentes de produção

Priscila Coser
Marina Vilaron

Comissão de Avaliação

André Vilaron
Cinara Barbosa
Luiz Alberto Osório
Roberta Pinheiro
João Almeida Neto
Marília Panitz

Entrevista

Cinara Barbosa (mediação)
Clarissa Diniz
Fernanda Lopes
Graça Ramos
Marília Panitz
Nahima Maciel

Entrevista – deggravação e revisão

André Vilaron
João Almeida Neto

Coordenação Pedagógica de Arte-Educação

Matias Monteiro

Coordenadora de Produção de Arte-Educação

Camila Pires

Arte-Educadores

Arthur Gomes
Bruna Araújo
Igor Schmidt Krieger
Isadora Godoy

Júlia Moana
Karoline de Araújo
Lucas de Oliveira Moura
Luiza Gabriela Coelho
Pedro Emmanuel Lacerda
Pedro Seixlack
Raiany Carvalho
Yuri Sousa Farias

Audiovisual Concepção e produção

Cinara Barbosa

Estúdio de Gravação

Estúdio 7um13
www.estudio7113.com

Produção Executiva

A Pilastra
Equipe Plano das Artes

Direção e Entrevistas

Cinara Barbosa
Gisele Lima
Lucena de Lucena

Câmera

Lucena de Lucena
Thiago Barreto

Edição

André Vilaron
Arthur Menezes
Davi Barbosa Vilaron
Thiago Barreto

Animação digital

Thiago Barreto

Impressão

Athalaia Gráfica
Tiragem: 800 exemplares

Agradecemos ao público, a representantes de espaços, voluntários e familiares que participaram e apoiaram o evento.

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

APOIO:



REALIZAÇÃO:



Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa



Protocolo de Biossegurança COVID 19

Diante da autorização do Governo do Distrito Federal para reabertura de espaços culturais, expressa no Decreto nº 41.913/2021. O BSB PLANO DAS ARTES apresenta os espaços disponíveis à visitação espontânea do público, nesta edição de 2021, mediante a adoção dos seguintes protocolos de biossegurança, a fim de garantir uma experiência segura para os visitantes e colaboradores desse projeto. As pessoas que escolherem o circuito presencial de visitas espontâneas aos espaços participantes do BSBPLANODASARTES - Distrito Aberto 3ª edição deverão aceitar os protocolos de biossegurança contra a Covid-19, obrigatório para a proteção do seu roteiro. **ABAIXO:**



- 1) Utilização obrigatória de máscara durante toda a permanência no Espaço Cultural.

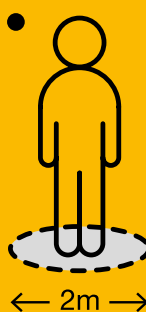


- 2) Aferição de temperatura a distância de visitantes e colaboradores, através de termômetro digital infravermelho, sendo vedado o acesso de quem estiver com temperatura superior a 37,5°C. Nesse caso, o indivíduo será orientado a dirigir-se a uma unidade de saúde para verificação mais detalhada de seu estado geral.



- 6) Aos espaços que possuem, elevador: O elevador deverá ficar restrito a pessoas com necessidades especiais ou mobilidade reduzida, sendo permitida uma pessoa por vez, com exceção de pessoas que necessitem de acompanhante e tenham convívio prévio.

- 7) Instalação de dispensers de álcool em gel é possível, tapetes sanitizantes com substância desinfetante em pontos estratégicos do espaço.



- 3) Controle em tempo real do público interno de forma a evitar aglomerações.

- 4) Visitas guiadas respeitando a distância de 1,5m a 2m dos colaboradores para os visitantes. As mediações deverão ser mais concisas, transmitindo informações e orientações de caráter mais essencial.

- 8) Suspensão da entrega de materiais gráficos (folders, panfletos, popcards), assim como do livro de assinaturas. O material informativo das exposições será disponibilizado de forma digital.

- 9) Orientamos a limpeza e manutenção frequentes dos aparelhos de ar-condicionado e seus componentes, de modo a evitar a difusão de agentes nocivos à saúde humana e manter a qualidade interna do ar.



- 5) Visitação de grupos por meio de agendamento prévio pelo aplicativo ou e-mail @ planodasartes.com.br. Os grupos não poderão exceder a capacidade máxima de pessoas por hora.

- 10) Orientamos limpeza e higienização frequentes de banheiros, copa, assentos, materiais de toques frequentes e demais equipamentos.

PL

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL



**CORREIO
BRAZILIENSE**

DESVIO
PRODUÇÕES CULTURAIS

UnB

**Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa**



ISBN 978-856253957-2



9

788562

539572